

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

Rosângela Oliveira Cruz Pimenta

**DIREITA, ESQUERDA, VOLVER: PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NA MÍDIA
BRASILEIRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO NO FUNCIONAMENTO
DISCURSIVO**

Maceió, 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**DIREITA, ESQUERDA, VOLVER: PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NA MÍDIA
BRASILEIRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO NO FUNCIONAMENTO
DISCURSIVO**

Rosângela Oliveira Cruz Pimenta

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do Grau de Doutora em Linguística, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante.

Maceió, 2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial Arriete Vilela
Bibliotecária Responsável: Iole Costa Terso / CRB 4/2109

P644d Pimenta, Rosangela Oliveira Cruz.

Direita, esquerda, volver: protestos de junho de 2013 na mídia brasileira e seus efeitos de sentido no funcionamento discursivo / Rosangela Oliveira Cruz, 2016. 175 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante. .
Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de
Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 170-175.

1. Discurso. 2. Sentido 3. Protestos. 4. Mídia Impressa. 5. Ideologia
I. Título.

CDU: 81'42: 659.3



TERMO DE APROVAÇÃO

ROSÂNGELA OLIVEIRA CRUZ PIMENTA

Título do trabalho: "DIREITA, ESQUERDA, VOLVER: PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NA MÍDIA BRASILEIRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante
Prof.ª Dra. Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Helson Flávio da Silva Sobrinho
Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PPGLL/Ufal)

Sóstenes Ericson Vicente da Silva
Prof. Dr. Sóstenes Ericson Vicente da Silva (PPGLL/Ufal)

Rosa Helena Blanco Machado
Prof.ª Dra. Rosa Helena Blanco Machado (UFBA) - UNEB

Kátia Maria Silva de Melo
Prof.ª Dra. Kátia Maria Silva de Melo (Ufal)

Maceió, 24 de outubro de 2016.

Aos meus filhos, Felipe e Mariana.

AGRADECIMENTOS

Eu não gostaria de fazer aqui um agradecimento formal, listando nomes de várias pessoas, familiares, amigos e colegas, como se faz normalmente em trabalhos acadêmicos. Mas gostaria sim, de trazer à memória pessoas de fato importantes demais na minha vida e que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a conseguir o maior título que um professor pode obter. Entre estas pessoas estão os meus avós paternos, que tanto amor e carinho me deram desde que nasci. Está o meu pai, que dava muito valor aos estudos, que ele próprio não pôde continuar, porque tinha que trabalhar, e muito, para criar os seus filhos.

Ao longo da minha jornada, tive dois filhos. Duas bênçãos, dois amores. São, literalmente, a minha força. E, na trajetória da minha história, ganhei uma filha "postiça", a minha querida nora Kassiane, a quem agradeço pela convivência tranquila e gostosa. Para não ser sempre só trabalhadora, mãe, estudante e nora a vida me deu de presente um grande amor...o professor Paulo Nin Ferreira, o qual agradeço imensamente por todo o apoio, compreensão e paciência durante a escrita dedicada deste texto.

Também fui agraciada com a felicidade de conhecer na Universidade Federal de Alagoas Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante, que foi a fonte inspiradora da minha paixão pela Análise do Discurso, além de orientadora, professora e amiga. Assim como meus companheiros de estrada: Adilza Rita, Ana Luíza Fireman, Raquel Fiúza, Antônio Lamaral e Fabiano Machado; meus professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que muito contribuíram qualitativamente para minha formação e para este trabalho e Wesllen Nicácio, pelas inúmeras e constantes ajudas.

Gostaria de fazer um agradecimento especial aos professores Sóstenes Ericson e Maria Leônia Garcia, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação.

Por fim, tenho um agradecimento especial a fazer, pois contei infinitas vezes com o apoio da minha amiga-irmã Flávia Ferreira da Silva Rocha, sem a qual, posso dizer sem dúvida, muito do que aconteceu de bom na minha vida não teria sido possível.

*Eu sou aquela mulher que fez a escalada
da montanha da vida, removendo pedras e
plantando flores...*

Cora coralina

*Quanto mais longe vou, mais estou
voltando para casa...*

Cora Coralina

RESUMO

Fundamentando-se na Análise de Discurso pecheuxtiana, este trabalho teve como objetivo desvelar os sentidos dos discursos jornalísticos das revistas Veja e CartaCapital sobre os protestos de junho de 2013. Para isso, recorreremos a alguns estudos da área nas obras de Pêcheux (1990, 1999, 2009, 2011, 2013), Courtine (2003, 2006, 2009), Eni Orlandi (1983, 1993, 1996, 2005, 2011), Zandwais (2009), Zoppi-Fontana (2003), entre muitos outros. Nosso corpus foram as reportagens destas duas revistas sobre os protestos no período de junho a dezembro de 2013. De acordo com a análise realizada, a pesquisa revelou que as designações dadas a protestos e manifestantes por parte da RV variaram, de acordo com os seus interesses, mas de maneira geral, elas apontaram para a valorização negativa dos termos, quando se tratava de protestos e manifestantes que se insurgiam contra o capitalismo nas ruas das grandes cidades. Já a revista CartaCapital apresentou um discurso heterogêneo com relação ao discurso da RV, pois revelou uma posição sujeito a favor dos protestos e dos manifestantes.

Palavras-chave: discurso - sentido - protestos - mídia impressa - ideologia

ABSTRACT

Basing on the Discourse Analysis by Pêcheux, this study aimed to unveil directions of journalistic speeches of Magazines *Veja* and *CartaCapital* about the June 2013 protests. In order to do it, I resorted to some studies in the field of Pêcheux Works (1990, 1999, 2009, 2011, 2013), Courtine (2003, 2006, 2009), Eni Orlandi (1983, 1993, 1996, 2005, 2011), Zandwais (2009), Zoppi-Fontana (2003), among many others. Our corpus were the reports of these two magazines about the protests from June to December 2013. According to the analysis, the research revealed that the designations given to the protests and protesters by the RV diverge according to their interests, however in general, they pointed to the negative appreciation of the terms when it came to protests and protesters who rebelled against capitalism in the streets of big cities. The *Carta Capital* magazine, on the other hand, presented a heterogeneous discourse in relation to the RV discourse, as it revealed a position in favor of the protests and protesters.

Key words: speech - direction - protests - print media – ideology

RÉSUMÉ

La recherche a pris comme base l'Analyse de Discours de Michel Pêcheux, et visait à dévoiler les sens du discours journalistique dans les magazines *Veja* et *CartaCapital*, relatif aux protestations de Juin 2013. À cet égard, nous avons réutilisé quelques études concernant les travaux de Pêcheux (1990, 1999, 2009, 2011, 2013), Courtine (2003, 2006, 2009), Eni Orlandi (1990, 1993, 1996, 2005, 2011), Zandwais (2009), Zoppi-Fontana (2003), parmi beaucoup d'autres. Notre corpus ont été les reportages de ces deux magazines concernant aux actes de protestations de Juin à Décembre 2013. Conformément l'analyse réalisé, la recherche a révélé que les noms donnés à des protestations et des manifestants de la RV varient en fonction de leurs intérêts, mais en général, ils ont souligné à l'évaluation négative des termes, quand il est venu à des protestations et les manifestants qui se sont opposé contre le capitalisme dans les rues des grandes villes. En revanche le magazine *CartaCapital* présenté un discours hétérogène sur le discours de RV que a révélé une position de sujet en faveur des protestations et les manifestants.

Mots-clé: discours – sens – des protestations – presse écrite – idéologie

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa da Revista Isto É, dia 26 de junho de 2013, 26 de junho de 2013, ano 37, nº 2275.	17
Figura 2 -	Capa da primeira Revista Veja, edição nº01, 11/09/1968.	41
Figura 3 -	Capa da primeira revista CartaCapital, em agosto de 1994.	43
Figura 4 -	Imagem de capa da Revista Veja, edição 2326, ano 46, nº 25, de 19 de junho de 2013.	73
Figura 5 -	Imagem de abertura da reportagem "A razão de tanta fúria - Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade", revista Veja, 19 de junho de 2013, edição 2326, pp. 84-85.	75
Figura 6-	Imagem de capa da Revista Veja, edição 2327, ano 46, nº 26, de 26 de junho de 2013.	84
Figura 7 -	Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.	86
Figura 8 -	Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.	88
Figura 9 -	Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.	90
Figura 10-	Imagem do golpe militar de 1964, em Brasília/DF.	91
Figura 11 -	Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.	92
Figura 12 -	Imagem de capa da Revista Veja, 03 de julho de 2013, ano 46, nº 27, pp. 54-58.	104
Figura 13 -	Imagem de abertura da reportagem "Não é que funciona mesmo?". Revista Veja, 03 de julho de 2013, ano 46, nº 27, pp. 54-58.	105
Figura 14 -	Imagem de capa da Revista Veja, de 21 de agosto de 2013, edição 2335, ano 46, nº 34	108
Figura 15 -	Imagem de abertura da reportagem "O bloco do quebra-quebra", da Revista Veja, de 21 de agosto de 2013, edição 2335, ano 46, nº 34.	109
Figura 16 -	Imagem da reportagem "O bloco do quebra-quebra", Revista Veja, edição 2335, ano 46, n 34, de 21 de agosto de 2013, p. 78-79.	116
Figura 17 -	Imagem de capa da Revista Veja, de 16 de outubro de 2013, edição 2343, ano 46, nº 42	118
Figura 18 -	Imagem de abertura da reportagem "A vitória da baderna", da Revista Veja, de 16 de outubro de 2013, edição 2343, ano 46, nº 42	119
Figura 19 -	Imagem de capa da Revista Veja, de 25 de dezembro de 2013, edição 2353, ano 46, nº 52	123

Figura 20	Imagem de abertura da reportagem "Os mascarados e os caras-limpas", da Revista Veja, de 25 de dezembro de 2013, edição 2353, ano 46, nº 52	124
Figura 21 -	Imagem de capa da Revista CartaCapital, 19 de junho de 2013, ano XVIII, N.º 753.	128
Figura 22 -	Imagem de abertura da reportagem "Rebeldes com causa". Revista CartaCapital, 19 de junho de 2013, ano XVIII, nº 753, pp. 32-33.	129
Figura 23 -	Imagem de capa da Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, N.º 754.	137
Figura 24 -	Imagem de abertura da reportagem "A massa incontrolável", Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, nº 754	138
Figura 25 -	Imagem de capa da reportagem "A política oxigenada", Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, nº 754	140
Figura 26 -	Imagem de capa da Revista CartaCapital, de 10 de julho de 2013, ano XVIII, nº 756.	148
Figura 27 -	Imagem de abertura da reportagem "É a hora do 'quebra-queixo' ", da Revista CartaCapital, de 10 de julho de 2013, ano XVIII, nº 756.	149
Figura 28	Imagem de capa da Revista CartaCapital, de 07 de agosto de 2013, ano XVIII, nº 760	151
Figura 29	Imagem de abertura da reportagem "O Black Bloc está na rua ", da Revista CartaCapital, de 07 de agosto de 2013, ano XVIII, nº 760	152

LISTA DE SIGLAS

- AD - Análise do Discurso
- ABIN - Agência Brasileira de Inteligência
- AIE - Aparelhos Ideológicos do Estado
- ARENA - Aliança Renovadora Nacional
- CC - Revista CartaCapital
- CP - Condições de Produção
- FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado
- FD - Formação Discursiva
- FI - Formação Ideológica
- FS - Formação Social
- LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
- MPS - Movimento Passe Livre
- MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- PDS - Partido Democrático Social
- PM - Polícia Militar
- PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PSB - Partido Socialista Brasileiro
- PT - Partido dos Trabalhadores
- PUC - Pontifícia Universidade Católica
- RV - Revista Veja
- SD - Sequências Discursivas
- USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A MÍDIA IMPRESSA, DISCURSO E PODER	25
2.1	Sobre mídia, mídia impressa, mídia oficial e grande mídia impressa	25
2.2	O que é reportagem e como a mídia a constrói	27
2.3	A mídia impressa e a defesa dos interesses da classe dominante	29
2.3.1	Como a língua pode estar a favor do poder ou confrontá-lo	31
2.4	O discurso da mídia impressa e seus efeitos de sentido: a "espetacularização" do acontecimento discursivo	32
2.5	O poder da mídia impressa em diversos momentos históricos	36
2.6	Como se constituiu a Revista Veja e a CartaCapital	41
3.	PERCURSO TEÓRICO	45
3.1	A Análise do Discurso Pecheuxiana	45
3.2	As categorias de Análise	59
3.3	Quanto a análise de imagens	63
4	OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL: REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL	66
4.1	As Condições de produção dos discursos sobre os protestos	66
4.2	Revista Veja edição 2326	73
4.2.1	Imagem de capa	73
4.2.2	Imagem de abertura da reportagem	75
4.2.3	As sequências discursivas	76
4.3	Revista Veja edição 2327	84
4.3.1	Imagem de capa	84
4.3.2	Imagem de abertura da reportagem	86
4.3.3	Imagem de abertura da 2º sub-tema da reportagem	90
4.3.4	Imagem de abertura do 8º sub-tema da reportagem	92
4.3.5	As sequências discursivas	92
4.4	Revista Veja edição 2328	104
4.4.1	Imagem da capa	104
4.4.2	Imagem de abertura da reportagem	105
4.4.3	As sequências discursivas	105
4.5	Revista Veja edição 2335	108
4.5.1	Imagem de capa	108
4.5.2	Imagem de abertura da reportagem	109
4.5.3	As sequências discursivas	111
4.6	Revista Veja edição 2343	118
4.6.1	Imagem de capa	118

4.6.2	Imagem de abertura de reportagem	119
4.6.3	As sequências discursivas	119
4.7	Revista Veja edição 2353	123
4.7.1	Imagem de capa	123
4.7.2	Imagem de abertura da reportagem	124
4.7.3	As sequências discursivas	125
4.8	Revistas CartaCapital números 753,754,756 e 760 no período de junho a dezembro de 2013	126
4.8.1	Revista CartaCapital N.º 753	128
4.8.1.1	Imagem de capa	128
4.8.1.2	Imagem de abertura de reportagem	129
4.8.1.3	As sequências discursivas	130
4.8.2	Revista CartaCapital N.º 754	137
4.8.2.1	Imagem de capa	137
4.8.2.2	Imagem de abertura da 1ª reportagem	138
4.8.2.3	Imagem de abertura da 2ª reportagem	140
4.8.2.4	As sequências discursivas	140
4.8.3	Revista CartaCapital N.º 756	148
4.8.3.1	Imagem de capa	148
4.8.3.2	Imagem de abertura da reportagem	148
4.8.3.3	As sequências discursivas	149
4.8.4	Revista CartaCapital N.º 760	151
4.8.4.1	Imagem de capa	151
4.8.4.2	Imagem de abertura da reportagem	152
4.8.4.3	As sequências discursivas	153
4.9	Comparação das análises dos discursos das materialidades das revistas Veja e CartaCapital	157
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS	170

1 INTRODUÇÃO

Manifestações surgiram do nada. Não, as manifestações surgem do tudo. De uma ressaca de excessos do governo, de uma escassez de democracia, de um conjunto de fatores, como carências do essencial, entre elas saúde, educação e transportes, e um excesso de outros fatores como corrupção, violência, injustiça e desvalorização dos valores que movem qualquer país liberal.

Bruno Borges¹

O nosso objeto de estudo são as discursividades produzidas pela mídia impressa sobre os protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013 e, como afirma Bruno Borges (2014), na epígrafe acima, eles não vieram do nada. Podemos dizer, hoje, que eles nasceram, inicialmente, da insatisfação sobre mais um aumento de passagens de ônibus, mas que se desenvolveram na esteira de insatisfações generalizadas sobre as condições econômicas e sociais do Brasil.

Ao final do período da ditadura militar tivemos manifestações como o movimento pelas *Diretas Já* e pela anistia e no início do período democrático os protestos pelo impeachment de Fernando Collor, o *Fora Collor*. Mas o que estes protestos de junho têm de diferente dos anteriores? Podemos adiantar que, pelo menos, duas grandes diferenças se destacaram nestas manifestações de junho de 2013: a primeira é que elas foram organizadas nas redes sociais, pelos mais diferentes segmentos da sociedade e a segunda é que elas se diziam não comprometidas com lideranças político/partidárias de nenhum dos lados - nem da direita, nem da esquerda.

Por isto mesmo, inicialmente, a mídia, de maneira geral, adotou uma posição oscilante com relação a ser a favor ou contra os movimentos, pois não sabia a dimensão que os protestos iriam tomar. Num primeiro momento, mostrou-se contrária aos atos para, logo em seguida, mudar de posição e, simultaneamente passar a classificá-los ora como movimentos pacíficos ora como badernas, atos de vandalismo e anarquismo.

O que é possível observar é que o discurso veiculado na mídia brasileira, tanto impresso, quanto televisivo, sobre estas manifestações, constituem efeitos de

¹ PhD em Ciência Política pela Duke University e professor da PUC-RJ.

sentido e direcionam posicionamentos cotidianos, do ponto de vista histórico/ideológico. Tais posicionamentos, principalmente para o leitor comum, levado pela ilusão de que o que lê é sempre neutro, apartidário, inofensivo, pode contribuir, de muitas formas, para a consolidação da classe dominante no poder e para assistirmos à desvalorização da classe trabalhadora, que se encontra cada vez mais subjugada.

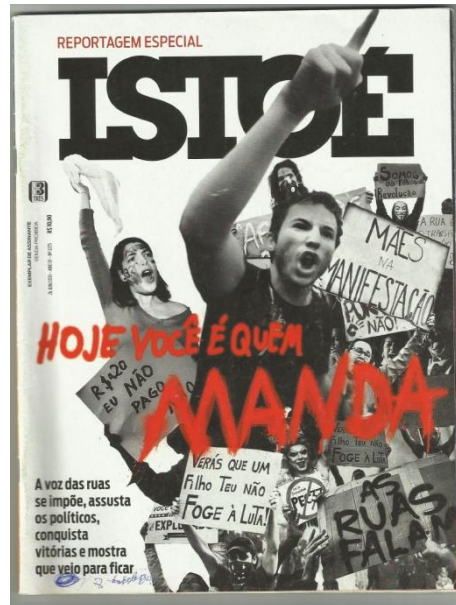
O discurso da mídia atinge/afeta cada vez mais leitores pelo processo de identificação e superidentificação², porque através do sentido produzido ele se "oficializa", se consolida socialmente como a voz da verdade, colocando-se como estando "ao lado" do povo, do trabalhador, para manipulá-lo mais facilmente.

Logo após os primeiros protestos, nos chamaram a atenção a forma como algumas revistas de âmbito nacional retrataram o que ocorreu nas ruas. Identificamos algumas reportagens sobre os protestos que ganharam um tom acusatório, de que o que estava ocorrendo era uma transgressão, uma bagunça, uma desordem. Em outras, o tom era mais reflexivo, mais ponderado, demonstrando que a leitura do que estava ocorrendo não era única e as opiniões não eram unânimes.

A repercussão dos protestos ganhou tanto espaço na mídia que os telejornais não paravam, na época, de noticiar os fatos (dando um panorama do que estava ocorrendo no Brasil inteiro constantemente) e alguns periódicos, como, por exemplo, a revista *Isto É*, elaborou um caderno especial sobre o evento, para noticiar para os leitores o momento que estávamos vivendo. Como se vê na imagem da capa a seguir:

Figura 1 - Capa da Revista *Isto É*, dia 26 de junho de 2013, 26 de junho de 2013, ano 37, nº 2275

² Trataremos dos conceitos de identificação e superidentificação mais adiante.



Esta reportagem especial foi publicada no dia 26 de junho de 2013 (edição 2275), período que também foi marcado por muitos protestos no Brasil e no mundo³ e trouxe, além de muitas fotos e diversas reportagens, entrevistas, opiniões, um panorama da rede mundial de protestos e uma discussão sobre as regras de uso e as regulamentações da utilização pela polícia das armas menos letais (spray de pimenta, balas de borracha e gás lacrimogêneo), entre outros assuntos relacionados aos protestos. Retomaremos novamente a capa desta reportagem mais adiante, durante as nossas análises.

A TV Folha também produziu o documentário intitulado *Junho - O mês que abalou o Brasil*, com duração de 1h11min, que, segundo este mesmo canal, foi produzido sem recursos públicos, para noticiar sobre os movimentos. O documentário inicia mostrando as condições dos transportes públicos urbanos no Brasil e exibe depoimentos sobre os protestos de integrantes do Movimento Passe Livre (MPS); cientistas políticos; sociólogos; filósofos; psicanalistas; cidadãos comuns; integrantes da Polícia Militar (PM), a Mídia Ninja, e o depoimento da repórter da Folha de São Paulo, Giuliana Vallone, que foi atingida no olho por uma bala de borracha, no dia 13/06/2013, durante o protesto.

³ Alguns movimentos, neste período, ocorreram nos EUA, em solidariedade aos movimentos no Brasil - em Boston, em Miami, em Toronto; na Cidade do México; em Buenos Aires, em Berlim; em Barcelona; em Hamburgo; em Sidney; em Lisboa; em Bolonha, entre outros.

Também identificamos a publicação de duas obras intituladas *Jornadas de Junho - A revolta popular em debate* (SAMPAIO JUNIOR, 2014), publicada pelo Instituto Caio Prado Júnior, com artigos escritos por autores que além de serem professores universitários, são também militantes de partidos de esquerda⁴, editores de revistas, escritores, pesquisadores e a obra *Não é por centavos - um retrato das manifestações no Brasil* (ALVES, 2014), que também é escrita por professores universitários, mas que atuam simultaneamente como jornalistas, escritores, entre outras atividades, e traz visões diferentes sobre os protestos de junho de 2013. São obras que nos guiaram pelas diversas opiniões sobre o que estava ocorrendo e nos ajudaram a entender um pouco sobre os protestos e as condições de produção do discurso.

Tendo como objeto de estudo os discursos produzidos pela mídia impressa sobre os protestos, como já dissemos, delineamos melhor o nosso enfoque a partir da definição dos nossos objetivos:

a) Analisar o funcionamento das denominações *protestos* e *manifestantes* e de seus enunciados definitórios (adjetivações, apostos, entre outros)

b) Analisar os discursos imagéticos da capa e as que compõem as matérias de reportagem, buscando estabelecer as relações de consenso ou dissenso entre elas e as materialidades discursivas, bem como entender os seus sentidos no corpo da reportagem.

c) Analisar as descrições⁵ sobre os protestos de junho de 2013, tal como foi estabelecido pelo discurso jornalístico das revistas *Veja* e *CartaCapital*.

A seleção das SD no corpus de análise ocorreu, a partir da ocorrência dos termos "protestos" e "manifestantes" nas referidas materialidades e das imagens que constavam nas reportagens, com matérias assinadas.

É importante aqui conceituar o que chamamos de reportagens, pois as revistas trazem vários gêneros jornalísticos no seu conteúdo. Concordamos com Lage (2012, p. 39), quando diz que "a reportagem aborda um assunto em visão jornalística", a partir de acontecimentos geradores de interesse, explorando suas implicações, levantando antecedentes, investigando-o e interpretando-o.

⁴ Para a noção de partidos de direita e esquerda ver Bobbio, 2011.

⁵ Utilizaremos, neste trabalho, os termos descrição, denominação e designação como sinônimos.

Nesse sentido, alguns questionamentos se fazem necessários em relação ao discurso das reportagens que constituem nosso corpus: quais os efeitos de sentido produzidos pelos discursos das revistas Veja e CartaCapital em relação aos protestos e aos manifestantes das Jornadas de junho de 2013? E ainda: o discurso das revistas analisadas é uniforme e homogêneo ou são heterogêneos entre si? Em que sentido se dá essa homogeneização ou heterogeneização? Qual a posição sujeito de cada revista? Como é produzido o efeito de imparcialidade das mesmas?

Em função desses questionamentos, o centro da nossa pesquisa está nos mecanismos do funcionamento discursivo que revelam a não imparcialidade dos discursos das reportagens produzidas pelas revistas Veja e CartaCapital sobre os protestos de junho de 2013. Nas palavras de Pêcheux (2009, p. 82), "todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes".

Mesmo sabendo que não existe discurso neutro (ORLANDI, 2005; BAKHTIN, 1999; PÊCHEUX, 2009), acreditamos ser importante demonstrar aqui como ocorre o funcionamento discursivo das revistas evidenciando a não neutralidade de ambas.

A relevância deste estudo também se justifica porque ao estabelecermos a relação entre mídia, discurso e sentidos, na qual o nosso trabalho se situa, contribuímos para analisar vários outros discursos veiculados pela mídia que escamoteiam seus verdadeiros objetivos de manipulação do leitor.

Além disso, no cenário político-ideológico que o Brasil vive atualmente, é preciso conhecer mais profundamente estas manifestações e os discursos sobre elas, pois temos, pelo menos, duas perspectivas que empoderaram estes movimentos de 2013: a) eles constituíram um marco divisor de águas de um novo momento que o Brasil está vivendo e b) este acontecimento histórico teve uma grande repercussão tanto nacional como internacionalmente e foi matéria de várias revistas e jornais dentro e fora do país, o que já o legitima como um dos grandes momentos históricos do início do século XXI.

A razão da nossa escolha pelas revistas Veja e CartaCapital se deu pelo fato de estas duas revistas serem vistas pelo senso comum como antagônicas ideologicamente - a primeira sendo de direita e a segunda, considerada de esquerda.

Quanto ao corpus, como já dissemos, as revistas foram escolhidas dentro do período de junho a dezembro de 2013. A justificativa para a seleção destas revistas

não foi aleatória, ela se deu, no caso da Revista Veja, em função de as reportagens sobre os protestos serem reportagens de capa em todas elas, como matéria principal ou não, com exceção da última revista do ano de 2013, que traz uma retrospectiva do ano com os dizeres na capa "Dilemas Éticos de 2013 - o certo e o errado no ano que passou", que não fala dos protestos, mas a foto de fundo é o abraço dado pelos manifestantes numa das conchas do Congresso Nacional.

Com relação à Revista CartaCapital, a seleção das revistas foi realizada em função também das reportagens dos protestos serem matérias de capa, com exceção da de número 756, de 10 de julho, que traz uma matéria de quatro páginas sobre os protestos, que dialoga como resposta à matéria de Veja na edição 2328, de 03 de julho, e por isto foi considerada importante para ser inserida como corpus. As revistas selecionadas têm as seguintes datas e edições:

Revista VEJA

- 19 de junho de 2013, edição 2326, com a reportagem "A razão de tanta fúria", pp. 84-93.
- 26 de junho de 2013, edição 2327, com a reportagem "Os setes dias que mudaram o Brasil", pp. 61-91.
- 03 de julho de 2013, edição 2328, com a reportagem "*Não é que funciona mesmo?*", pp. 55-59.
- 21 de agosto de 2013, edição 2335, com a reportagem "*O bloco do quebra-quebra*", pp. 72-79.
- 16 de outubro de 2013, edição 2343, com a reportagem "*A vitória da baderna*", pp. 58-61.
- 25 de dezembro de 2013 (acervo digital), edição 2353, com a reportagem "Os mascarados e os caras-limpas", pp. 104-105.

Revista Carta Capital

- 19 de junho de 2013, N.º 753, com a reportagem "Rebeldes com causa", pp. 32-35.

- 26 de junho de 2013, N.º 754, com a reportagem "A massa incontrolável", pp. 24-30 e "A política oxigenada", pp. 32-33.
- 10 de julho de 2013, N.º 756, com a reportagem " É a hora do quebra-queixo", pp. 30-34.
- 07 de agosto de 2013, N.º 760, com a reportagem " O Black Bloc está na rua", pp. 22-26.

No momento da seleção do nosso corpus, o Brasil vivia treze anos de governo com o Partido dos Trabalhadores (PT) à frente da Presidência da República. Havia um nítido choque de interesses entre os partidos políticos, tanto na base aliada do governo, como nos partidos de oposição. A mídia impressa, principalmente as revistas escolhidas, posicionavam-se politicamente representando cada uma a oposição ou o apoio ao governo do PT.

A partir de Courtine (2009), caracterizamos a forma do nosso corpus como sendo constituídos por várias sequências discursivas extraídas das duas revistas em 2013, assim como as imagens que compõem as matérias, ou seja, é pré-existente quanto à sua natureza e é sincrônico em relação às duas revistas (isto é, o período das produções das reportagens analisadas é o mesmo) e diacrônico quanto à sua sequencialidade temporal (o que quer dizer que a publicação das revistas ocorreu em 2013, mas a análise destes arquivos ocorreu em 2016), além de possivelmente apresentarem posições ideológicas heterogêneas e, por sua vez, provavelmente, diferentes formações discursivas e diferentes posição-sujeito.

A teoria adotada no nosso trabalho foi a Análise do Discurso, de corrente pecheuxtiana, pois a AD é uma teoria que analisa o discurso não do ponto de vista da estrutura, mas numa perspectiva histórica-linguística-ideológica.

Dessa forma, ser analista do discurso é pensar para além da língua como sistema, levando em conta o contexto histórico-social de produção dos sentidos, a partir do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso. E isto é considerar a leitura e os sentidos de maneira muito diferenciada, longe da linearidade e da transparência, pois, como nos diz Orlandi (1996, p. 09), a AD questiona a noção de interpretação e lhe dá um outro norte, porque esta teoria consegue

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas

diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é a contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

Esta relação menos ingênua com a linguagem e esse comprometimento com os sentidos e com o político consolida a nossa opção pela AD pêncheuxtiana, justifica a relevância desta pesquisa e nos lança um compromisso, especialmente como professora de língua. Ao desenvolvermos esta investigação nos propomos a contribuir para construirmos uma outra forma de nos relacionarmos com os discursos, que nos dê instrumentos capazes de entender o não-dito, o silenciado, lembrando que os sentidos são sempre administrados e, quase sempre, isto acontece por quem detém o poder, como a mídia impressa das revistas de circulação nacional, pois nunca é demais lembrar que, segundo Courtine (2009, p. 33), é possível que

em uma determinada conjuntura da história de uma formação social, 'sujeitos falantes', tomados na história, possam concordar ou discordar sobre o sentido dado às palavras, falar diferentemente, falando exatamente a mesma língua.

É, pois, a partir dos pressupostos teóricos da AD, que considera que sempre um outro sentido é possível, que desenvolveremos a análise das materialidades discursivas.

Este trabalho está estruturado em seis seções, contando com esta *Introdução*. Na segunda seção, intitulada *A Mídia Impressa, Discurso e Poder*, debatemos sobre o que é reportagem e como a mídia a constrói; a mídia impressa e a defesa dos interesses da classe dominante; como a língua pode estar a favor do poder ou confrontá-lo; o discurso da mídia impressa e os seus efeitos de sentido; o poder em diversos momentos históricos e como se constituíram as revistas *Veja* e *CartaCapital*.

Na terceira seção, *A Análise do Discurso Pêcheuxiana*, discorreremos sobre a teoria da Análise do Discurso, buscando explicitar as razões pelas quais optamos por uma teoria do discurso para analisarmos nosso objeto; quais são, entre tantas, as categorias de análise postas pelo objeto e sobre a análise de imagens.

Na quarta e penúltima sessão, *Os Protestos de Junho de 2013 no Brasil: Revistas Veja e Carta Capital*, analisamos as Condições de produção dos protestos, suas formações discursivas e ideológicas, o histórico dos manifestantes e as posições-sujeito das Revistas Veja e Carta Capital.

As *Considerações Finais* é a nossa última sessão, na qual apresentamos os resultados da nossa investigação em função da tese que apresentamos no início desta seção.

Ao finalizarmos esta parte, desejamos partilhar a satisfação de estarmos contribuindo para uma análise sobre o desvelamento dos sentidos que esta tese pode ajudar a construir.

2 A MÍDIA IMPRESSA, DISCURSO E PODER

"(...) só existe imprensa livre quando o povo é livre; imprensa independente, em nação independente - e não há nação verdadeiramente independente em que o povo não seja livre."

Nelson Werneck Sodré

Para iniciarmos esta seção consideramos importante retomar a tese do nosso trabalho: o desvelamento dos mecanismos do funcionamento discursivo que revelam a não imparcialidade dos discursos das reportagens produzidas pelas revistas *Veja* e *CartaCapital* sobre os protestos de junho de 2013.

Com base nisto, trataremos nesta seção das relações de poder que a mídia impressa confere a partir de suas posições, para tanto, dividimos esta seção em seis tópicos, nos quais: 1. Discutiremos as diferenças entre o que aqui consideramos como mídia, mídia impressa, mídia oficial e grande mídia impressa; 2. Discorreremos sobre o que é reportagem e como elas são construídas; 3. Abordaremos como alguns veículos da mídia impressa se prestam a defender os interesses da classe dominante; 4. Trataremos sobre os efeitos de sentido provocados pela espetacularização dos acontecimentos; 5. apresentaremos como se deu o poder da mídia impressa em diversos momentos históricos e 6. Dedicamos um espaço para narrar a constituição das Revistas *Veja* e *CartaCapital*, pois ambas, como já dissemos, constituem o universo discursivo de onde extraímos o corpus do nosso trabalho.

2.1 Sobre mídia, mídia impressa, mídia oficial e grande mídia impressa

Em *Discurso das Mídias* (2009, p. 15), Charaudeau conceitua mídia como sendo um suporte organizacional que se apossa das noções de informação e comunicação, que são fenômenos sociais, "para integrá-las em suas diversas lógicas - econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã)."

Ainda nesta obra, ele afirma que é a lógica simbólica que governa todas as demais, pois ela é "a maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais,

constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido". (Op. Cit., p. 16)

Com efeito, concordamos com o autor e acrescentamos que, mesmo sob a égide do mito da imparcialidade da mídia, do ponto de vista do discurso, é na lógica simbólica que ocorrem as manipulações, as deturpações, a propagação de "meias verdades", os mascaramentos das informações, que irão formar a opinião pública.

Nesta *mise en scène*, podemos dizer que a mídia impressa, "uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel" (Idem, p. 113), é uma das mídias mais eficazes, porque as palavras impressas servem de comprovação, para as quais se pode retornar a qualquer momento e, ao mesmo tempo, como várias outras mídias, estabelece uma distância entre quem enuncia e o sujeito leitor, o que promove a possibilidade de diferentes interpretações, sem contestações imediatas (Charaudeau, 2009).

A mídia impressa, diferente dos outros veículos de comunicação, informa com maior precisão de detalhes e analisa as situações que envolvem cada acontecimento, visto que a televisão, o rádio e, por vezes, a própria mídia eletrônica, se resume a apresentar as notícias ao redor do mundo, que são tantas e acontecem a todo momento, não possibilitando o entendimento mais profundo (origens, razões) sobre o ocorrido. Através, principalmente, das reportagens, os jornais têm a possibilidade de ir fundo nos acontecimentos, revelando fatos desconhecidos, esclarecendo o público leitor cada vez mais. Mas, muitas vezes, isto não ocorre. Ramonet (2013, p. 69) nos explica porque:

(...) há gêneros jornalísticos que estão em vias de desaparecimento, como é o caso da reportagem. Não me refiro ao correspondente que eu mando hoje para um lugar e amanhã para outro, isso me serve como álibi porque 'tenho alguém lá'; mas, na verdade, a informação que dou é a que recebo na redação, proveniente de todos os tipos de fontes. Refiro-me ao jornalista que faz uma reportagem de fundo, mas isso custa caro demais. O que está desaparecendo é principalmente o jornalismo de investigação. É cada vez mais difícil ter uma equipe de jornalistas trabalhando durante meses sobre um assunto, procurando revelar coisas que não sabemos.

Além de tudo, é fato que há um tipo de censura no que é publicado, pois há notícias que chegam aos leitores e outras são simplesmente silenciadas. Associando, então, as censuras sobre as notícias que a mídia exerce e o que

dissemos agora sobre a falta de análise dos acontecimentos jornalísticos, é possível pensar que há uma crise na função social da mídia impressa, principalmente porque ela não está a serviço do jornalismo verdadeiramente informativo, garantindo a veracidade da informação, sendo isenta e objetiva no que publica, mas sim a serviço de difundir "ideologias disfarçadas de informação - 'ideologia' talvez seja uma palavra politizada, digamos que promovem uma visão de mundo, uma maquete do mundo, um mundo ideal. De maneira geral, é isso que os meios de comunicação fazem" (SERRANO, 2013, p. 63).

Nesse sentido, retomamos a epígrafe de Sodré que relaciona, de forma bastante competente, a liberdade de imprensa à liberdade da nação, ou seja, há povo livre quando há nação independente e, no nosso caso, a nação brasileira está sob a égide do capital e dos países (principalmente os EUA) que o defendem.

Achamos pertinente no nosso trabalho, a discussão sobre mídia oficial e grande mídia impressa e tomaremos esta última, então, no mesmo sentido de Melo (2013, 170), como sendo "a imprensa hegemônica brasileira, aquela que exerce maior poder no jogo do mercado que envolve a rede de práticas de *mass media* em nosso país". Nesse sentido, o nosso corpus de pesquisa, ou seja, as revistas *Veja* e *CartaCapital*, fazem parte dessa grande mídia impressa do Brasil.

Quanto à mídia oficial, poderíamos aqui pensar nos jornais que publicam atos, decretos, portarias, etc., do governo, para regular a gestão de cada governante. Mas a questão é que o impresso tido como oficial (como o próprio Diário Oficial da União) também circula valores e sentidos que corroboram com os seus interesses.

Nesse sentido, o termo imprensa oficial aqui será usado apenas para designar os impressos da imprensa governamental, seja do Império ou mesmo da República.

2.2 O que é reportagem e como a mídia a constrói

Como já dito na seção da Introdução, voltamos a Lage (2012, p. 39), para dizer novamente que "a reportagem aborda um assunto em visão jornalística", a partir de acontecimentos geradores de interesse, explorando suas implicações, levantando antecedentes, investigando-o e interpretando-o.

Para Charaudeau (2009), a reportagem é construída a partir de um fenômeno social ou político já conhecidos, ou tidos como conhecidos, pelo público leitor, para

explicá-los melhor. Embora se diga, que este gênero deveria ter um caráter imparcial, este mesmo autor (Op. Cit., 222) afirma: "não há questionamento nem tentativa de análise (inclusive no domínio científico) que possa fazer-se fora de um pensamento crítico, ou seja, de encontro a outros pontos de vista".

Lembramos que foi entre 1924 e 1925 que Assis Chateaubriand inseriu em seu primeiro jornal, intitulado *O Jornal*, uma inovação de êxito na imprensa americana - as reportagens:

Para secretário de redação contratou o jornalista Azevedo Amaral, que era redator-chefe do *Correio da Manhã*, e sugeriu a ele que começasse a substituir os intermináveis e soníferos artigos que ocupavam meia, uma e até duas páginas por uma novidade que fazia muito sucesso na imprensa dos Estados Unidos - **as reportagens**. A primeira delas causou furor entre os leitores e tratava de um personagem cuja sombra acompanharia Chateaubriand por muitas décadas: o coronel e etnólogo inglês Percy Fawcett, que surgira no Brasil acompanhado de um filho e de um ajudante para 'libertar a população' de uma suposta Atlântida encravada na Amazônia brasileira, uma sociedade de 10 mil anos de existência, povoada por brancos e implantada sobre o maior veio de ouro do planeta. Quando *O jornal* se interessou pelo assunto, Fawcett já se embrenhara pela selva adentro - de onde, aliás, jamais retornaria. Mas o talentoso Azevedo Amaral **mandou ouvir dezenas de pessoas que haviam estado com Fawcett antes da partida, o que foi suficiente para que o próprio redator-chefe do jornal escrevesse uma emocionante série de reportagens intitulada 'Haverá uma Atlântida brasileira?'**. O material foi publicado contra os conselhos de Cândido Rondon, que conhecera Fawcett e a quem considerava 'uma combinação de embusteiro e louco, um megalomaniaco alucinado que está atrás de ouro ou apenas de se promover na Europa'. (MORAIS, 1994, p. 143) (Grifo nosso)

Dessa forma, as reportagens se instalam na imprensa brasileira e inauguram mais uma forma de distrair, entreter o público, dando a ideia de informá-lo, buscando atrair sua atenção com frivolidades, amenidades, narradas de forma emocional ou colocar sua atenção em assuntos que são tratados exclusivamente pelo ponto de vista do redator, sem nenhuma preocupação com a veracidade dos fatos.

Numa obra intitulada *Número Zero*, Humberto Eco, nos presenteia com o que a crítica chamou de *um manual do mau jornalismo*. Em uma de suas passagens, um personagem diz:

Observem os grandes jornais de língua inglesa. Quando falam, sei lá, de um incêndio ou de um acidente de carro, evidentemente não

podem dizer o que acham daquilo. Então inserem no artigo, entre aspas, as declarações de uma testemunha, um homem comum, um representante da opinião pública. Pondo-se aspas, essas afirmações se tornam fatos, ou seja, é um fato que aquele sujeito tenha expressado tal opinião. Mas seria possível supor que o jornalista tivesse dado a palavra somente a quem pensasse como ele. Portanto, haverá duas declarações discordantes entre si, para mostrar que é fato que há opiniões diferentes sobre um caso, e o jornal expõe esse fato irretorquível. A esperteza está em pôr antes entre aspas uma opinião banal e depois outra opinião, mais racional, que se assemelhe muito à opinião do jornalista. Assim o leitor tem a impressão de estar sendo informado de dois fatos, mas é induzido a aceitar uma única opinião como a mais convincente (ECO, 2015, p. 615).

E continua:

-Mas para passar opiniões sem dar na vista também há outros meios. Para saber o que vai se pôr num jornal é preciso, como se diz nas outras redações, organizar a pauta. Notícia para se dar há infinitas no mundo, mas por que dizer que houve um acidente em Bergamo e ignorar que houve outro em Messina? **Não são as notícias que fazem o jornal, e sim o jornal que faz as notícias** (Idem, p. 638). (Grifo nosso)

A despeito da obra ficcional, na realidade, a mídia impressa carrega a possibilidade de gerar matérias induzidas, simular acontecimentos, noticiar de forma espetacularizada algumas notícias e silenciar outras, pois como veremos a seguir, a mídia impressa esteve e está a favor da defesa dos interesses da classe dominante.

2.3 A Mídia impressa e a defesa dos interesses da classe dominante

Historicamente, o papel dos meios de comunicação era informar os mais variados eventos locais, nacionais e internacionais ao público. O importante era noticiar, divulgar o que ocorria em toda parte. No entanto, as notícias nunca eram isentas de opiniões pessoais sobre o que estava ocorrendo. Como nos diz Sodré, na epígrafe que abre esta seção, a imprensa não é independente quando o país continua dependente e o seu povo não é livre. E, como sabemos, historicamente também, aqui no Brasil e em diversas outras partes do mundo, os meios de comunicação sempre estiveram nas mãos ou sob a tutela da classe dominante.

Basta lembrarmos que a imprensa oficial nasceu no Brasil a partir da chegada de D. João VI e a família real e era toda regulada por Portugal. Não se tinha

imprensa livre e nada podia ser editado aqui, sem ter a autorização do país colonizador.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996), o primeiro jornal oficial a circular no Brasil foi *A Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, e não era de cunho informativo, mas de notícias de interesse da Corte (uma espécie de Diário Oficial) e já pretendiam nortear a opinião pública.

A formação da opinião pública surge com a imprensa de massa, em meados do século XIX, segundo Ramonet (2013, p. 65), que afirma: "A imprensa faz, constrói, cria opinião pública". E, por diversas razões, sobretudo políticas e econômicas, (para esse mesmo autor) a imprensa está nas mãos de oligarcas, ricos e poderosos, representantes da classe dominante:

Em virtude da concentração excessiva dos meios de comunicação, a imprensa escrita está passando para as mãos de indivíduos que poderíamos chamar de oligarcas. Eles são donos de uma grande fortuna e, como os preços dos jornais impressos afundaram em razão da crise, podem comprar e dispor de publicações. Mas eles não fazem isso para ganhar dinheiro, pois atualmente, ninguém ganha dinheiro (ou ganha muito pouco) com a imprensa escrita; esta é, antes, uma atividade onde se perde dinheiro. Então, para que as comprem? Para ganhar influência, **para ter um projeto ideológico, um projeto político, um projeto dominante.** (pp. 61-62) (Grifo nosso)

Dessa forma, talvez seja possível pensar que os grupos oligarcas da imprensa não defendem os direitos dos cidadãos⁶, mas dos grupos proprietários, e se tornaram uma potente "ferramenta ideológica da globalização" (p. 63).

Uma vez estando dito de que lado a imprensa se coloca, é preciso pensar como o convencimento ideológico é feito, pois como diz Florêncio (2009, p. 105)

Se o discurso é mediação entre os homens, efeitos de sentido entre interlocutores, isto significa que não estamos tratando de transmissão de informação, mas sim de efeitos de sentido que devem ser levados em consideração (...).

Observemos, então, como a língua pode ser instrumento de poder e organizar discursos que interpelam os sujeitos pela identificação com a formação discursiva

⁶ O conceito de cidadãos/cidadania será abordado logo mais adiante.

que o domina ou pode promover uma contra-identificação⁷ sobre esse mesmo discurso.

2.3.1 Como a língua pode estar a favor do poder ou confrontá-lo

Num texto intitulado *Delimitações, Inversões, Deslocamentos* (publicado pela primeira vez em 1982), Pêcheux trata sobre questões que associam a língua na sua relação com o social e o político. Ele inicia o texto com uma figura que ele denomina de espectro, no sentido de fantasmas atravessando a história; truques fantasmagóricos que iludem ou uma análise "espectral" das revoluções, para pensar a linguagem a partir das revoluções. Pêcheux diz:

(...) toda língua é marcada precisamente nos deslocamentos e disfarces que afetam a representação de um processo revolucionário para seus próprios atores (...) Portanto, se no espaço revolucionário tem-se a questão da passagem de um mundo a outro, a relação com o invisível é aí inevitavelmente colocada, do mesmo modo como nas formas históricas da contra-revolução: o conjunto constitui um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história (1990, p.09).

Nunca é demais lembrar que na Revolução Francesa, os sujeitos para tornarem-se cidadãos deveriam se libertar de sua língua materna, provocando uma mudança estrutural nas lutas ideológicas: uma língua única e indivisível, "como a República" (Op. cit., p. 09).

Para tornar-se cidadãos, os sujeitos deviam, portanto, se libertar dos particularismos históricos cujo imediatismo visível os entravava: seus costumes locais, suas concepções ancestrais, seus 'preconceitos'...**e sua língua materna:** a 'questão linguística' chega politicamente à ordem do dia, e desemboca na alfabetização, no aprendizado e na utilização legal da língua nacional (Op. cit., p. 10). (Grifo nosso)

A questão posta, e isto fica muito claro em Gadet e Pêcheux (2004), era eliminar as diferenças na língua para universalizar as relações jurídicas no momento em que se universalizavam outras relações (a circulação do dinheiro, das mercadorias e dos trabalhadores).

⁷ O conceito de contra-identificação será tratado na seção 3.

Isto também deixa perceptível o quanto a língua, constitutiva das relações entre os sujeitos, pode ser fruto de dominação ao longo da história. Não podemos esquecer da tentativa de Stalin (num projeto linguístico idealizado por Nikolai Marr) de apagar o passado da língua falada na União Soviética mudando os nomes das ruas e praças, os sobrenomes das famílias, as referências pessoais dos sujeitos, numa investida para apagar a memória do povo e "(...) atribuir à língua russa o estatuto de uma língua homogênea, autossuficiente, e, portanto, capaz de representar todos os segmentos do povo, uma língua acima de toda transformação" (ZANDWAIS, 2009, p. 03).

O que Pêcheux discute em *Delimitações, Inversões, Deslocamentos* é que todo discurso é carregado de ideologia, memória, história e a língua é alvo de dominação ideológica, mas sujeita às resistências:

(...) não entender ou entender errado; não 'escutar' as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...(1990, p. 17).

Sujeita a rompimentos:

(...) o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se o discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição (1990, p. 17).

É diante disto que a AD Pêcheuxiana busca desvelar as nuances do discurso que legitimam ou questionam as práticas da ideologia da classe dominante, a serviço de quem deter o poder, na tentativa de corromper a lógica do capital, para contribuir na mudança da sociedade.

2.4 O Discurso da Mídia impressa e seus efeitos de sentido: a "espetacularização" do acontecimento discursivo

A obra *Sociedade do Espetáculo*, remete-nos à questão da "espetacularização" da mídia, no sentido de enunciar fatos de uma forma que

chamem e prendam a atenção do público. A partir da relação estabelecida no tópico anterior entre as empresas que controlam os meios de comunicação e o poder, não é complexo pensar na relação da política com a mídia.

Na obra *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo* (2003), Courtine estabelece uma relação entre a política e o espetáculo. Ele aponta que o discurso político está em crise e que esta crise gerou uma falta de confiança progressiva, por parte dos eleitores e que a televisão proporcionou uma profunda mudança neste aspecto, favorecendo outros estilos de comunicação, que não a fala pública presencial.

No entanto, o próprio Courtine (2003, p. 30) aborda a marca de controvérsia na relação entre televisão, política e democracia: "desde o dia seguinte à Segunda Guerra mundial, viu-se no desenvolvimento das comunicações de massa a possibilidade de uma ameaça direta à democracia."

E Courtine ainda acrescenta um novo/velho aspecto do discurso político: a mentira política, que o espetáculo político, através da mídia (que traz discursos rápidos, com poucas palavras, controle das expressões faciais etc.), só fez viabilizar.

Em a *Arte da Mentira Política* (2006, p. 23), Courtine nos fala

a mentira política entrou, ao longo deste século (XX), na era da produção e do consumo de massa. A mentira hoje é eletrônica, instantânea, global; o produto de uma organização racional e de uma estrita divisão de trabalho (...). Nosso século foi, então, o da nova era tecnológica da mentira. Além disso, ele viu a invenção de formas de ilusão política inéditas, enormes, inimagináveis. Mentiras produzidas numa escala sem precedentes (...).

Concordamos com Courtine e podemos, sem dúvida, dizer que os meios de comunicação fabricam mentiras numa escala inimaginável, produzindo sentidos, que são fomentados de acordo com os seus objetivos, em defesa dos seus interesses.

Sobre isto, Serrano (2013, p. 73), afirma:

A mídia hoje mente constantemente, manipula, insulta e destrói o prestígio e a trajetória de quem cruzar seu caminho. Sua intolerância a qualquer poder legítimo e democrático que ousar tocar seus privilégios é absoluta.

Esse mesmo autor ainda nos alerta sobre o cuidado que devemos ter ao falarmos sobre a liberdade de imprensa, tão propagada pelos meios de

comunicação, pois para ele a liberdade de imprensa não garante a liberdade de expressão dos cidadãos, porque "a mídia corporativa não exerce o direito à liberdade de expressão, e sim à censura, já que decide o que será publicado e divulgado e o que não". (p. 76). Ele diz que, na verdade, liberdade de imprensa, neste caso, é liberdade de empresa.

Dessa forma, a mídia noticia, "espetacularizando" os acontecimentos que lhe interessam mostrar, censurando (ou seja, omitindo a verdade), sem possibilitar que o povo diferencie a verdade da mentira. Serrano (2013) define esta censura como sendo igual à da ditadura.

Aqui, quando falamos em povo estamos falando de cidadãos e quando falamos de cidadãos/cidadania é preciso lembrar como no Brasil este conceito de cidadania variou desde o Império até os dias atuais. Ainda na Constituição do Império de 1824, os escravos não eram considerados cidadãos. Já no início da República, a Constituição de 1889 separa cidadãos (povo) das pessoas que servem ao exército e às forças armadas. Segundo Guimarães (1996, p. 44),

o ato de convocação de nossa primeira Constituinte da República se dá no espaço de uma diferença, de uma desigualdade hierarquizada, em que as 'forças armadas' convocam o povo para fazer uma constituição. Deste modo mantêm-se o exército e armada como externos à formulação da própria constituição. (...) Assim, a cidadania se vê formulada e instabilizada pelo lugar que a formula.

Segundo Indursky (1996, p. 47), durante a IIIª República, no período de 1964-1984⁸, "um indivíduo tem o direito de ser cidadão se tiver a capacidade de sacrificar-se por sua pátria", possibilitando-nos pensar que existia, desde lá, pelo menos, dois tipos de cidadãos e que a ideia de submissão estava presente há muito tempo.

Para Tonet (2005), a cidadania pode ser conceituada a partir de três óticas: liberal, de esquerda democrática e segundo a crítica marxiana.

A primeira parte do "pressuposto de que todos os homens são iguais e livres por natureza" (p. 49) e que por essa razão as desigualdades sociais são frutos da igualdade e liberdade naturais. Nesta concepção, os homens, no afã de conseguirem acumular mais riquezas, são capazes de destruir uns aos outros e, dessa forma, só passam a ser considerados cidadãos depois que se instala a

⁸ A referida autora cita o período da Terceira República como sendo de 1964 até 1984, período da ditadura militar.

dimensão político-jurídica. Tonet diz ainda que esta ideia está tão arraigada, contemporaneamente, que ninguém a questiona e que "confere à dimensão político-jurídica o caráter de princípio decisivo da inteligibilidade da totalidade social e da atividade humana" (p. 51). Sendo assim, para Tonet (2005, p. ?) ser cidadão na ótica liberal é "ser membro de uma comunidade jurídica e politicamente organizada, que tem como fiador o Estado, no interior do qual o indivíduo passa a ter determinados direitos e deveres."

Já na ótica da esquerda democrática, a cidadania não se realiza como uma característica do sistema capitalista, pois ela já existia em outras épocas históricas. Embora a cidadania não se esgote no sistema capitalista, ela se vincula à ideia de democracia e é um instrumento de constante transformação, no sentido de ser uma conquista dos trabalhadores e não uma concessão do capital. Para este autor (p. 53):

Diferentemente do liberalismo, para o qual o aperfeiçoamento da cidadania e da democracia jamais pode ultrapassar a ordem do capital, a esquerda democrática entende que, por haver uma contradição entre o capital e a cidadania e a democracia, estas só podem realizar-se em sua plenitude com a erradicação do capital.

Por último, segundo a crítica marxiana, a cidadania faz parte do que Marx chama de emancipação política, sendo que para ele "a política tem um caráter essencialmente negativo; nem faz parte da natureza essencial do ser social, nem é uma dimensão insuperável dele" (TONET, 2005, p. 56), pois a política é uma expressão da alienação.

Para Marx, ninguém pode ser cidadão se não tiver liberdade, igualdade e autonomia, portanto o trabalhador não é e nunca será um cidadão num sistema capitalista. Neste mesmo sentido, ele afirma também que a cidadania é um processo, que só é possível com a emancipação humana, ou seja, numa sociedade comunista.

Dessa forma, segundo ainda Tonet (2005, p. 76), a cidadania considerada como um "espaço no interior do qual a humanidade poderá construir-se como uma comunidade autenticamente humana", é impossível.

Tonet, na mesma obra, esclarece ainda, que é preciso, quando se pensa em cidadania, tomar cuidado para não confundir emancipação política com emancipação humana:

Assim, se utilizarmos o termo cidadania para designar o objetivo maior, entendendo que ela significa uma comunidade real e efetivamente emancipada, estaremos confundindo emancipação política e emancipação humana; estaremos ignorando que cidadão não é o homem em sua integralidade, mas apenas como membro da comunidade política.

E sobre a cidadania, ele conclui:

É impossível - obviamente em graus diferentes - formar cidadãos autênticos, numa sociedade em que a atividade econômica é realizada de forma tão arbitrária, primitiva e predatória. Por isso mesmo, é uma brutal ilusão querer colocar a educação a serviço da formação dos cidadãos, especialmente nos países pobres. Se já nos países ricos, a cidadania mais aperfeiçoada implica, por força das coisas, a existência da desigualdade social, muito mais isto é verdadeiro no caso dos países pobres. Nestes últimos, educar para a cidadania é formar para uma dupla ilusão: Primeira, porque é impossível atingir a plenitude da cidadania (já que o fosso entre ricos e pobres aumenta ao invés de diminuir). Segunda, porque mesmo que isso fosse possível, não levaria à formação de pessoas efetivamente livres, efetivamente sujeitos da história, dada a natureza própria da cidadania. (TONET, 2005, p. 77)

É a partir desta terceira ótica, a da crítica marxiana, que nos posicionamos quando nos referimos a cidadão, pois ao dizermos que os grupos oligarcas da imprensa não defendem os direitos dos cidadãos, é porque não somos considerados cidadãos, não existe cidadania plena nas condições de exploração às quais os trabalhadores se encontram neste sistema capitalista. Num sistema como este só é cidadão quem é dono do capital, quem tem poder de compra.

2.5 O poder da mídia impressa em diversos momentos históricos

A mídia impressa hoje cumpre muito bem sua função, pois os leitores são manipulados e constróem sentidos a partir do que é veiculado nos grandes jornais e revistas de opinião. Embora isto se torne um grande problema para a efetivação da democracia, segundo Serrano (2013), ela é imprescindível ao processo democrático, pois não existiria democracia sem o direito à informação. Além disso, diz ele, a mídia dispõe, hoje, de um poder muito maior que os outros três poderes (o executivo, o legislativo e o judiciário), porque, inclusive, não precisa de votos, ou seja, ninguém a elege, tem um nível de impunidade impressionante e, diferentemente dos outros poderes, não tem um contrapoder.

Mesmo sendo necessária ao processo democrático, não é difícil exemplificar os mandos e desmandos da mídia impressa brasileira ao longo da nossa história. Para não irmos tão longe, temos em *Chatô: o rei do Brasil* (1994), vários abusos cometidos por ele tanto por conta de inimizades pessoais, como por interesses comerciais ou políticos. Daremos a seguir, alguns exemplos: a pressão que foi feita pelo dono dos Diários Associados à Família Matarazzo (que foram muitas), publicadas quase que diariamente, pois o conde se negava a fazer anúncios nos jornais de Chateaubriand (motivo suficiente para Chateau tê-lo como inimigo mortal para o resto da vida) e que fez com que ele, para se vingar, chegasse até a publicar uma notícia falsa sobre a morte, por espancamento público, de um parente da família do conde, residente na Itália, no final de 1943:

Com a queda de Benito Mussolini, ruiu por terra toda a organização fascista que há mais de vinte anos amordaçava a culta nação mediterrânea. Escancaram-se as masmorras, abriram-se os presídios e o povo italiano, de novo senhor dos seus destinos, principiou a fazer justiça com as próprias mãos, punindo os responsáveis pelos crimes cometidos durante vinte anos de cativeiro ignominioso. (...) Telegrama procedente da fronteira suíço-italiana veiculou a morte, ocorrida em circunstâncias trágicas, do Dr. Andrea Hippolito, chefe fascista de Milão, morto durante tumultos verificados naquela grande cidade peninsular. Secretário federal em Milão, o sr. Andrea Hippolito era o líder fascista da grande cidade italiana. Sua morte repercutiu em São Paulo, pois o sr. Andrea era, como se sabe, cunhado do conde Chiquinho Matarazzo. (MORAIS, 1994, p. 437-438)

Ou ainda quando Dutra assumiu a presidência da República e nomeou para ministro da Educação, um ex-funcionário dos Diários Associados, o senhor Dario de Almeida Magalhães. Chateau foi falar pessoalmente com o presidente:

- Seu Dutra, eu recebi um telegrama informando que o senhor vai nomear Dario de Almeida Magalhães para o Ministério da Educação. O senhor sabe que ele é meu inimigo pessoal e inimigo declarado dos Diários Associados. Sou obrigado a lhe dizer que considero essa nomeação uma afronta, uma bofetada na cara dos Diários Associados, que nunca dirigiram ao senhor uma palavra menos elogiosa. (...) O senhor foi eleito e tem todo o direito de nomear quem quiser para o seu governo. Mas eu também tenho o direito de dar ordens para que todos os meus jornais, rádios e revistas passem amanhã mesmo para a oposição se esse sujeito tomar posse. (Op. cit., p. 462)

E o ex-funcionário não seria nomeado ministro, mesmo com o anúncio da nomeação tendo sido feito, o ato já estando assinado e pronto para ser publicado no Diário Oficial.

Assim agia Assis Chateaubriand também com relação aos seus interesses comerciais. De certa feita, ele publicou no *Diário de São Paulo* o aumento da caixa de fósforo de 20 para 30 centavos, porque observou que os fabricantes anunciavam em outros jornais, menos nos Associados. Logo depois, ele decidiu contar quantos palitos vinha em cada caixa, pois havia escrito nelas que cada uma contém 50 palitos. Mandou comprar centenas e pediu a todos que estavam disponíveis na redação para contarem também. Em seguida, anunciou:

Pelas nossas contas, são consumidos em São Paulo 18 bilhões de palitos de fósforos. Se cada caixinha contivesse mesmo os cinquenta palitos que o rótulo anuncia, a indústria estaria vendendo 360 milhões de caixas por ano. Mas como esses larápios colocam, em média, apenas quarenta palitos em cada caixa, na verdade, eles vendem, pelo mesmos trinta centavos a unidade, 450 milhões de caixas de fósforos por ano. Ou seja: a indústria que se recusa a anunciar nos Associados está roubando o povo paulista em 90 milhões de caixas de fósforos todo ano. Multipliquem isso pelos trinta centavos e verão que são 27 milhões de cruzeiros - dinheiro suficiente para montar um jornal, meus amigos!

No dia seguinte o jornal voltava à carga com a denúncia. No outro dia mais uma reportagem (esta dizia que 'uma linha formada pelos palitos de fósforos subtraídos ao povo daria para fazer quatro vezes a volta da Terra'). A série prosseguiu até que (...) foi interrompida inesperadamente. Semanas depois começavam a aparecer, também nos Associados, anúncios dos fabricantes de fósforos. E daquela madrugada alucinada uma marca ficaria gravada nas caixas de fósforos brasileiras: em vez de 'Contém 50 palitos', elas passaram a anunciar prudentemente em seus rótulos: 'Média: 45 palitos'. (Op. Cit., p. 475)

Numa de suas manobras políticas, em 1954, para se eleger pela segunda vez senador, Chateaubriand escolhe o Maranhão como sendo o estado que irá elegê-lo. Foi Tancredo Neves, junto com Vitorino Freire, chefe da política local do PSD e do vice-governador na época, os representantes da sua proposta em São Luís, que era a renúncia do atual senador, Antônio Baima, e de seu suplente, Newton Belo (que tinham sido eleitos para um mandato até 1958), para que o TSE convocasse novas eleições. A mesma manobra que ele já tinha feito em 1952, quando elegeu-se senador pela Paraíba. A diferença desta vez foi que algumas lideranças políticas do Maranhão decidiram resistir, romperam com o PSD, inclusive José Sarney (na época

suplente de deputado federal), se filiaram à UDN e lançaram um candidato para concorrer à mesma vaga do senado. Houve muita grita para que Chateaubriand não se elegeisse senador pelo estado do Maranhão, com denúncias nos jornais sobre sua manobra política, afirmando que ele tinha feito negociatas e arranjos políticos para conseguir o cargo.

Em um dos artigos publicados sobre isto, a jornalista Adalgisa Néri, do jornal Última Hora, desmascarou o plano de Chateau, afirmando que Antônio Baima, para pedir renúncia, recebeu dele e de Vitorino Freire um bom emprego, um ótimo apartamento com ar condicionado e um ou dois cadillacs. A resposta do dono dos Diários Associados veio com uma nota publicada na seção 'A pedidos', não assinada por ele, mas por *D. Chochota Pestana*, na qual a jornalista era chamada "cinqüentona devassa, infiel ao corpo, à alma e à decência conjugal" (p. 568) e terminava dizendo:

essa infeliz tem o nosso perdão. É que o tempo já a tem rifado dos festins de Vênus, ela teima em ficar nos cartazes, para que, quando dela não se use (por imprestável para o amor), pelo menos dela se fale (Op. Cit., p. 566) .

Mas Chateau ainda não estava satisfeito e no dia seguinte escreveu em sua coluna, no mesmo Diário da Noite, um artigo intitulado *Uma matrona tarada*:

Quem calunia sem ter provas deve ser um tarado. Foi o que fez miseravelmente a vulgar sexagenária que inventou, em sua malvadez de virago, que arquitetou em sua crueldade de degenerada, que urdiu na sua frieza de alma, desnuda de um filão de bondade humana, mentiras para difamar os senadores Vitorino Freire e Antônio Baima. Em sua fantasia depravada, a sórdida alcoveta escreveu apenas isto: que cadillacs e apartamentos foram mobilizados por mim para comprar uma vaga de senador no Maranhão.

É a imundície comunista, é a torpeza dos brasileiros assalariados de Moscou que a miserável foi buscar para lançar contra os homens públicos do Maranhão e contra o redator desta coluna. Seria contra ela o 'A pedidos', que d. Chochota Pestana trouxe ao nosso balcão há dias? Nenhum de nós acredita. Porque também aquilo seria demais para cretina tão parva, para difamadora tão reles. (Op. Cit., p. 569).

Poderíamos ficar aqui dizendo inúmeros exemplos de como a imprensa lançou mão do seu poder para beneficiar a elite deste país. Mas pessoas como

Assis Chateaubriand e o seu modo de fazer imprensa não faltam na história do Brasil. É o caso de Lindolfo Collor, avó de Fernando Collor de Mello, que foi jornalista (chegou a ser o redator-chefe de O País) e político e o próprio pai de Fernando Collor, Arnon de Mello, que trabalhou como repórter num dos jornais de Assis Chateaubriand, o Diário da Noite, antes de adquirir a primeira empresa de sua organização: o jornal A Gazeta de Alagoas.

Em pesquisa publicada em 2011, Rossana Gaia investigou

a relação entre a política e o discurso jornalístico das mídias - com recorte no meio impresso - em momentos eleitorais. A partir daí, verificamos como um político midiático lida discursivamente com as mídias. Posteriormente estudamos a relação discursiva entre um político e proprietário de meios de comunicação (FCM) e o (seu) jornal, GA, em um momento eleitoral específico, 2002. Por fim, investigamos as relações entre o discurso jornalístico, da GA e de OJ, e a prática política/eleições (p. 29).⁹

E sobre estas práticas da mídia impressa, ela afirma:

Teoricamente, todo fato noticiado deve ser mostrado com os prós e os contras. Essa seria uma das marcas da isenção informativa, mas, na prática, muitas vezes são os silêncios sobre a notícia, de fato, geradores de sentido e que indicam a posição da empresa midiática. Esse é o mais grave vício dessa ação discursiva, já que resulta em falácia democrática, pois a informação, um bem público, um direito elementar de todo cidadão, fica refém da determinação empresarial (GAIA, 2011, p. 22).

Gaia concluiu em sua pesquisa que o jornalismo praticado em Alagoas não é neutro, logo, há controle do viés editorial por parte dos donos dos jornais, pois

Na Gazeta de Alagoas há um apagamento simbólico do governador e do candidato Ronaldo Lessa, por meio do alheamento a todo aspecto positivo de sua imagem e de um total apagamento sobre o impeachment de Collor. Do mesmo modo, há uma ausência de olhar crítico sobre o governo Lessa em O Jornal, o que compromete os enfoques, ainda que críticos, sobre o político Collor.

⁹ AS siglas significam: FCM - Fernando Collor de Mello; GA - Gazeta de Alagoas; OJ - O Jornal

Tendo em vista que estamos investigando os discursos veiculados em duas revistas da mídia impressa, consideramos importante sabermos um pouco sobre a origem tanto da revista Veja, como da CartaCapital. É o que faremos a seguir.

2.6 Como se constituiu a Revista Veja e a CartaCapital

Em 08 de setembro de 1968 é publicado o primeiro exemplar da revista Veja, da editora Abril S.A., de Victor Civita e Mino Carta. Segundo Bahia (1990, p. 401), a revista surge no modelo dos novos magazines como Times e Newsweek, consolidado desde 1923:

(...) 'organização, seleção e condensação'. A revista semanal de informação passa a se distinguir, primeiro dos jornais e das outras revistas, e, depois, do rádio e da televisão, por sua especialidade na ordenação e interpretação dos acontecimentos. Os fatos não são apenas descritos, mas sobretudo expostos em seu significado (BAHIA, 1990, p. 401).

Figura 2: Capa da primeira Revista Veja, edição nº01, 11/09/1968



Embora este autor tenha dito que

O lançamento da revista é precedido de uma fastidiosa campanha de publicidade. A distribuição é quase simultânea graças ao trabalho combinado de uma frota de ônibus, caminhões, trens e aviões cargueiros fretados para esse fim. *Veja* tem a maior equipe de redação de uma revista brasileira, bons salários, profissionais bem-sucedidos, uma rede de circulação eficiente e o mais longo tempo de preparação (Op. Cit., p. 401).

Segundo Baptista e Abreu (2010), a forma como a revista sobreviveu aos primeiros anos foi surpreendente, pois amargava sérios prejuízos. Somente após dez anos é que ela conseguiu arrecadar mais do que gastava.

As autoras também caracterizam a revista (p. 17):

Abordando temas do cotidiano da sociedade brasileira como economia, política, guerras e outros conflitos territoriais, cultura e aspectos diplomáticos, entre outros, *Veja* apresenta seções fixas – sobre cinema, música, literatura e a “famosa entrevista das páginas amarelas”, no princípio de cada edição – e colunas assinadas por Diogo Mainardi, Stephen Kanitz, Tales Alvarenga, Lya Luft, Jô Soares e Reinaldo Azevedo, por exemplo (...). Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas. Também aborda temas como ecologia, tecnologia e religião com certa frequência. A revista é entregue aos assinantes aos sábados, nas bancas aos domingos, e traz na capa a data das quartas-feiras (subsequente). *Veja*, hoje é a revista semanal de informação de maior circulação no Brasil, que chegou a vender 1.200.000 exemplares. *Veja* é considerada a quarta maior circulação, no mercado editorial de revistas semanais de informação, no mundo.

Um dos maiores críticos desta revista, atualmente, é o jornalista Luís Nassif, que trabalhou em sua equipe de 1971 até 1978. Ele afirma em seu site (<https://sites.google.com/site/luisnassif02>) que:

O maior fenômeno de anti-jornalismo dos últimos anos foi o que ocorreu com a revista **Veja**. Gradativamente, o maior semanário brasileiro foi se transformando em um pasquim sem compromisso com o jornalismo, recorrendo a ataques desqualificadores contra quem atravessasse seu caminho, envolvendo-se em guerras comerciais e aceitando que suas páginas e sites abrigassem matérias e colunas do mais puro esgoto jornalístico. (Grifo do autor)

Já a revista *CartaCapital*, foi lançada em 1994, em São Paulo, pela editora Confiança, sendo primeiramente mensal, depois quinzenal e por último semanal.

Tem como grande mentor o jornalista Mino Carta, que é italiano, mas naturalizado brasileiro, e que esteve na fundação de várias outras revistas do mesmo gênero (Veja e IstoÉ).

Sendo uma revista com posições políticas contrárias às das revistas daquele mesmo período, como Veja, IstoÉ, Senhor e Época, pois apoiava abertamente o Partido dos Trabalhadores e o candidato Luís Inácio Lula da Silva à presidência, esta revista é tida por muitos como a única revista semanal de esquerda no Brasil, segundo Baptista e Abreu (2010).

A tiragem média desta revista é bem menor do que a da Revista Veja. São quase 30.000 exemplares entre janeiro e setembro de 2014, enquanto a Veja tem quase 1.200.000, no mesmo período, segundo o Instituto Verificador de Comunicação - IVC (no site www.aner.org.br). Provavelmente porque a CC tem bem menos anunciantes e o seu público é menor, mais seletivo e bem informado do que o público leitor da Veja, que se encontra maciçamente presente em consultórios, salões de beleza, laboratórios, enfim, em ambientes nos quais circula um número grande de pessoas, além de ser uma revista com quase meio século de existência.

Figura 3- Capa da primeira revista CartaCapital, em agosto de 1994



A matéria principal da primeira revista CartaCapital é sobre o casal de embaixadores do Brasil em Roma, Paulo Tarso Flecha de Lima e Lúcia Flecha de Lima, sua influência e poder. A embaixatriz era tida como uma das pessoas mais

famosa e elegante do país, era amiga pessoal da princesa Diana e tinha a fama de saber participar de grandes negociações (negócios que envolviam a TELEMAR, a TELEMIG, a OAS...), principalmente no governo FHC. É importante notarmos como em seu 1º número a revista toma a posição de trazer como capa uma família branca, monogâmica e heteronormativa, revelando um tom elitista.

Além da matéria principal, a revista traz na capa a manchete de uma entrevista com Rubens Ricupero, ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal do Brasil e ministro da Fazenda no governo Itamar Franco; diplomata, jurista, historiador, desenvolvendo atividades na área econômica.

A outra manchete é um convite para o próprio leitor montar seu teste "anti-Lula", com os seguintes dizeres no sumário da revista:

TESTE: MONTE O ANTI-LULA. Quem, entre os principais adversários, junta mais elementos para opor-se à candidatura do PT? Pode não ser quem você pensa. Pode não ser quem você quer. Pode ser mais de um. Você responde e decide.

A terceira manchete trata da área econômica e traz uma reportagem sobre a Lupo, uma das maiores fabricantes de meias masculinas no país, que estava à beira da falência e foi recuperada pela neta do fundador.

Ainda na área de economia (agora junto com política) a revista traz uma reportagem sobre a moeda real (do plano real) que acabara de ser lançada no Brasil no governo de Itamar Franco, pelo Ministro da Fazenda FHC.

O referencial teórico da Análise do Discurso é a nossa próxima seção, pois, como já dissemos, esta teoria irá nortear o nosso trabalho.

3. PERCURSO TEÓRICO

A teoria do discurso é todo um sistema conceitual que pouco a pouco Michel Pêcheux instaura para pensar o discurso como lugar em que se estabelece a relação entre a língua e a história.

Denise Maldidier

Novamente, para iniciar esta seção, retomamos aqui a nossa tese, com o objetivo de fazermos uma articulação com o que vimos na seção anterior, o que estamos investigando e com esta seção que se inicia.

O centro da nossa pesquisa está nos mecanismos do funcionamento discursivo que revelam a não imparcialidade dos discursos das reportagens produzidas pelas revistas Veja e CartaCapital sobre os protestos de junho de 2013.

Na seção anterior vimos as diferenças entre o que consideramos como mídia, mídia impressa, mídia oficial e grande mídia impressa, o que é reportagem e como elas são construídas, como alguns veículos da mídia impressa estão na defesa dos interesses da classe dominante, os efeitos de sentido provocados pela espetacularização dos acontecimentos, o poder da mídia impressa em diversos momentos históricos e, por fim, narramos brevemente como se constituíram as Revistas Veja e CartaCapital.

Esta seção foi de fundamental importância para tratarmos sobre o perfil da mídia impressa brasileira entendendo como ela constrói, manipula ou silencia informações, exercendo o seu poder para se valer dele através de quem ou o quê é beneficiado, não primando pela objetividade, isenção e imparcialidade no tocante às informações que publica. Que boa parte do que lemos, vindo da imprensa, é um jogo de mão dupla. Um verdadeiro toma lá dá cá, entre os mesmos sujeitos, ou seja, a mídia impressa e a elite econômica e política do nosso país.

Na presente seção, trataremos da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, das categorias de análise do nosso objeto e sobre a análise de imagens.

3.1 A Análise do Discurso Pecheuxtiana

A Análise de Discurso (AD) de corrente pecheuxtiana funda-se no tripé sujeito, discurso, ideologia e é uma ciência de entremeio entre a Linguística, a

História e a Psicanálise. Foi fundada por Michel Pêcheux no início da década de 1960 na França e tem, até hoje, bastante estudiosos no Brasil.

É importante pontuar que Pêcheux não era linguista e nem se propôs a ser. A Linguística foi considerada para compor o quadro epistemológico da AD, trazendo a contribuição que a língua poderia dar aos estudos discursivos. Nessa perspectiva, a língua é tomada a partir da relação que estabelece com a História e não de modo autônomo como proposta por Saussure. Pêcheux considerou como a língua funciona para evidenciar os efeitos de sentido e é por essa razão, que questiona a perspectiva estrutural de Saussure.

Pêcheux era um filósofo, mas antes de tudo era um marxista, que ia contra a corrente do “fazer ciência” na sua época, uma perspectiva positivista do conhecimento, adotada por Saussure, que para estabelecer a linguística enquanto ciência excluiu da língua o social e o sujeito e a considerou apenas como sistema.

Em função disso, Pêcheux produziu uma teoria cujo objeto de estudo não é a língua, mas o discurso. Retomando Malidier na epígrafe acima, ele pensou "o discurso como lugar em que se estabelece a relação entre a língua e a história". E o que é o discurso para Pêcheux? Discurso é práxis humana consciente, "não é a fala (parole), isto é, uma maneira individual 'concreta' de habitar a 'abstração' da língua; não se trata de um uso, de uma utilização ou da realização de uma função." (PÊCHEUX, 2009, P. 82). Para ele

(...) todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamentos no seu espaço (...) (PÊCHEUX, 1990, p. 56).

Como, para Pêcheux, não era possível conceber o discurso sem o social, ele foi buscar em Marx as bases políticas para conceber uma teoria materialista do discurso, tomando como suporte o materialismo histórico-dialético (mais especificamente a superestrutura ideológica) que pensa a sociedade e a luta de classes.

Pêcheux elabora uma teoria semântica ou materialista do discurso tendo por base o materialismo histórico-dialético, fundado por Marx, por entendê-lo como uma teoria científica, que nasce para transformar o mundo.

Em um de seus textos Pêcheux (2011b, p. 189) questiona: “Quem tem necessidade do materialismo histórico enquanto ciência?” E ele argumenta:

É então vital para o devir teórico e prático do marxismo poder distinguir, a cada instante, o lugar onde se situam as questões em debate: isto supõe que o materialismo histórico seja reconhecido, não como uma espécie simétrica do discurso sociológico funcionalista-organicista (...), mas como uma teoria cuja especificidade diz respeito em grande parte a isto que os objetos primitivos (instâncias e práticas) que ela faz intervir, entrem nas relações de dominância, desigualdade e diferença.

Este posicionamento de Pêcheux faz parte de uma discussão maior dele num texto intitulado *As ciências humanas e o “momento atual”*, editado pela primeira vez em 1969. Nesta publicação o autor reflete sobre a divisão das ciências naquele momento: ciências humanas, ciências sociais e ciências do comportamento, numa ampla classificação entre as disciplinas nomotéticas (Sociologia, Antropologia Cultural, Psicologia, Economia, Demografia, Linguística, Cinérgica, Lógica Simbólica, Epistemologia do Pensamento Científico e Pedagogia Experimental), as disciplinas históricas, jurídicas e filosóficas e as ciências da natureza, para se posicionar sobre a dualidade entre o homem e a técnica, que traz no seu bojo outra dualidade: a ciência e a sociedade.

Para Pêcheux (2011, p. 200), os seus estudos sobre estas relações têm como consequência repensar o que a teoria marxista tem a cumprir em relação às ciências humanas:

- *O papel da filosofia marxista como arma suscetível de intervir nas filosofias espontâneas e nas ideologias teóricas que desenvolvem as ciências humanas (...).*
- *O papel do materialismo histórico como núcleo científico de uma ciência das formações sociais e de sua transformação histórica (...)*

Marx e Engels, por sua vez, em *A Ideologia Alemã* (2007), faz uma crítica à filosofia de Hegel, embora conserve em sua teoria materialista, conceitos cunhados por este. Na crítica dos autores, observa-se que eles mantêm de Hegel a questão da dialética, ainda que com diferenças fundamentais, porque não consideravam que a

contradição se dava entre o Estado (espírito objetivo) e a vida comunitária (espírito subjetivo), entre os fatos e as ideias, mas sim entre a luta de classes, com homens reais, em condições históricas e sociais reais.

Por isso, para Marx e Engels (2007, p. 47), a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante porque expressa as ideias desta classe que, por ser dominante, determina toda a extensão de um momento histórico:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.

Sendo assim, concebiam as ideias da classe dominante como ideias dominantes, que regulam e influenciam os conceitos, crenças, doutrinas, como meio de manipulação e como sendo produto da consciência ideológica ingênua, atravessada pela luta de classes. Para eles, a religião era a ideologia por excelência, porque convence o povo a se contentar com uma vida difícil aqui na terra na expectativa de "ganhar" o reino dos céus.

Ainda sobre a ideologia, Pêcheux em "Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, Marxismo e luta de classes" (2013), faz uma reflexão, a partir do texto de Althusser, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, sobre as relações entre a teoria marxista e a ideologia proletária, no seio do processo de revolução, o qual tem como componente a luta ideológica de classes.

Neste texto, Pêcheux (2009, p. 82) defende a tese de que não se pode pensar a ideologia sem levar em consideração o primado da luta de classes de que

"todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes". Orlandi (2005) afirma que a partir da relação sujeito/língua, Pêcheux pensa a ideologia como efeito dessa relação com a história para que haja sentido. Na verdade, para Pêcheux, é a ideologia que faz com que haja sujeitos, pois o "efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade" (2005, p. 48).

Para o Materialismo Histórico-Dialético, as transformações sociais se dão pela contradição entre as forças sociais. Elas produzem as transformações. A luta de classes, então, faz parte desta contradição de forças na disputa pelo poder. E são os sujeitos, na nossa sociedade, que engendram esta luta de classes entre o capital e o trabalho.

É levando em conta, então, o sujeito como histórico, social, dotado de consciente e constituído nas relações sociais, que Pêcheux fundou a Análise do Discurso na França, em meados de 1960. A linguagem, os discursos são analisados historicamente com relação a sua força, aos seus interesses, as posições-sujeito de quem os profere.

Para entendermos a noção de posição-sujeito antes iremos tratar de duas outras noções: a formação discursiva e a forma-sujeito.

Quanto à **Formação Discursiva** (doravante FD) , segundo Courtine, é um conceito que surge em 1969, nos trabalhos de Michel Foucault, e é tomado emprestado por Michel Pêcheux e ressignificado.

Sobre a Formação Discursiva Foucault (2008, p. 43) nos fala

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.

Já Pêcheux (2009, p. 161) descreve a formação discursiva

como espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma 'intersubjetividade falante' pela qual cada um sabe de antemão o que o 'outro' vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro.

Ele desenvolveu esta noção a partir de três conceitos: ilusão discursiva, formações ideológicas e formações imaginárias.

A ilusão discursiva envolve os esquecimentos, tanto o 1 como o 2, criando a ilusão de que somos donos do nosso discurso, das nossas palavras, e esses esquecimentos são estruturantes, pois fazem "parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são 'defeitos', são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção dos sentidos" (ORLANDI, 2005, p. 36).

Estes esquecimentos do interdiscurso são descritos como esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2, os quais, segundo Pêcheux e Fuchs (2010, p. 176), "diferem profundamente um do outro". O esquecimento nº1 é de natureza inconsciente, pois a ideologia é "constitutivamente *inconsciente* dela mesma" (grifo dos autores) (idem, p. 177) e ele é tocado por ela, nos fazendo pensar que somos os primeiros a dizer as palavras que pronunciamos (tal qual Adão), que exprimiriam exatamente os sentidos que queremos que elas tenham.

Ainda segundo Pêcheux e Fuchs (2010), o esquecimento nº 2 está na zona dos processos de enunciação, pois o sujeito retorna ao que disse para corrigir-se imbuído da ilusão, denominada ilusão discursiva (ou referencial) que, segundo Orlandi (2005, p. 35) " nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim".

Dessa forma, podemos pensar as FD como sendo o lugar onde o discurso toma "forma", construindo sentidos a partir do lugar onde é produzido e por quem é proferido. Isto quer dizer que os sentidos não são produzidos aleatoriamente, mas que as palavras mudam de sentido de acordo com o lugar/posição de quem as proferem, ou seja, de acordo com as FI que os constituem, pois são "as formações ideológicas, como organização de posições políticas e ideológicas, (que) constituem suportes indispensáveis para as formações discursivas". (FLORÊNCIO et al., 2009, pp. 70-71)

As **Formações Ideológicas**, então, se caracterizam como posições assumidas pelos sujeitos em uma dada conjuntura sócio-histórica e isto se deve ao jogo de imagens (que constituem os sujeitos) produzidas na/pela conjuntura social

ao longo do tempo, isto é, historicamente, determinando a produção de sentidos. A esse respeito, é Florêncio et al. (2009, p. 69) que nos diz:

As formações ideológicas são representadas pela via de práticas sociais concretas, no interior de classes em conflito, dando lugar a discursos que põem à mostra as posições em que os sujeitos se colocam/são colocados.

Dessa forma, ao analisarmos os discursos, é preciso considerar as formações discursivas em que eles se inserem e as formações ideológicas que os sustentam. É ainda Florêncio et al. (2009, p. 70) quem afirma:

Assim, ao analisar um discurso, o analista deve recorrer, dentre outras categorias, à identificação das formações ideológicas que representam uma estrutura sócio-ideológica de uma formação social. Elas - as formações ideológicas - dão sustentação ao dizer, produzindo sentidos que discursivamente procuram camuflar conflitos e deixar passar a ideia de ausência de contradições de classes.

Quanto à formação imaginária, diz respeito ao locutor, enunciador (aquele que fala/escreve) em relação ao interlocutor (aquele que ouve/lê). De que posição o locutor/escritor escreve que lhe autoriza a dizer o que está sendo dito. E de que posição, o interlocutor lê/interpreta o que está sendo dito.

Tratamos da noção de Formação Discursiva e agora iremos tratar da noção de forma-sujeito.

De acordo com Pêcheux (2009, p. 154-155), a forma-sujeito preenche o vazio do lugar do sujeito ou do sujeito do saber na identificação deste com a formação discursiva na qual ele se inscreve. Sobre isto, ele afirma

que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui um de seus fundamentos. (Grifo do autor)

Isto significa que o sujeito vai ao interdiscurso ou a memória discursiva, incorpora o que lhe interessa ou com o que se identifica em determinadas formações discursivas e materializa isto em discurso, sem se dar conta disto, pois este processo se dá no nível do inconsciente.

Para Courtine (2009, p. 105-106), "a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos." Sendo assim, a memória discursiva remete às identificações ou não no interior das Formações Discursivas. Courtine (op. cit., p. 194) também define enunciado como sendo "forma ou esquema geral governando a repetibilidade no interior de uma rede de formulações".

Este processo de identificação do sujeito com determinadas FD é um dos modos de interpelação ideológica e, nas palavras de Pêcheux (2009, p. 154) é onde

(...) diremos que a forma-sujeito (pela qual o 'sujeito do discurso' se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, *ela simula o interdiscurso no intradiscurso*, de modo que o interdiscurso *aparece* como o puro 'já-dito' do intra-discurso (...).

Para Florêncio et al. (2009), o interdiscurso e o intradiscurso estão intrinsecamente ligados, são indissociáveis, pois o primeiro, como dissemos, possibilita retomar os discursos já existentes e que promovem outros discursos, instituídos historicamente, em determinadas condições de produção e o segundo é o que está sendo dito agora, numa dada situação, é considerado o encadeamento do discurso, do funcionamento discursivo, sempre permeado pelo interdiscurso.

Um exemplo do processo de identificação através da expressão "todo mundo sabe que..." (Pêcheux, 2009, p. 154), pode ser extraído do corpus da revista *Veja* (edição 2327, ano 46, nº 26, p. 61): "Quando se espalhou por São Paulo um protesto contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, **todo mundo** sentiu que a coisa era bem maior", revelando uma 'evocação' (como bem nos diz Pêcheux) ao pensamento do sujeito que faz com que ele se sinta incluído no discurso, fazendo parte do que está sendo dito.

Existe ainda um segundo modo de interpelação do sujeito ao sujeito: a contra-identificação, que, Segundo Zandwais (2003, p.05), num processo oposto ao da identificação consiste em que

o sujeito-enunciador se volta contra o sujeito universal através da dúvida, do questionamento, da contestação e da revolta, lutando contra as evidências não-questionáveis que lhes são apresentadas pelo sujeito do saber de uma Fd, nos termos de Courtine (1981), a partir do próprio lugar em que se inscreve como sujeito; ou seja, a captura não é tão plena, ele 'desconfia' da eficácia dos saberes do

Sujeito universal, embora não os desacredite, e passa a intervir no processo de reformulação dos saberes que o representam, passando a representar-se sob a modalidade de uma posição contraditória no interior da forma-sujeito que o circunscribe.

Para ilustrar também o processo de contra-identificação trazemos o exemplo de um fato ocorrido antes do impeachment do presidente Fernando Collor de Melo, quando o mesmo convocou a população para vir às ruas usando verde e amarelo como símbolo de apoio ao seu governo. O povo saiu de preto, em sinal de luto, demonstrando total apoio à saída do referido presidente, num claro processo de contra-identificação, pois houve uma separação com relação ao sujeito universal e o resultado foi um discurso-contrário. (PÉCHEUX, 2009, p. 199-200)

O terceiro modo de subjetivação seria a desidentificação, ou seja, quando houve inicialmente um processo de identificação que deslizou para uma negação desta identificação, que

funcionaria não como um recuo frente às evidências da ideologia dominante, mas sim como uma forma de desconstrução daquelas com base em uma integração dialética de conhecimentos objetivos e práticas políticas transformadoras (BECK, 2012, p. 151).

Baseado em Slavoj Žižek, filósofo esloveno, Beck (idem, p. 152) nos fala ainda de um quarto modo de funcionamento subjetivo: a superidentificação, "que potencializaria um efeito de incômodo excessivo, explosivo ou grotesco capaz de pôr a nu a obscenidade contraditória dos imperativos da ideologia capitalista".

Um dos exemplos de Beck sobre superidentificação, neste mesmo texto, é sobre uma crônica de Danuza Leão no jornal Folha de São Paulo intitulada 'Ser especial', na qual a mesma afirma que bom mesmo é ter coisas exclusivas para quem tem dinheiro, pois se todos fossem ricos a vida seria entediante, demonstrando um discurso plenamente identificado com a forma-sujeito capitalista.

Visto isto, passemos agora à noção de posição-sujeito. Segundo Orlandi (1998, p. 04), a posição-sujeito é uma posição constituída histórico-ideologicamente, mas que não se reduz à presença física, nem apenas aos lugares sociais, mas "são lugares 'representados' no discurso, isto é, estes lugares estão presentes mas transformados nos processos discursivos." E são transformados pela identificação entre quem enuncia e o sujeito do saber. Esta identificação como acabamos de ver,

ocorre pela interpelação do sujeito através da ideologia e se concretiza na posição assumida pelo sujeito. Segundo Cazarin (2007, p. 118),

Para entender como funciona uma posição-sujeito, é essencial levar em conta que a ideologia interfere na constituição dos sentidos e dos sujeitos. Assim, uma posição-sujeito não existe a priori – se produz justamente no momento da constituição dos efeitos de sentido.

Tratamos das noções e conceitos acima porque falávamos de ideologia e voltando a este ponto, gostaríamos de introduzir as considerações de Bakhtin sobre ele. Para Bakhtin, a linguagem é considerada como discurso e a ideologia tem um papel central em sua teoria. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999, p. 31), Bakhtin/Voloshinov afirma que "tudo que é ideológico possui um **significado** e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um **signo**. **Sem signos não existe ideologia.** (Grifos do autor)

Para ele, todo corpo físico pode ser apreendido como símbolo e toda imagem simbólica oriunda de um objeto físico particular é ideológica.

Para Bakhtin/Voloshinov, a língua é a expressão das relações e lutas sociais, num processo ininterrupto. Para ele, a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia (1999, p. 17). A língua se realiza através da interação verbo social dos interlocutores. Sendo assim, a língua é o próprio objeto da interação verbal.

Bakhtin/Voloshinov (1999) valoriza a fala, a enunciação e afirma sua natureza social, não individual. Encontra falhas no sistema de oposição fala/escrita e sincronia/diacronia, afirmando que em nenhum momento o sistema encontra-se em equilíbrio. Ele afirma que todo signo é ideológico, dialético, dinâmico e vivo e diz que a palavra é o signo ideológico por excelência.

Miotelo (2005, p. 168-169) explica que para Bakhtin existe uma ideologia do cotidiano, ao lado da ideologia oficial:

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução de vida.

Para Bakhtin, ambas formam o conjunto ideológico integral *sui generis*, numa relação mútua, sem deixar de lado o movimento maior de produção e reprodução social (Op. Cit.).

Este mesmo autor (Op. Cit., p. 176) conceitua a ideologia em Bakhtin/Voloshinov como sendo:

o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados.

É possível pensar, através dessa dupla forma de ideologia considerada por Bakhtin - a ideologia do cotidiano e a ideologia oficial - numa relação com a imprensa oficial.

Se tomamos em nosso trabalho a imprensa oficial como sendo o termo usado para designar as divulgações da imprensa governamental, seja do Império ou mesmo da República, materializada nos Diários Oficiais, é preciso retomar esta definição e trazê-la para a discussão sobre a ideologia que perpassa estes escritos, que não poderia ser outra senão a ideologia oficial ou dominante. A imprensa oficial é a porta-voz do Estado, é a que publica as normas (sejam leis, portarias, decretos...) impostas pelo sistema as quais todos nós estamos (ou deveríamos estar...) submetidos.

Sendo assim, podemos pensar sobre a relação de poder (ideológica) que este impresso exerce sobre as nossas vidas, inclusive interferindo com muita frequência nas instâncias em que vivemos a ideologia do cotidiano. A imprensa oficial nos regula, regula nossas vidas, fazendo com que a ideologia oficial prepondere sobre as relações de trabalho.

Embora esta referida imprensa oficial sustente um discurso (também oficial) de que todos os atos anunciados são para o bem da nação (o que não poderia ser diferente, sob pena de termos uma convulsão nacional...) é fato que este discurso é eivado de princípios e valores de quem detém o poder.

E aí se instala, historicamente, uma relação entre o que é dito é diferente do que é feito, que podemos chamar de "jogo de simulações" (que os políticos de

direita¹⁰ conhecem bem), que funciona, também, porque nele entram os processos de identificação ideológica com a elite econômica e política, por parte dos trabalhadores, que é tão forte, que por vezes chega a suplantar as condições de produção, a memória e a história das nossas lutas.

Este jogo, que propicia determinados efeitos de sentido, não cessa e está presente de forma materializada em todas as mídias, principalmente na imprensa oficial, que publica suas leis ou decretos de maneira quase nunca a beneficiar verdadeiramente a classe trabalhadora.

Tomaremos aqui a noção de efeito de sentido na acepção de Guillaume (1964 apud Boone e Joly, 1996): "Efeitos de sentido nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em língua".

Dessa forma, os efeitos de sentido das publicações midiáticas impressas (assim como em todas as outras!!!) caminham na direção do apaziguamento, da conformação, do assujeitamento do nosso povo mediante todos os abusos políticos que estão ocorrendo contra os trabalhadores.

Por fim, ainda sobre a ideologia, é preciso que consideremos a posição de Lukács, um dos maiores filósofos do século passado, que desenvolveu seus trabalhos baseados inicialmente em Kant e Hegel e depois em Marx. O trabalho de Lukács, dessa forma, tem dois momentos com relação ao conceito de ideologia: um primeiro, que se reflete nas ideias contidas na obra *História e Consciência de Classe* e um segundo momento que é possível perceber na obra *Ontologia do Ser Social*. Para falarmos sobre o conceito de ideologia neste autor, antes de iniciarmos, devemos pensar brevemente sobre as noções de consciência cotidiana e de consciência possível.

De acordo com Konder (2002, p.66), Lukács descreve a noção de consciência cotidiana como sendo uma instância em que

os indivíduos recorrem (e não podem deixar de recorrer) a inferências simplificada e analógicas e a generalizações abusivas. A dimensão *teórica* da consciência deles é obrigada a autolimitar-se, em função de uma entrega inevitável do espírito às múltiplas demandas de constantes adaptações e ações práticas

¹⁰ Nomeamos aqui como *políticos de direita* os políticos que pertencem aos partidos conservadores (por exemplo o PSB, PSDB, PMDB), que atualmente representam os interesses da classe dominante do País.

imediatas. Mesmo grandes artistas e grandes cientistas não poderiam ser o tempo todo grandes artistas e grandes cientistas.

Ou seja, a consciência cotidiana está ligada ao nível das atividades cotidianas nas quais todos nós estamos inseridos e que são recheados de demandas práticas como tomar banho, trocar de roupa, comer, isto é, a afazeres imediatos e pode ser palco de distorções ideológicas ou resistência aos processos da ideologia (Op.cit., p. 241).

Já a consciência possível é o contraponto da consciência existente e Lukács a define como sendo "aquela que pode proporcionar à classe operária o processo de totalização" (p.62), ou seja, a percepção do processo histórico como um todo.

Dito isto, podemos dizer que Lukács (2013, p. 465), conceitua ideologia como sendo "sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir" e a divide em dois tipos: ideologia ampla e restrita.

Para Lukács (Op. cit. p. 470), a ideologia ampla ou concreta quer dizer "que a vida de cada homem e, em consequência, todas as suas realizações, sejam elas práticas, intelectuais, artísticas etc., são determinadas, no final das contas, pelo ser social em que o referido indivíduo vive e atua."

Já a ideologia restrita, nas palavras de Cavalcante e Machado (2016),

se constitui nas contradições de classes, cujas percepções conflitantes da realidade se apresentam nas determinações materiais, logo, caracteriza-se como instrumento de luta social e pressupõe a existência de conflitos que se manifestam como embates de interesses entre homens singulares ou entre estes e um grupo de homens ou entre dois grupos de interesses antagônicos.

Para Lukács (op. cit. p. 465), "a ideologia é um meio da luta social, que caracteriza toda sociedade". Para ele, a questão da verdade ou falsidade não fazem de um ponto de vista uma ideologia, mas sim

(...) a dupla função da totalidade social anteriormente indicada: é essa totalidade, o seu respectivo patamar de desenvolvimento, os problemas de desenvolvimento suscitados por ela que desencadeiam no homem - que anteriormente já caracterizamos como ser que responde - as reações que eventualmente podem aparecer como ideologias (Op. cit. p. 468).

Tendo explanado nesta seção sobre a ideologia em Pêcheux, Bakhtin e Lukács, voltemos agora um pouco para Pêcheux e a situação vivida por ele na França no período de fundação de sua teoria.

Como já dissemos, Pêcheux era, antes de tudo, um homem político e a defesa dos seus pontos de vista nem sempre agradaram a todos, então, por isto e por várias outras razões, o estabelecimento da AD enquanto área do conhecimento científico não era unânime na França. No entanto, também é preciso levarmos em consideração que quando Pêcheux faleceu a sua teoria tinha apenas 14 anos, ou seja, ainda era muito jovem para ter se estabelecido como uma ciência de entremeio. Da sua fundação, 1969, até hoje, a AD completou 47 anos, mas embora isto possa parecer muito tempo, segundo Ferreira,

Isto é pouco para a consolidação de qualquer área de conhecimento e é pouco também para essa 'disciplina de entremeio'. Com o desaparecimento de seu principal pensador, em 1983, houve um natural esvaziamento do grupo de pesquisa, liderado por ele, a tal ponto que, hoje, na França, não se ouve mais falar em Pêcheux. Seu nome, suas obras, sua inquietante reflexão foram deixados de lado, até mesmo por aqueles que se dizem 'analistas de discurso' na França. A morte do pai foi consumada. Apesar disso, ainda hoje se ouve falar muito o nome de Pêcheux. Onde? Aqui entre nós, na América Latina, mas sobretudo no Brasil (2005, p.16).

De fato, a AD resistiu, embora, como dissemos anteriormente, muitos não queiram dar-lhe o crédito de ciência e mesmo sem se consolidar na França ela veio para o Brasil, onde é estudada até hoje e sua principal seguidora aqui foi a prof^a Eni Puccinelli Orlandi. Esta eminente professora/pesquisadora fez com que, no Brasil, a AD não estacionasse, mas seguisse adiante.

Depois a AD foi ganhando corpo com outros pesquisadores em diferentes universidades, que compõem o quadro de professores de vários programas de pós-graduação das suas instituições, produzindo teses e dissertações na linha francesa na vertente pecheuxtiana da Análise do Discurso.

Gostaríamos de esclarecer que consideramos que a AD francesa de corrente pecheuxtiana chegou ao Brasil a partir dos trabalhos da professora Eni Orlandi na década de 1980, não por desconsiderar as pesquisas de Gregolin (2007) sobre as publicações de Carlos Henrique de Escobar na Revista *Tempos Brasileiros*, ainda na década de 70 sobre a tríplice aliança de Marx/Freud/Saussure, base da Análise do

Discurso, mas por entendermos que, como Escobar teve seus estudos interrompidos pela ditadura militar (pois foi preso político e afastado das universidades em que ensinava e pesquisava - UFRJ e UFF - em 1973), a AD só teve desenvolvimento no Brasil a partir das pesquisas de Eni Orlandi.

Em função do nosso objeto, elegemos três categorias de análise para nossa investigação: as condições de produção, as formações ideológicas e as formações discursivas, sobre as quais falaremos a seguir.

3.2 As categorias de Análise

As categorias requisitadas pelo nosso objeto de análise são as condições de produção, as Formações Discursivas e as Formações Ideológicas.

Para a AD, as condições de produção e as formações ideológicas e discursivas são categorias basilares. Já falamos sobre as Formações discursivas e Ideológicas anteriormente e agora vamos tratar das condições de produção.

Para Pêcheux (2009), as **condições de produção do discurso** são constituídas pelo sujeito, pela situação e pela memória. O sujeito é pensado como posição, lugar que ocupa e, nesse sentido, é intercambiável, pois assumimos várias posição-sujeito ao longo da vida. Ele concebe que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. Segundo Orlandi (2005, p. 49), o sujeito é submetido à língua e à história, pois para se constituir sujeito ele é afetado por elas e se “ele não se submeter ele não fala, não se constitui, não produz sentidos”.

O conceito de Condições de Produção na Análise do Discurso surgiu porque Pêcheux nunca desconsiderou a noção de história inscrita nas relações de produção, segundo Cesário e Almeida (2010, p. 5)

Para a AD a História não é mera exterioridade, mas envolve o discurso e se manifesta no texto, impondo-se, desse modo, a compreensão das **condições de produção do discurso** – quem e como o produziu, de que lugar e para quem o produziu. (grifo nosso)

Robin (1977) nos chama a atenção para o que caracteriza e constitui o discurso na abordagem pecheuxtiana, na intenção de não confundirmos a relação do discurso e as condições de produção e o discurso com o contexto. Ela afirma que as condições de produção não são simples circunstâncias (aparelhamentos

ideológicos, cenário político, tensão das forças sociais...) que exercem pressão sobre o discurso, mas constituem-no. Para ela, "o discurso é sempre relacionado às suas condições de produção" (op. cit., p. 88), ou seja, dessa forma o discurso é o funcionamento das condições de produção e este funcionamento não é integralmente linguístico, pois leva em conta as posições dos protagonistas destes discursos (PÊCHEUX, 2009).

Robin (1977, p. 93), traz as palavras de Foucault (1969), para dizer que embora as condições de produção estejam inscritas no discurso, elas

não são no entanto relações exteriores ao discurso, que o limitariam, ou lhe imporiam certas formas, ou o forçariam, em certas circunstâncias, a enunciar certas coisas. Elas estão de algum jeito no **limite do discurso**, oferecendo-lhes objetos de que ele pode falar, ou melhor (pois esta imagem da oferta supõe que os objetos estejam formados de um lado e o discurso do outro), elas determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder tratá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los (grifo do autor).

Sendo assim, a AD não considera a noção de contexto da teoria da comunicação. Pelo contrário, a rejeita, porque nesta teoria a conversação só é considerada no instante em que é produzida, quando para a AD o sentido do discurso não pode ser considerado sem levar em conta a ideologia, a memória e a história.

Também nas CP são as Formações Sociais que determinam os lugares de quem fala e, com isto, regulam também o que o sujeito tem a dizer e o que pode ser dito, a partir deste lugar. Pêcheux (idem, pp. 75-76), nos diz:

um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está 'isolado' etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz (...). (grifos do autor)

As variações para os termos protestos e manifestantes serão tratadas aqui como denominações ou designações no sentido atribuído por Mariani (1998), que as considera como produtoras de sentido, se realizando na ordem do discurso e que se estabelece na relação com o linguístico e o histórico-social. Segundo esta autora:

As denominações significam, e do ponto de vista de uma análise podemos dizer que elas 'iluminam' a natureza das relações de força existentes numa formação social, ou, em outras palavras, tornam visíveis as disputas, as imposições, os silenciamentos etc., existentes entre a formação discursiva dominante e as demais. Elas materializam esse cruzamento de discursos no qual atuam os domínios da memória, da atualidade e da antecipação.

Do nosso ponto de vista, as denominações funcionam designando, descrevendo e/ou qualificando. As denominações significam não apenas pelo que se diz com elas, ou pelo modo como se diz, mas também pelo que não se diz (ie, o conjunto das denominações não ditas, mas implicadas), bem como pelo que se desprende das relações que elas mantêm entre si. As denominações vão, assim, organizando regiões discursivas de sentidos que podem se repetir ou se transformar a cada período histórico, em correspondência com as relações sociais de força em jogo. Ou seja, elas estão instaladas no interdiscurso, impedindo outras significações, disfarçando as tensões, mas ao mesmo tempo e, contraditoriamente, tornando evidente a fuga dos sentidos (1998, p. 119).

Para dialogar com esta perspectiva trouxemos também o trabalho de Zoppi-Fontana intitulado *Identidades (In)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença* (2003), no qual ela realiza uma reflexão sobre os processos de subjetivação/identificação do sujeito em relação aos discursos que interpretam a presença dos camelôs nas ruas das grandes cidades. Neste artigo, a autora estabelece uma relação entre a análise das designações e a possibilidade de delimitações das posições-sujeitos:

É a substituibilidade da unidade (a designação) num discurso, que lhe confere neste discurso um caráter referencial, constituindo o objeto do discurso em objeto exterior. Neste sentido, a análise das famílias parafrásticas que se estabelecem entre as formulações permite delimitar, a partir (entre outros) dos processos de designação, as posições de sujeito que configuram os enunciados (Op. cit. p. 250).

Dessa forma, são as CP que designam as relações de lugar (relações de classe), a situação e a posição dos sujeitos, a partir dos seus lugares, nos diversos

discursos, situando-nos quanto às suas Formações Ideológicas (FI) e Formações Discursivas (FD) levando em conta as famílias parafrásticas que são as variadas substituições que é possível fazer de um mesmo termo num processo de designação.

Além disso, é preciso esclarecer que tomamos aqui o processo de designação como sendo "relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito", à luz do que compreende Zoppi-Fontana (2003, p. 250).

Ainda em Courtine (2009), veremos, com relação à situação, que esta são dados que inserem o discurso tanto em contextos restritos, isto é, imediatos, quanto amplos, que, por sua vez, se constituem do contexto ideológico, histórico e social. Para Courtine (op. cit., p. 54), essa situação acontece "em campo fechado, (...) (em) que se passam as peripécias discursivas, ao abrigo da determinação da história".

Para Orlandi (2005, p. 30-31), as condições restritas de produção dizem respeito ao contexto imediato e as condições amplas de produção "incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (...) O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade."

Quanto à memória, quando pensada com relação ao discurso, pode ser entendida como interdiscurso, pois

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2005, p. 31).

Dessa forma, a memória discursiva não pode ser tomada aqui como memória individual (PÊCHEUX, 1999), mas como um repertório de dizeres já formulados e esquecidos, que são formulados novamente como se nunca tivessem sido ditos, isto é, como interdiscurso. Sobre isto, é ainda Orlandi que esclarece:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito

específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o 'anonimato' possa fazer sentido em 'minhas' palavras (op. cit. pp. 33-34)

Na AD pecheuxtiana as Formações Discursivas (FD) e as Formações Ideológicas (FI) se relacionam e são articuladas por proposições como a de que "as FD são componentes interligados das FI" (COURTINE, 2009, p. 73) e isto significa que, em relação à primeira proposição, cada FD produz o sentido das palavras, expressões e "autoriza" nossas falas de acordo com as posições que assumimos socialmente.

Essa noção é fundamental para nós que fazemos a Análise do Discurso entendermos que os sentidos existem em relação às FI nas quais as FD se inscrevem e que as palavras, ou o jogo das palavras, escondem o sentido que revela a ideologia a qual estamos filiados quando pensamos no confronto entre a luta de classes. Segundo Orlandi (2005, p. 43):

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

É, então, a partir dessas três categorias de análise, Condições de Produção, Formações Ideológicas e Formações discursivas, que iremos investigar as materialidades discursivas das revistas já citadas, situando nosso trabalho na área da análise do discurso, pois, como já dito, esta teoria promove uma nova prática de leitura que, por sua vez, pode ajudar a construir uma outra ordem de reflexão sobre os discursos que circulam socialmente.

3.3 Quanto a análise de imagens

Sentimos a necessidade de um tópico para tratar das análises das imagens, pois na AD a análise de corpus não-verbais não foi tratada por Pêcheux, embora na obra *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (1990) ele tenha feito referência a uma análise televisiva sobre as eleições presidenciais na França, na qual foi eleito o

candidato François Mitterrand, focada no enunciado "On a gagné". É por concordar com Orlandi (1983) que toma o texto (verbal/não-verbal) como espaço simbólico que iremos fazer breves considerações neste tópico sobre as noções de simbólico e de intericonicidade, esta última desenvolvida por Courtine, para analisar as materialidades imagéticas que compõem o nosso corpus.

É por entender a imagem como discurso, que optamos por analisar as imagens assim como as sequências discursivas.

Davallon (1999, p. 30) afirma que "a imagem é um operador de simbolização" e Pêcheux (et al) discute o que se entende por simbólico no texto *Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia* (2011, p. 64), no qual ele diz

é hoje insustentável reduzir o simbólico a um pressuposto genético da lógica e da linguagem. Ele entra em uma relação específica com o real e o imaginário, determinando a subjetividade como efeito de interpelação de que o sujeito é o lugar, pelo viés da identificação.

Sendo assim, é possível pensar o simbólico como o lugar da representação, no qual as imagens (também) compõem as nossas representações do mundo. Estas simbolizações não estão isoladas, elas são interpretadas a partir do cultural, do social, do histórico, que nos constituem.

Com base no que foi dito brevemente sobre a noção de simbólico, iremos refletir sobre a ideia de intericonicidade, que foi cunhada na França por Jean-Jacques Courtine e trazida para o Brasil através dos trabalhos de Nilton Milanez.

Em entrevista realizada por Milanez (2005) gravada em Sorbonne Nouvelle - Paris III, Courtine fala a respeito da noção de intericonicidade:

Me parece que a ideia de memória discursiva, aquela em que não há texto, não há discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis sem referências a uma tal memória diria a mesma coisa de uma imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna: as imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo, imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens fossem apenas vistas ou simplesmente imaginadas (...).

O que nos parece muito claro nesta fala de Courtine sobre a intericonicidade é que ele define que ela trata de uma relação entre imagens que são vistas (externas) com imagens que são resgatadas da nossa memória (internas) para podermos construir o sentido. Mais adiante, nessa mesma entrevista, ele ratifica esta ideia:

Portanto, a intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como um enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault, mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo de todas as memórias. Podem até ser os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas e também aquelas imaginadas que encontramos no indivíduo (...).

Sobre isto, Milanez (2006, p. 168) acrescenta:

Para Courtine, a produção das imagens depende, então, de duas condições que se sustentam reciprocamente: uma que diz respeito a nossa faculdade em animar imagens inanimadas, tornando-as suscetíveis de diálogo e, outra, que nos fala diretamente da capacidade das imagens de tomar corpo no suporte que as recebe.

Dessa forma, é possível pensar que ao vermos uma imagem, há nela algo que pode nos tocar em algum ponto, nos chamar a atenção, nos deixar alguma marca na memória e estas imagens armazenadas "conversam", de forma infinita, com as imagens novas com as quais temos contato, numa relação de envolvimento que torna possível a identificação do sujeito ou não.

Procuramos estabelecer, então, relações entre as denominações das sequências discursivas, as imagens das materialidades e suas condições de produção (CP), sua formação discursiva (FD) e sua formação ideológica (FI), levando em conta que na AD o corpus determina a análise e que isto torna também possível o movimento contrário: pensar como as FI comportam as FD que, por sua vez se imbricam com as CP, e regulam os processos discursivos, desvelando a posição-sujeito de cada revista.

É com base no que vimos nesta seção, que iremos analisar o nosso objeto, as materialidades imagéticas e discursivas dos *Protestos de Junho de 2013 no Brasil*, nas revistas *Veja* e *CartaCapital*, na seção a seguir.

4 OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL: REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL

O nosso objetivo nesta seção é mostrar os mecanismos do funcionamento discursivo das RV e CC que revelam a não imparcialidade dos discursos sobre os protestos de junho de 2013. Para tanto, iremos inicialmente apresentar as Condições de Produção dos discursos sobre os protestos, para em seguida apresentar as imagens e as Sequências Discursivas que compõem tais discursos e suas respectivas Formações Ideológicas e Formações Discursivas. Nem todas as SD que foram aqui registradas serão analisadas, mas insistimos no seu registro para mostrarmos a reincidência do uso das várias denominações para os termos protestos e manifestantes e, ao mesmo tempo, situar o leitor de maneira mais ampla sobre o que foi dito.

4.1 As Condições de produção dos discursos sobre os protestos

Na AD, como dizem Cavalcante e Melo, (2015, p. 66), “as Condições de Produção do Discurso compreendem os sujeitos em suas relações (amplas e estritas) e uma memória discursiva.”. As condições amplas de produção “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (Orlandi, 2005, p. 30). Assim, no estudo dos processos discursivos, há que se levar em conta o momento histórico de sua produção e a memória que eles convocam. Nesse sentido, antes de analisar as materialidades discursivas que constituem nosso *corpus*, entendemos ser necessário situar as condições sócio históricas e ideológicas que possibilitaram seu surgimento (condições amplas) e as condições imediatas (estritas) que engendraram os discursos.

Quanto às condições amplas, há que se considerar a crise estrutural do capitalismo que desencadeou novos rearranjos políticos e econômicos que garantissem a manutenção da dominação econômica, via novas orientações do FMI e do Banco Mundial, orquestradas no consenso de Washington. Essa reorientação resultou na implantação das políticas neoliberais. No Brasil, essas políticas se consubstanciaram segundo Cavalcante e Machado (2015, p. 127),

na institucionalização da autocracia burguesa, do governo FHC e no social liberalismo ou num ‘reformismo sem reformas’ dos mandatos do PT, caracterizados pelo ‘pacto de classes’, em sintonia com os processos políticos que marcaram o ciclo de ‘governos de esquerda’, no início do século XXI, na América Latina.

Já as condições estritas de produção dizem respeito ao contexto imediato e, nesse caso, temos o final do primeiro mandato da presidente Dilma, eleita em 2010, substituindo o presidente Luís Inácio Lula da Silva, após um mandato de duas gestões. Nesse período, o Brasil apresentou uma considerável redução da inflação, sendo mantido até a primeira gestão do governo Dilma, quando o referido “pacto de classes” começa a dar sinais de esgotamento. Isso é motivado, segundo Cavalcante e Machado (2015, p. 128), pela crise econômica internacional,

que impõe a redução das taxas de crescimento do país, criando dificuldades para persistir na conciliação do discurso ‘desenvolvimentista’ com a prática neoliberal, o que implica impedimento da manutenção das políticas compensatórias.

Como consequência, vive-se um cenário de muito pouco investimento nos serviços públicos como: educação, saúde e transporte público. Enquanto isso, investiam-se grandes somas na preparação do evento da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de Futebol, que ocorreria no Brasil, no ano de 2014.

É nessa conjuntura que ocorrem os protestos de 2013. As materialidades discursivas que serão aqui analisadas foram extraídas de duas revistas, editadas no Brasil, no gênero reportagem, que fizeram a cobertura dos protestos. As reportagens da revista *Veja* foram assinadas por Bela Megale, Carolina Rangel, Otávio Cabral, Alexandre Aragão e Daniela Lima e as da **CartaCapital** assinadas por Rodrigo Martins, André Barrocal, Pierro Locatelli e Willian Vieira. Seus leitores pertencem à classe média, média alta e alta, que formam a massa consumidora do nosso país e, por sua vez, também são formadores de opinião. Podemos dizer que o Brasil viveu, entre junho e setembro de 2013, momentos de muita emoção, de variados sentimentos, de diferentes apreensões. De um lado, o povo, através principalmente da figura dos jovens, de variadas tendências, que saíram às ruas para reivindicar direitos nunca antes mencionados de forma tão esbravejada. De outro, os políticos e autoridades, como a polícia, lidando de forma tão “conservadora” com a situação.

Ainda sobre as condições estritas, os protestos ocorreram em muitas cidades do Brasil, mas as reportagens em tela só foram publicadas uma semana após o primeiro grande protesto na cidade de São Paulo (ocorrido em 13 de junho de 2013), quando, na verdade, os protestos contra o aumento das tarifas de ônibus já vinham ocorrendo desde 2012 (Salvador, Rio de Janeiro e Natal), com grupos menores de participantes e sem muita atenção da mídia televisiva.

Esses protestos contra os aumentos das tarifas de ônibus, que já ocorriam, ajudaram a criar um movimento urbano, não-partidário, mas não anti-partidário, nomeado Movimento Passe Livre (MPL), surgido em 1999, em Florianópolis, que nasceu entre os estudantes e pessoas comuns, dando voz aos que se mostravam contrários aos aumentos das passagens e que tem como bandeira a tarifa zero para todos os brasileiros.

Para situarmos as Condições de Produção destas materialidades, é preciso pensar que há memórias históricas na constituição e formação ininterrupta de informação nos meios de comunicação, que são decisivas para o papel da imprensa, que funciona como uma disciplinadora social de saberes, ao realizar a formulação, a circulação e a manutenção dos discursos, de acordo com a formação discursiva na qual se insere.

Os protestos de junho de 2013 envolveram variados sujeitos: a juventude estudantil, donas de casa, militantes, estudantes-trabalhadores e, embora Antunes (2014, p.27 e 28) não esteja tratando dos sujeitos discursivos, mas dos sujeitos empíricos, ele afirma que

as manifestações se ampliaram e se tornaram policlassistas, com setores da classe média conservadora; setores aparentemente apolíticos; setores mais politizados; setores da periferia, como o Movimento Periferia Viva e dos trabalhadores Sem Teto (...), além do novo proletariado de serviços (...).

Esta distinção entre os sujeitos empíricos e sujeitos discursivos é necessária, porque para a análise do discurso

o sujeito (...) é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua situação no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva) (ORLANDI, 2001, p. 99).

Antunes (op.cit.,p.24) afirma que tivemos em junho movimentos multitudinários, muito heterogêneos e polissêmicos. Os lugares de onde estes vários sujeitos falavam eram distintos, mas havia uma concordância num mesmo ponto: "um descontentamento em relação tanto às formas de representação e de institucionalidade que caracterizam as 'democracias' vigentes nos países capitalistas (...)".

No sentido de vermos as designações dadas a partir dos lugares sociais de cada sujeito discursivo nos protestos de junho de 2013, selecionamos as utilizadas para **protestos e manifestantes** no conjunto da totalidade de todas as reportagens da revista Veja entre junho e dezembro de 2013:

Para protestos:

protestos; manifestações; passeatas; manifestações organizadas; movimentos; movimentos de rua; protestos legítimos; revoluções; espasmos populares; arruaça; manifestações violentas; bloco do quebra-quebra; badernaço.

Para manifestantes:

rapaziada; as minorias; militantes de partidos de extrema esquerda; militantes radicais de partidos de centro-esquerda; punks; desocupados de outras denominações tribais; grupo nanico; minorias; milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada; minorias de vândalos profissionais; rebeldes sem causa; os insufladores; o grupo; integrantes de grupo punk; manifestantes; ativistas; jovens caçados nas universidades por empresas em busca de mão de obra qualificada; jovens; multidões; turbamulta; o povo; intrusos; massa; multidões de libertários independentes; vândalos; anarquistas; integrantes da classe média; os brasileiros; jovens da periferia; punks; universitárias de tênis Farm; bando; bando de arruaceiros com os rostos cobertos; bando de inspiração anarquista; militantes; grupo pequeno; vândalos de ocasião; mascarados; vândalos paulistas; moradores de periferia; egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST; estudantes de universidade como USP, PUC e FAAP; turma

heterogênea; black blocs; manifestantes comuns; membros; turma; cara tapada; turma do bem; criminosos

Num primeiro olhar, ao nos depararmos com o conjunto total das designações nas discursividades da revista *Veja*, ratificamos as pistas dadas pelas imagens do primeiro número (19/06/13) quanto ao posicionamento da mesma. Na RV, as denominações dadas ao termo protestos, na sua totalidade, mostram uma gradação com relação aos sentidos produzidos. Na primeira edição da revista, os protestos são tidos como *manifestações*, *passeatas*, mas logo percebemos (nas edições seguintes) um deslizamento neste posicionamento: *revoluções*, *espasmos populares*, para, finalmente, ficar clara a sua posição: *arruaça*; *manifestações violentas*; *bloco do quebra-quebra*; *badernaço*, quando se trata das manifestações com a presença dos Black Blocs.

Já nas denominações para os jovens que participaram dos protestos, há a ocupação de diferentes lugares, mas, no entanto, todos são negativos nas primeiras edições. Tanto os que estão à margem do sistema - *criminosos*, *arruaceiros*, *jovens da periferia* (ou, seja, pobres), como os de classe média *desocupados*, *rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada*, *rebeldes sem causa*. Nas edições seguintes, perceberemos que a revista designa diferentemente os manifestantes que usam a tática Black Bloc, dos manifestantes que não as usam.

Como nos diz Mariani (1998, p. 122) "estas denominações tornam 'objetiva' uma dada 'realidade' (...)", produzindo o sentido de que estes protestos promovem a desordem e que, neste mesmo sentido, estes manifestantes são desordeiros.

Além do destaque que daremos aos termos **protestos** e **manifestantes** e suas variações, ao lermos, inicialmente, a materialidade da Revista *Veja* do dia 19 de junho de 2013, foi possível observar que ao longo das suas nove páginas, a mesma traz uma série de termos que convergem para uma perspectiva negativa do que está sendo lido, num evidente direcionamento do autor sobre o sujeito-leitor, como podemos observar pelos termos apresentados abaixo:

fúria-incêndio-fagulha-pouco-faísca-labaredas-detidos-presos-confronto-ditadura militar-feridas-atingidas-lascas de bombas de gás lacrimogêneo- balas de

borracha- socialismo revolucionário- minorias- quebra-quebra- suspeitos- extrema-
 radicais-punks-desocupados-tribais-tédio-violento-quebra- espantoso-vândalos-
 rebeldes-insurgentes-insufladores-arregimenta-agressão-depredação-violência-
 invasão-ocupação-balas-fuzis-jovens caçados-repressão policial-corrupção política-
 luta-briga-vociferam-queixa-doenças-moléstias-ausência-conflito-armadilha-
 inescapável-repressão-inflame-agravado-conflituosa-corrupta-abusa-força-perigo-
 degeneração-batalhas campais-desastroso-confronto-perdendo

O primeiro contato dos sujeitos-leitores com esta materialidade, deixa-os em estado de aflição, pois aliando a imagem da capa, que já anuncia fogo/incêndio, a primeira metáfora usada pelos autores no primeiro parágrafo da reportagem também dialoga com a capa: "Para fabricar um incêndio bastam uma fagulha e um pouco de oxigênio. No caso da série de manifestações iniciadas em São Paulo e no Rio, a faísca foi o aumento da passagem de ônibus". E, durante toda a reportagem, esta rede de significações negativas ao longo do texto faz com o que o leitor passe a ver, principalmente se não conhecia muito bem as razões dos protestos, sua origem, seu histórico, sua ideologia como algo negativo. Lembremos as palavras de Bakhtin/Voloshinov (1999, p. 113),

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta **duas faces**. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede **de** alguém, como pelo fato de que se dirige **para** alguém. Ela constitui justamente **o produto da interação do locutor e do ouvinte**. Toda palavra serve de expressão a **um** em relação ao **outro**. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Grifos do autor).

Sendo assim, é possível perceber que há, intencionalmente, uma forma sutil de persuadir o sujeito-leitor, que dá a ele uma falsa impressão de autonomia, quando, na verdade, ele está sendo manipulado pelo autor.

Trataremos mais detalhadamente deste aspecto ao longo das análises das Sequências Discursivas.

Em relação ao nosso corpus analítico, gostaríamos de proceder à análise, iniciando pelos discursos imagéticos e em seguida das sequências discursivas, porque tomamos a imagem por texto, concordando com Orlandi (1983) quando ela

afirma que texto é unidade de significação e esta definição rompe com a tradição de só se considerar texto o que é escrito.

As imagens, tanto estão presentes nas capas, como no interior das reportagens, por isso mesmo fazem parte da reportagem como um todo. Além disso, as imagens, dentro do suporte revista, têm (capa e fotos da reportagem) funções diferentes.

Ao que nos parece, a foto da capa é imbuída da responsabilidade de chamar a atenção dos possíveis compradores para "seduzi-los" a comprar. Ela será o que irá aparecer de Norte a Sul do país e funciona como a "vitrine" da revista. O objetivo primeiro da capa é impactar o leitor para que ele pare e se sinta, de forma irresistível, convidado a olhar e ler o que está dito ali, para, em seguida, interessar-se pela matéria e, finalmente, adquirir a revista.

Já as fotos das reportagens são voltadas ao público leitor (assinantes, compradores avulsos) das revistas e que, provavelmente, conhecem e se identificam com o perfil ideológico de cada uma. Nas matérias, o papel das imagens é o de criar memória, conduzindo o leitor para o ponto de vista do editor, como afirma Davallon (1999, p. 31):

(...) se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade - **um acordo** - de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista. (grifo do autor).

Como a incompletude do sentido é condição própria dele, a interpretação das imagens se concretiza nos sujeitos leitores. Como nos diz Campos (2013, p. 151):

O olhar e a imagem são mediações entre o sujeito e a cena do Real. O sujeito, enquanto resultado da relação com a linguagem e a história, só pode se manifestar através de uma matriz de sentido reguladora. Essa matriz de sentido é delineada de forma heterogênea a partir do interdiscurso, através da antecipação das relações de força e de sentido que dá condições ao sujeito para se posicionar no processo discursivo. Portanto, é nas relações de contradição, de dominação, de aliança e de confrontação que olhar e imagem se constroem.

Observemos, então, inicialmente, as imagens de capa e de abertura das reportagens das revistas. Veja seguidas das sequências discursivas selecionadas,

destacando os termos *protestos e manifestantes* e suas várias denominações ao longo de cada materialidade.

4.2 Revista Veja edição 2326

4.2.1 Imagem de capa

Figura 4 - Imagem de capa da Revista Veja, edição 2326, ano 46, nº 25, de 19 de junho de 2013.



Esta é a primeira reportagem da Revista Veja sobre os protestos de junho de 2013 e, inicialmente, já assinalamos que, embora a foto da capa tenha como título "A Revolta dos Jovens", ela não traz nenhuma imagem de jovens durante o protesto. Além disso, nos chama a atenção o fato de que a revista focou num rastro de fogo, provavelmente, ateadado na frente de uma parada de ônibus, do Rio de Janeiro¹¹, com a pichação " 'contra' o 'Aumento' ", espetacularizando o acontecimento, deixando, inclusive, a capa com a cor vermelha prevalecendo, o que pode ser relacionado com o vermelho dos partidos de esquerda.

Com relação ainda as palavras "contra" o "Aumento", observamos que elas estão entre aspas, mas de modo estranho, pois a palavra "*contra*" tem aspas e a

¹¹ É possível dizer com precisão a cidade, pois esta mesma foto aparece novamente no conteúdo da reportagem, localizando o nome da cidade onde ela foi tirada.

palavra "*Aumento*" também (inclusive esta última com inicial maiúscula), além da cor das palavras (vermelho) e a cor das aspas (amarelo) serem diferentes, o que faz parecer que alguém escreveu e depois outro pichador (?) veio e colocou as aspas.

Dado o título da reportagem, também é singular que a revista não tenha optado por imagens de cartazes e bandeiras empunhados pelos milhares de cidadãos que foram às ruas nesta data, nem pelos próprios jovens a que o título da capa faz alusão, muito menos pelas agressões que participantes do protesto sofreram por parte da polícia ou mesmo, simplesmente, por uma foto panorâmica (tirada do alto) mostrando a quantidade de pessoas nas ruas.

Na verdade, desde a capa é possível antecipar o posicionamento político da revista diante do que estava ocorrendo e a tentativa, pelo subtítulo (Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?) de trazer o movimento para a esfera político-partidária, posicionando-se contra o governo Dilma/PT, que tinha sido alvo das investigações do mensalão, que sentenciou líderes políticos dos Partidos dos Trabalhadores, ligados ao ex-presidente Lula, estabelecendo uma relação com a capa anterior da Revista Veja¹² que traz a foto do ex-ministro do PT, José Dirceu, com os dizeres: "A verdade sobre José Dirceu", investigado e condenado no processo do mensalão.

Também é possível perceber a sensação de alarmismo/terrorismo perpassada pela imagem da foto, com as chamas em meio às palavras "contra" o "Aumento", com dejetos jogados ao chão, o fundo da foto escuro, mas com uma luz que se assemelha ao farol de um carro ou de um ônibus vindo na direção do leitor. Tal imagem contribui para construir a sensação de que protesto é algo ruim, que incita a destruição, põe em risco a segurança e promove a barbárie.

A matéria principal da Revista Veja é o protesto do Movimento Passe Livre, colocada como foto de capa nesta edição, porque em segundo plano, na mesma capa, vêm reportagens secundárias, consideradas menos importante, (embora também importantes, pois estão na capa), como a questão da saúde (sobre os remédios contra as bactérias) e da política (com a investigação da Abin - Agência Brasileira de Inteligência -sobre o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos).

¹² Revista Veja, edição 2325, ano 46, nº 24, 12 de junho de 2013.

4.2.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 5 - Imagem de abertura da reportagem "A razão de tanta fúria - Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade", revista *Veja*, 19 de junho de 2013, edição 2326, pp. 84-85



A foto traz um aglomerado de jovens, que empunham bandeiras e cartazes, na frente do Teatro Municipal de São Paulo, mas os dizeres deles não estão perceptíveis. Na verdade, a data relacionada à foto faz parte de um comentário (parte inferior direita da imagem), afirmando que estes manifestantes estão em frente ao Teatro Municipal de São Paulo na quinta-feira (!?). Como a revista tem data da quarta-feira, 19 de junho, supomos que a data à qual ela se refere é a quinta-feira da semana anterior, dia 13 de junho. Embora, não temos como afirmar (ninguém tem, só a revista) se esta foto, de fato, pertence ao movimento dos protestos de junho de 2013. A única bandeira identificável é a do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), por conta das cores. Em primeiro plano, estão três jovens suspensos num dos postes de iluminação ornamentados da entrada do Teatro, no início da escadaria. Todos estão, provavelmente, cantando ou gritando palavras de ordem. Num primeiro olhar, ao observar a materialidade, o leitor

é direcionado para as palavras (todas em maiúsculas): "A RAZÃO DE TANTA FÚRIA" e para os três jovens suspensos no poste.

Os textos que acompanham esta imagem, tanto no do lado esquerdo (lead) como do lado direito (no canto inferior) são, respectivamente os seguintes: "Os jovens já marcharam pela paz, democracia e liberdade. Os de agora vão às ruas para baixar o preço das passagens. Mas isso é tudo?" e "NAS RUAS Manifestantes em frente ao Teatro Municipal de São Paulo na noite de quinta-feira, no protesto que produziu o maior número de detidos em confronto com a polícia desde o regime militar."

Nesta primeira edição sobre os protestos e já nesta imagem de abertura da reportagem, a revista retoma o imaginário do período do regime militar, com dizeres (aqui, no lado inferior direito da imagem, e novamente no corpo da reportagem), quando comenta sobre o número de detidos em confronto com a polícia no protesto e durante o regime militar.

Detendo-nos apenas no título de abertura desta reportagem (por conta especialmente do termo fúria) somos remetidos a um imaginário de revolta, rebelião, caos. A palavra fúria aliada à imagem de abertura produz a ideia de verdadeiramente estarmos presenciando uma briga ou uma batalha entre partes. O que chama a atenção é o liame estabelecido entre fúria e protestos, pois o lead (texto verbal, que compõem a primeira parte da notícia), logo abaixo do título, remete historicamente a um jogo de posições (jovens que marcharam pela paz, pela democracia, pela liberdade...) que justifica que os de hoje (enfurecidos, marchando contra o aumento das passagens de ônibus) podem ser detidos, como se os motivos dos variados protestos se diferenciasssem ideologicamente e este último protesto teria (?) uma razão "menor".

A seguir expomos as Sequências Discursivas desta edição.

4.2.3 As Sequências Discursivas

Analisemos agora as diversas designações que receberam os termos **protestos e manifestantes** em algumas sequências discursivas da Revista Veja, publicada em 19 de junho de 2013, edição 2326, com a reportagem "A razão de tanta fúria", pp. 84-93.

SD1-"Para fabricar um incêndio bastam uma fagulha e um pouco de oxigênio. No caso da série de **manifestações** iniciadas em São Paulo e no Rio, a faísca foi o aumento da passagem de ônibus." (p. 86)

SD2-"A **passeata** de quinta-feira em São Paulo terminou com mais de 230 detidos, o maior número de presos em confronto com a polícia desde a ditadura militar." (p. 86)

SD3-"Mais de 100 pessoas ficaram feridas, incluindo dezenas que nada tinham a ver com a **manifestação** e que foram atingidas por lascas de bombas de gás lacrimogêneo ou balas de borracha disparadas pela Polícia Militar." (p. 86)

SD4-"Há uma grande chance de que boa parte da **rapaziada** que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário." (p. 86)

SD5-"**As minorias** que participaram ativamente do **quebra-quebra** são os suspeitos de sempre: **militantes de partidos de extrema esquerda** (PSTU, PSOL, PCO, e PCdoB), **militantes radicais de partidos de centro-esquerda** (PT e PMDB), **punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas**, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum **protesto violento**." (p. 86)

SD6-"Foi a quarta de uma série de **manifestações** organizadas por um **grupo nanico** criado por estudantes de São Paulo sob inspiração de um movimento nascido em Florianópolis. " (p. 86)

SD7-"Mas essa **minoria** interessa pouco. Ela sempre será **minoria**, por definição - ou alguém acha viável um país em que a maioria dos cidadãos quebra tudo a sua volta, dia sim, dia não?" (p. 88)

SD8- "O fenômeno realmente espantoso ocorrido no Brasil foi o fato de às **minorias** terem se juntado **milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada**, e não engrossando as fileiras das **minorias de vândalos profissionais**. A tentação maior é rotulá-los de **rebeldes sem causa**, bem ao estilo do personagem da música dos anos 80 do grupo Ultraje a Rigor, aquele garoto que os pais 'tratam muito bem' e que recebe deles 'apoio moral' e 'dinheiro para gastar com a mulherada'. " (p. 88)

SD9-"Os **insufladores** do **movimento** usam as redes sociais para organizar os **protestos**." (p. 88)

SD10- "**O grupo** também arregimenta simpatizantes nos grêmios estudantis dos colégios onde seus **integrantes** estudaram." (p. 88)

SD11-"Foram os **militantes do MPL** ligados a partidos que organizaram os dois primeiros **protestos** em São Paulo, que não chegaram a reunir 2000 pessoas." (p. 88)

SD12- "Para engrossarem o **movimento**, alas radicais dos partidos arregimentaram **integrantes de grupos punk** - alguns deles já conhecidos nos serviços de inteligência por ter se envolvido em episódios de agressão a minorias." (p. 88)

SD13-"Desse **subgrupo**, formado por **radicais políticos e punks**, partiu a maior parte das ações de depredação na Avenida Paulista durante a terceira **manifestação**, segundo informações da polícia." (p. 88)

SD14-"No **protesto** seguinte, o de quinta-feira, o **grupo radical** estava diluído entre as cerca de 5000 pessoas presentes." (p. 88)

SD15-"Esse **movimento** cresceu como hospedeiro de interesses políticos e se tornou um vetor de violência, disse um agente de inteligência da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo." (pp. 88-90)

SD16- "Nesta semana, estão marcados novos **protestos** em pelo menos nove cidades." (p. 90)

SD17-"O **movimento** iniciado pelo MPL guarda algumas semelhanças com o Occupy Wall Street, a invasão e ocupação por **manifestantes**, do centro financeiro de Nova York durante dois meses." (p. 90)

SD18- "Por fim, da mesma forma que ocorreu nos Estados Unidos, a causa original dos **protestos** foi se metamorfoseando e se multiplicando ao longo das **manifestações**, graças em grande parte ao caldo de cultura em que estão inseridos, formado por uma democracia e uma economia em boa forma." (p. 90)

SD19-"O estudo 'Mudando o assunto: um relato de baixo para cima do Occupy Wall Street em Nova York', conduzido pela Universidade da Cidade de Nova York, mostrou que 36% dos **ativistas** tinham rendimento familiar superior a 100 000 dólares por ano e 64% eram brancos." (p. 90)

SD20-"A economia beirando o pleno emprego faz dos **manifestantes** jovens caçados nas universidades por empresas em busca de mão de obra qualificada." (p. 90)

SD21-"Em São Paulo, os cartazes dos **manifestantes** na quinta-feira já incluíam, além do tema das tarifas de ônibus, palavras de ordem contra a repressão policial e a corrupção política." (p. 90)

SD22-"Como ficou claro nos últimos dias, contudo, boa parte dos **manifestantes** não é usuária de ônibus." (pp. 90-92)

SD23-"A história recente mostra que, mesmo quando nem eles próprios sabem contra o que exatamente se rebelam, os **jovens**, quando vão às ruas protestar, precisam ser ouvidos." (p. 92)

SD24-"E qual seria a doença brasileira que se manifesta através dos **jovens** nas ruas? São várias moléstias. A principal é a ausência de partidos e programas que empolguem legitimamente os **jovens**." (p. 92).

SD25-" 'Os **jovens** não se sentem representados pelos partidos e querem respostas rápidas às suas novas demandas', disse a VEJA Jordi Tejel Gorgas, historiador e sociólogo do Instituto Graduate, de Genebra, que acompanha as **manifestações** atuais na Turquia." (p. 92)

SD26-"As autoridades percebem que, se não agirem com vigor, poderão perder o controle da situação. Isso gera o risco de que a própria repressão inflame ainda mais os **movimentos de rua**." (p. 92)

SD27- "Esse é o grande perigo em uma democracia. A degeneração de **protestos legítimos** e da repressão policial necessária em batalhas campais produziria um desastroso confronto em que todos sairiam perdendo." (p. 92)

As denominações usadas pela RV para o termo protestos, nesta primeira reportagem, não expressam avaliações pejorativas (manifestações; passeatas; minorias; manifestações organizadas; movimento; movimentos de rua; protestos; protestos legítimos) para caracterizar um momento em que esta revista decidiu não se posicionar sobre como iria tratar o que estava ocorrendo. Não há denominações pejorativas, que desmereçam os protestos, embora as imagens criadas desde o início da reportagem com a alusão ao incêndio (reforçada pela imagem da capa, com o fogo), instaurem pistas de que o posicionamento da revista não é favorável aos eventos.

SD1 - "Para fabricar um incêndio bastam uma fagulha e um pouco de oxigênio. No caso da série de **manifestações** iniciadas em São Paulo e no Rio, a faísca foi o aumento da passagem de ônibus." (p. 86)

A imagem de incêndio (na capa) para representar o protesto ocorrido retoma dois elementos necessários: as fagulhas/faíscas e o oxigênio. A SD1 cita qual foi a

faísca, mas omite do leitor qual seria o oxigênio. Talvez porque o oxigênio sejam as motivações dos manifestantes para além do aumento nas passagens dos ônibus e isto ainda não estava claro inicialmente para a mídia.

Neste período inicial dos protestos, esta reportagem da Veja não estabelece uma relação de ataque frontal, com duras críticas, como ocorrerá nas reportagens seguintes, inclusive trazendo à memória¹³ os tempos da ditadura militar. No entanto, já no primeiro parágrafo há uma referência aos tempos da ditadura, resgatando a memória do que já foi vivido, "algo já anunciado antes e em outro lugar é retomado e significado" (MARIANI, 1998, p. 115), como nos mostra a SD abaixo:

SD2 - "**A passeata** de quinta-feira em São Paulo terminou com mais de 230 detidos, o maior número de presos em confronto com a polícia desde a ditadura militar." (p. 86)

Assim como a ideia de que a participação efetiva no movimento é feita por uma minoria de suspeitos que não tem o que fazer, reforçada também pela ideia de que a organização dos manifestos, de maneira geral, partiu de um grupo de estudantes, como revelam as SD4 e SD5 abaixo:

SD5 **As minorias** que participaram ativamente do **quebra-quebra** são **os suspeitos de sempre: militantes de partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO e PCdoB), militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT e PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas**, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento.

SD6 - " Foi a quarta de uma série de **manifestações organizadas** por um grupo nanico criado por estudantes de São Paulo sob inspiração de um movimento nascido em Florianópolis." (p. 86)

As denominações dadas apoiam um fio tênue de um aparente posicionamento favorável à liberdade de expressão, através dos protestos, porém, quando analisadas com mais cuidado, é possível perceber que a revista conduz o sujeito leitor a não se colocar ao lado dos estudantes na luta contra os aumentos

¹³ A noção de memória discursiva foi discutida na seção 3.

das passagens, mas acreditar que eles estão se expressando contra o governo da época:

SD11- "Esse **movimento** cresceu como hospedeiro de interesses políticos e se tornou um vetor de violência, disse um agente de inteligência da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo." (pp. 88-90)

Estas adjetivações, *hospedeiro* e *vetor*, são termos que, se tomados no sentido da ecologia e biologia, respectivamente, significam, segundo o Houaiss (2009, p. 1036;1940), que hospedeiro é "que ou o que abriga e/ou nutre outro organismo, parasita ou não" e vetor "diz-se de ou molécula de ADN circular, à qual pode ser adicionado um gene cujas características a célula passa a apresentar e transmitir para as gerações subsequentes."

Dessa maneira, é possível identificar a transformação pela qual passa o movimento, de hospedeiro de interesses políticos (quais?) para vetor (ou seja, reprodutor) de violência. Se pensarmos que na SD4, a materialidade afirma que alguns partidos participaram ativamente do "quebra-quebra" (PSTU, PSOL, PCO e PCdoB), então, está pressuposto, no discurso da RV, que os partidos políticos citados têm interesses políticos neste movimento e o tornaram um reprodutor de violência.

Assim como as denominações acima, as imagens analisadas no início deste capítulo, nos situam também quanto às Formações Ideológicas da Revista Veja. Formações ideológicas estas que, por sua vez, são representadas pelas Formações Discursivas, fazendo com que os sentidos sejam sempre determinados ideologicamente. Segundo Orlandi (2005, p. 43):

(...) Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

Esta FI fica ainda mais clara quando analisamos as designações para o termo manifestantes, que é o que faremos a seguir:

Diferentemente dos sentidos atribuídos às denominações do termo protestos, como já dissemos inicialmente, as designações para o termo manifestantes são

eivadas de preconceitos e produzem discursos negativos sobre eles, demarcando e estabilizando um conjunto de significados negativos para caracterizá-los: *rapaziada, militantes de partidos de extrema esquerda, militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT e PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, grupo nanico, rebeldes sem causa, insufladores*).

Como dissemos há pouco, as palavras produzem sentidos, carregados de ideologia que, por sua vez, como afirma Mariani (1998, p. 139), produzem a ilusão de que o que está sendo posto pela imprensa é a verdade:

A denominação, no discurso jornalístico, produz a ilusão de que os sentidos ali constituídos são 'verdadeiros', únicos e incontestáveis, ie, emanam de uma realidade evidente, palpável. No entanto, (...), no modo como os sentidos são produzidos, entram em jogo relações mantidas com outros sentidos seja num dado momento histórico, seja, também, da relação com a rede de filiações evocada na sua constituição pelo interdiscurso da FD dominante.

Esta ilusão, como já dissemos, é uma característica da FI e favorece dizeres que escondem conflitos e contradições sociais. Podemos identificar a FI da Revista Veja, analisando as SDs a seguir:

SD4 - " Há uma grande chance de que boa parte da **rapaziada** que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário." (p. 86)

SD5- "**As minorias** que participaram ativamente do quebra-quebra são os suspeitos de sempre: **militantes de partidos de extrema esquerda** (PSTU, PSOL, PCO, e PCdoB), **militantes radicais de partidos de centro-esquerda** (PT e PMDB), **punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas**, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento." (p. 86).

Observemos que a revista trata os jovens que participaram dos protestos por um lado, com um tom de imaturidade/irresponsabilidade próprios da idade (apenas dando vazão às pressões hormonais), mas, ao mesmo tempo, de marginalidade (são os suspeitos de sempre), embora nas ruas houvesse integrantes da classe média e militantes de partidos de esquerda.

Como a Formação Discursiva (FD) é constituída pela FI, que a representa, podemos dizer que nos discursos das materialidades analisadas da RV, nesta 1ª edição, a FD de matriz dominante é de um sistema capitalista-conservador, que é pró-situação da elite econômica, de direita, de oposição ao governo do PT, e que as sequências discursivas pertencem a esta matriz, assim como os termos negativos que foram selecionados acima, produzem uma ideologia que é contra a ética, a democracia, os direitos humanos, contra a classe trabalhadora e a força de organização da juventude, reproduzindo um discurso representativo do neo-liberalismo, porque na sociedade capitalista em que vivemos a imprensa rotula depreciativamente os cidadãos que ousam se manifestar publicamente contra os desmandos do Estado, historicamente.

Nesse sentido, a FI desse discurso revela a luta ideológica, que é a própria luta de classes entre a classe trabalhadora e a classe média burguesa, como nos diz Haroche, Henry e Pêcheux (1971):

Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras.

Nas revistas Veja que analisaremos a seguir, identificamos um deslizamento da posição sujeito inicial para um novo posicionamento, ou seja, um momento de transição entre o que tivemos na 1ª edição e o que vem a seguir nas edições 2327 e 2328.

A edição 2327 apresenta uma reportagem especial sobre o tema dos protestos de 31 páginas, que se subdivide em subtemas, todos ligados ao tema principal. Os subtemas se intitulam e tratam sobre: 1. "A História em Movimento", a lembrança do resultado de outros protestos de massa, como o que derrubou o Muro de Berlim, e o capitalismo venceu, e o que derrubou o presidente argentino Fernando de la Rúa e colocou o casal Kirchner no poder; 2. "O poder acuado", a culpabilização do governo Dilma por conta dos protestos e as insatisfações dos manifestantes ; 3. "O Ministro chefe da oposição", o possível envolvimento do secretário-geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, com as manifestações; 4. "Uma vitória parcial", a PEC 37, uma das reivindicações dos protestos, e casos de corrupção envolvendo políticos; 5. "Um chute na copa", os

gastos do governo com a Copa do Mundo; 6. "A conta é para todos", o custo do governo com os transportes públicos, o aumento das tarifas e o orçamento público; 7. "Cartel da roda presa", a investigação de fraudes nos contratos das empresas de ônibus, que financiam os políticos para serem beneficiadas; 8. "Os organizadores do caos", as ações dos black blocs durante os protestos e 9. "Depois da catraca, os caseiros", o Movimento Passe Livre e seus objetivos. Cada sub-tema é aberto com uma imagem, acompanhada da matéria.

Vejamos a reportagem desta edição analisando os discursos desde a capa, como fizemos com a edição anterior, e algumas reportagens dos subtemas, que melhor atendam aos nossos objetivos.

4.3 Revista Veja edição 2327

4.3.1 Imagem de capa

Figura 06 - Imagem de capa da Revista Veja, edição 2327, ano 46, nº 26, de 26 de junho de 2013.



Ao analisarmos as imagens das reportagens sobre os protestos, abrimos a oportunidade de compreender os componentes da linguagem visual como operadores do discurso. Dessa forma, entendemos que as imagens são carregadas de sentido. A imagem veiculada como capa desta revista nos mostra uma jovem

envolvida numa canga de praia com o desenho da bandeira do Brasil andando pela rua, num protesto que aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de junho de 2013¹⁴. Ao fundo, temos a impressão de que há uma barricada de madeira e que há fogo por trás dela, mas ao mesmo tempo a foto passa a sensação de que está tudo tranquilo, tudo sob controle. Tão tranquilo que permite que esta jovem caminhe, quase passeie pelas ruas, após se manifestar pelo seu país, numa postura nacionalista ou quase mesmo ufanista, diferentemente da capa anterior, que mostrava rastros de fogo, cores vermelhas e tratava os protestos como revolta dos jovens.

O título da capa, **Os sete dias que mudaram o Brasil** traz à memória, através do movimento interdiscursivo, o acontecimento histórico da Revolução Russa descrito na obra *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed (1976, p. 10-11) que trata sobre a Revolução Russa, ocorrida em outubro de 1917, e sobre ela o autor declara: "Foi uma aventura, das mais maravilhosas em que jamais participou a humanidade, tendo penetrado na história à frente das massas proletárias e escorando tudo nos seus desejos vastos e simples", já dando-nos neste prefácio a dimensão do que iríamos encontrar no interior da obra. Mais adiante, neste mesmo prefácio, Reed (idem, p. 11) afirma "é inegável que a Revolução Russa é um dos maiores acontecimentos da história humana e o surgimento dos bolcheviques¹⁵ um fenômeno de importância mundial."

Sabemos da importância e magnitude da Revolução Russa. O que não sabemos é porque a *Veja* estabelece esta relação entre os protestos de junho de 2013 e a Revolução. Mediante a condução que será dada por esta edição da Revista, é possível pensar que é com esta reportagem, já a partir da imagem da capa, que a *Veja* inicia todo um processo de convencimento ideológico para a

¹⁴ No final da capa, do lado esquerdo está escrito: "Rio de Janeiro, 20 de junho de 2013".

¹⁵ Na obra de Reed (1976, p. 13) há, antes do 1º capítulo, uma parte chamada "Notas e Esclarecimentos", na qual ele trata sobre a definição de Bolcheviques: "Tomavam agora o nome de Partido Comunista, para dar ênfase à sua separação total da tradição do socialismo 'moderado', ou 'parlamentar', que dominava os mencheviques e os socialistas da chamada maioria em todos os países. Os bolcheviques propunham a imediata insurreição proletária, a tomada das rédeas governamentais para apressar a vinda do socialismo, por meio da posse forçada da indústria da terra, dos recursos naturais e das instituições financeiras. Este partido exprimia principalmente os desejos dos operários fabris e também de secção importante dos camponeses pobres. O nome 'bolchevique' não é sinônimo de 'maximalista', porque os maximalistas formavam grupo separado (...). Entre seus dirigentes: Lenine, Trostky, Lunatcharsky.

derrubada do poder no Brasil (como aconteceu na Rússia) usando como mote as vozes das ruas. Só que, ao contrário do que ocorreu em 1917 lá, aqui quem está no comando é um partido de esquerda, o PT, e são os interesses de direita que querem vê-lo afastado do poder. Esta reportagem marca a passagem da responsabilização da gestão de Dilma Rousseff ao movimento dos protestos, enaltecendo, em seu discurso, os problemas de governo pelos quais estão passando a presidente e sua equipe e a criminalização das ações dos jovens, classificados como black blocs.

4.3.2 Imagem de abertura da reportagem¹⁶

Figura 07- Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.



¹⁶ A imagem é acompanhada de um pequeno texto (lead), que depois será analisado fracionadamente, mas que aqui necessitamos trancrevê-lo como um todo, pois será palco de nossa análise junto com a referida imagem: "Quando se espalhou por São Paulo um **protesto** contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu que a coisa era bem maior. Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores, como Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto entre os representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupeção, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Itamaraty criaram outro sentimento estupefacente: é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos."

A foto em análise foi fotografada no lado externo do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, situado em Brasília. Ela registra o momento em que os manifestantes tentaram entrar em seu interior e, reprimidos pela polícia, se espremem uns por cima dos outros, caem ou se jogam no espelho d'água, em frente ao Palácio.

A foto é composta pela imagem e pelo lead, que confirma a intenção da revista em distorcer os fatos, direcionando o leitor e canalizando os acontecimentos para outros interesses, fazendo a conexão entre os protestos e um descontentamento do povo com o governo da presidenta petista. Vejamos alguns enunciados do lead que ratificam esta afirmação: O emprego da expressão *todo mundo* não foi feito a esmo, pois como nos diz Pêcheux (2009), esta evocação faz com que nos sintamos parte do que está sendo dito para que haja um processo de identificação do sujeito-leitor; a metáfora criada pela expressão *abismo*, no qual de um lado estão os representantes do governo e de outro os que se sentem mal representados, assim como este jogo de palavras com representantes x (mal) representados, reforçam o direcionamento do discurso; a imagem seguinte criada pela ideia da presidenta acuada, o desaparecimento dos políticos e as instituições paralisadas que servem para compor um quadro de que os representantes do poder perderam o controle da situação e, por fim, a expressão final: *...é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos*, promovendo o sentimento de que o governo que estava no poder era fraco, frágil e que poderia ser derrubado, bastava que o "povo" assim o quisesse.

Com efeito, o que sabemos dos protestos de junho de 2013 é que a pauta das reivindicações era difusa e diversificada e que, entre as tantas reivindicações estava o aumento das passagens de ônibus em alguns estados, inclusive São Paulo, mas que ao longo da jornada de protestos esta pauta de cobranças assumiu diferentes bandeiras.

Por isso mesmo, por não ter um movimento (ou movimentos) bem definido(s) com relação à reivindicação, é que a Revista Veja encontrou uma oportunidade e se arvorou em imputar a culpa das insatisfações dos manifestantes à condução da gestão do governo petista em vigor.

Figura 08- Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.



Esta foto é a que traz o complemento da mensagem da foto anterior, que também é título da capa desta edição. Do lado direito da foto temos um texto verbal¹⁷, que será analisado aqui, juntamente com a imagem. Dessa vez, a imagem fotografada é panorâmica e foi tirada do alto da avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, durante a manifestação que contou com uma presença maciça (estimada entre um e três milhões) de manifestantes. Do lado esquerdo da avenida,

¹⁷ Eis o texto na íntegra: "Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana pode concentrar décadas de mudança. Foi o que se viu no Brasil na semana passada. Quem acha que não mudou em alguma coisa e que o Brasil não mudou passou os últimos dias isolados em uma bolha hermética. Curiosamente, aqueles que mais se enxergam como agentes da mudança, os partidos de esquerda, foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade das ruas. O PT acreditava que a paixão dos brasileiros pelo futebol seria exacerbada pelas Copas, de tal forma que ninguém mais notaria a corrupção e a ineficiência do governo. Errou feio. Os cartazes nas ruas fizeram das Copas símbolos odiados do gasto público de péssima qualidade, do desvio de dinheiro e do abuso de poder. O pobre presidente do PT, Rui Falcão, saiu do episódio apelidado de Rui Falcollor. Em 1992, em gesto de desespero, o então presidente Fernando Collor convocou os brasileiros a sair às ruas de verde e amarelo. O povo saiu de preto e ele saiu do Palácio do Planalto. Falcollor mandou a militância retomar as ruas, das quais os petistas se achavam donos, e viu o povo cair de pau na hipocrisia. Lula mandou os sindicalistas se fingirem de povo e o resultado foi o mesmo. Cascudos nos intrusos e bandeiras queimadas e rasgadas. Os esquerdistas tiveram de ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das manifestações: 'Oportunistas, oportunistas'. Para quem não é do ramo, a frase que abre este texto é do pai de todas as revoluções, o russo Lênin. Até ele ficaria sem palpite se tivesse presenciado as mudanças dos últimos dias no Brasil."

vemos nitidamente o relógio da Estação Ferroviária Central do Brasil e, ao fundo da avenida, iluminada, a Igreja da Candelária.

A reportagem que se inicia na mesma página de sua imagem de abertura, anuncia as mudanças que a revista acredita por que passa o Brasil depois de uma semana de protestos e coloca os partidos de esquerda ao largo desses movimentos e destas mudanças. Acusa o governo federal de corrupção e ineficiência com "gasto público de péssima qualidade, (de) desvio de dinheiro e (de) abuso do poder" (p. 63).

Além disso, trata o presidente do Partido dos Trabalhadores, Rui Falcão, por *pobre* e diz que os protestos (?) lhe apelidaram de Rui Falcollor, num explícito ato de deboche e desrespeito e passa a tratá-lo por este apelido quando se refere a ele. Também trata o ex-presidente Lula por apenas *Lula* e afirma que ele "mandou os sindicalistas se fingirem de povo" (p. 63), mas que os *intrusos* foram xingados *elegantemente* de *oportunistas*.

Esta afirmação de que o ex-presidente Lula deu ordens para que os *sindicalistas se fingissem de povo* foi feita por ocasião de Lula ter dito aos militantes do PT que participassem dos movimentos. No entanto, sobre pessoas infiltradas nos movimentos, quase um mês depois, alguns jornais publicaram:

a Polícia Militar do Rio de Janeiro resolveu usar policiais da chamada P2 (inteligência da Polícia Militar) infiltrados nos protestos. De acordo com as denúncias trazidas à lume pelos meios de comunicação, a estratégia consistiu em inserir policiais à paisana no meio dos manifestantes não só para informar quem eram os participantes que estavam promovendo atos de vandalismo, como também para atacar outros policiais fardados, no intuito de incitar a violência (LIMA, 2014, p. 10).

Sobre esta informação a revista Veja justificou que o comando da PM tinha razão em colocar policiais disfarçados para saber quem estava causando tumulto e proteger os demais manifestantes, defendendo que este era um artifício válido e necessário por parte deles. Nem nesta reportagem, nem nas seguintes sobre os protestos a revista fez menção à acusação de que os mesmos policiais infiltrados incitavam a violência.

A materialidade ainda traz, no final da página, um trecho no qual ela diz que "Para quem não é do ramo, a frase que abre este texto é do pai de todas as

revoluções, o russo Lênin" (p. 63). Confirma-se aqui, se havia qualquer suspeita, que o discurso da revista *Veja* estava voltado para não-comunistas (*quem não é do ramo*) ou ainda para anti-comunistas, pois ela opta pela construção de um discurso que coloca com frequência o leitor contra os partidos de esquerda que, segundo ela, é corrupto, ineficiente e oportunista. Como nos diz Orlandi (1983), com relação aos efeitos de sentido, o lugar dos interlocutores significa.

Finalmente, com relação ao que estamos analisando, a revista *Veja* faz uma referência a Lênin por meio de uma paráfrase ("Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana pode concentrar décadas de mudança", p. 63) do que ele realmente disse: "Há décadas em que nada acontece e há semanas em que décadas acontecem", de forma intencional, para levar o leitor a acreditar que os protestos estão na rua para derrubar o poder e fazer tudo "melhorar" e esta é mais uma, das muitas vezes (como veremos nas outras edições), em que a revista vai usar o discurso da esquerda para impressionar, convencer, posicionar seus leitores contra a própria esquerda.

4.3.3 Imagem de abertura do 2º sub-tema da reportagem¹⁸

Figura 9- Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista *Veja*, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.



A foto traz estampada em caixa alta e no topo as palavras "O poder acuado", com a foto do Palácio do Planalto cercada por militares, à noite. No térreo, aparece a

¹⁸ O texto na parte inferior direita da foto diz: "ISOLADA Um cordão de militares protegia o Palácio do Planalto na noite de quinta. Da janela do 4º andar, a presidente Dilma olhava os protestos".

imagem de várias pessoas conversando e transitando, assim como também há policiais militares. No texto do canto inferior direito da foto, há a indicação de que a presidenta Dilma está isolada, dialogando com a expressão *O poder acuado*, e está cercada pela proteção dos militares e observando os protestos pela janela do 4º andar.

A imagem da foto, no entanto, traz uma vertente militar, pois temos o Palácio do Planalto ao fundo e os militares armados em primeiro plano, o que, num rápido olhar, pode parecer que o Palácio foi tomado pelos militares (como ocorreu em 1964) e a presidenta está intimidada, sem conseguir sair.

Dessa forma, esta foto estabelece uma intericonicidade com a clássica foto¹⁹ dos militares cercando o Planalto no dia do golpe militar:

Figura 10 - Imagem do golpe militar de 1964, em Brasília/DF.



Apenas quando lemos o comentário da foto da revista *Veja*, no canto inferior direito, nos damos conta de que os militares estão lá para proteger o Palácio do Planalto.

Ao lermos o lead, compreendemos que o sentido construído é o de que a presidenta está perdida, perplexa, pensando no que fará, mediante os protestos que surgem em todos os lugares do país.

¹⁹ Foto de O Globo disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/o-golpe-militar-de-1964-9772972>

4.3.4 Imagem de abertura do 8º sub-tema da reportagem

Figura 11- Imagem de abertura da reportagem "Os sete dias que mudaram o Brasil". Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, pp. 60-91.



Sobre esta imagem, a escolha de uma foto que mostra os manifestantes destruindo um veículo blindado da Polícia Militar (PM), acompanhada do termo **CAOS** em caixa alta, na base da foto e com o lead denominando-os de vândalos, militantes de esquerda, pitboys²⁰ sem causa e anarquistas, demonstra a posição-sujeito assumida pela revista a respeito dos protestos. Se o leitor estabelecer uma intericonicidade entre esta imagem e a trazida na capa, verá que o efeito de sentido é de que há manifestantes bons, tranquilos (como aquela moça que passeia envolvida na imagem da bandeira do Brasil) e os de má índole, que saem quebrando tudo e promovendo o caos (os Black Blocs).

Estes, de má índole, têm origem no Movimento Anarquista, que a revista não esclarece sobre reforçando, dessa forma, o imaginário popular de que anarquia é sinônimo de falta de organização, bagunça, caos.

4.3.5 As Sequências Discursivas

Como dissemos anteriormente, registramos todas as ocorrências para os termos protestos e manifestantes, mas só serão palco de análise as que tomamos como mais revelantes para o nosso propósito.

²⁰ Contração de playboy e pitbull.

SD1-"Quando se espalhou por São Paulo um **protesto** contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu que a coisa era bem maior. " (p.61)

SD2-"Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, **multidões** bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira." (p. 61)

SD3-"A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a **turbamulta** subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos." (p.61)

SD4-"Lula mandou os sindicalistas se fingirem de **povo**." (p. 63)

SD5-"Casquinhos nos **intrusos** e bandeiras queimadas e rasgadas." (p.63)

SD6- "Os esquerdistas tiveram de ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das **manifestações**: 'Oportunistas, oportunistas'. (p.63)

SD7- "Como generais que comandam uma guerra atual pelos ensinamentos adquiridos no combate anterior, especialistas em análise política recorreram ao depósito de lugares-comuns para explicar os muitos e mutantes **acontecimentos** no Brasil. (p. 65)

SD8-"Apesar da natural confusão, é bom lembrar antecedentes históricos de **protestos** em massa e seus resultados. A razão imediata da queda do Muro de Berlim foi um piquenique. A Hungria já fora da esfera soviética fez uma confraternização fronteiriça com a Áustria, milhares de alemães-orientais aproveitaram a chance de escapar e, quando centenas de milhares de pessoas foram às ruas de Berlim, o controle armado do muro foi eliminado. O comunismo acabou e a Alemanha se reuniu."(p. 65)

SD9- "Dilma Rousseff assistiu perplexa, do Palácio do Planalto, à maior **manifestação popular** desde as Diretas Já." (p. 67)

SD10-"Perdido, o governo tenta achar formas de ganhar tempo e vislumbrar um plano para serenar a fúria do **povo** nas ruas brasileiras." (p. 67)

SD11- "Em sua fala em cadeia de rádio e televisão na sexta-feira à noite Dilma Rousseff teve pelo menos uma grande virtude. Ela reconheceu humildemente que o país que preside está vivendo um **fenômeno social de massa** inteiramente novo.

Mérito dela, pois, se há algo que tira do sério um político de esquerda, é justamente um **movimento de massa inescrutável**." (p. 67)

SD12- "Desde os tempos da revolução bolchevique na Rússia que os líderes esquerdistas desdenham qualquer **revolta popular** que não tenha sido organizada por eles. A da semana passada no Brasil foi um osso duro, mas essa gente tem estômago de ferro e nenhum compromisso com os fatos." (67)

SD13-"O bolchevique Gilberto Carvalho, ministro do governo Dilma, mas que presta continência apenas a Lula, disse que o mais de um milhão de **brasileiros** que foram às ruas protestar contra a corrupção e a impunidade estavam movidos por "um certo grau de moralismo". É o mesmo argumento que os comunistas, com ligeiras variações, historicamente usam quando as pessoas se manifestam livremente. Quem não se lembra do desprezo com que o camarada Ivanov chama de "moralistas diletantes" os revolucionários não comunistas no esplêndido livro O Zero e o Infinito, de Artur Koestler, autor que, se os petistas tivessem lido a sério, teriam, talvez, poupado a si mesmos e aos brasileiros de tanto sofrimento." (p. 67)

SD14-"O que as ruas brasileiras abrigaram na semana passada foram **multidões de libertários independentes não ideológicos** cansados de corrupção e de descaso. Por isso a perplexidade e a raiva surda dos esquerdistas de manual no poder no Brasil." (p. 67)

SD15-"Esqueçamos **os vândalos e os anarquistas**, gente que não estava lutando por um governo melhor, mas por governo nenhum - o que é uma estupidez. A revolução verdadeira foi a que começou a ser feita pelos **brasileiros** que foram às ruas protestar por estar sendo mal governados." (p. 67)

SD16- "No dia 20 de junho de 2013, a presidente Dilma Rousseff ficou por quase duas horas acuada no Palácio do Planalto, impedida de deixar o local pela porta da frente por uma **multidão** que, do lado de fora, bradava contra a corrupção, a PEC 37, os gastos na Copa, ela, o seu governo, todos os governos e mais uma lista sem fim de insatisfações - todas naquele momento atribuídas aos políticos no poder." (p. 67-68)

SD17- " 'Como a Abin não percebeu nada disso?', perguntou a presidente ao general José Elito, chefe do Gabinete de Segurança Institucional. Naquele momento, 50 000 **manifestantes** desciam a Esplanada dos Ministérios rumo à Praça dos Três Poderes, enquanto um **grupo** tentava entrar à força no Congresso." (p.68)

SD18- "Dilma, perplexa, assistia a tudo na televisão de seu gabinete no Palácio, àquela altura cercado por um cordão de militares que impedia a aproximação dos **manifestantes**." (p. 68)

SD19- "Dilma ainda deu dois telefonemas: um para o seu antecessor, o ex-presidente Lula, e o outro para o marqueteiro João Santana. Para o último, repetiu a pergunta feita ao general: 'Como as suas pesquisas nunca pegaram isso, João?'. Na noite mais tensa dos trinta meses de mandato de Dilma Rousseff na Presidência da República, 1 milhão de **pessoas** em uma centena de cidades brasileiras estavam nas ruas. Foi a maior **manifestação popular** desde o movimento Diretas Já. E o PT, o partido de Dilma e de seu antecessor, não tinha nenhum controle sobre ela". (p. 68).

SD20-"O PT assistiu, pasmo e impotente, a um território que antes lhe pertencia ser tomado por uma **multidão** não apenas imune aos seus comandos, mas também resistente à sua presença - como atestou dolorosamente seu presidente, Rui Falcão, o Rui *Falcollor*, que convocou a militância a participar das **manifestações** na quinta-feira e 'defender o PT e o governo'. Tiro no pé. (p.69)

SD21-"Iguazinho ao que o então presidente Fernando Collor, sinônimo de corrupção e quadrilhismo no Brasil, desferiu em 1992 ao convocar o povo para vestir verde e amarelo em sinal de apoio a ele. O povo saiu de preto, em sinal de luto. Petistas apanharam da **multidão**, tiveram suas bandeiras queimadas, foram escorraçados e xingados de 'oportunistas'. O PT perdeu as ruas." (pp. 69-70)

SD22-"Acuados no palácio, Dilma e seus principais assessores dividiram-se na quinta-feira quanto à forma de reagir à **multidão**. Gleisi Hoffmann, ao ver os **manifestantes** mais radicais tentando invadir o Itamaraty, sugeriu colocar as forças armadas na rua 'para defender o patrimônio público'. A presidente negou a sugestão de imediato." (p. 70)

SD23- "Na avaliação do governo, **os protestos** deverão continuar. Os alvos serão o excesso de gastos com a copa, a corrupção e a crise econômica. Um levantamento feito pelo Departamento de Inteligência e Pesquisa de Mercado da Editora Abril, que ouviu 9088 pessoas, confirmou o desgaste dos governos e dos partidos políticos e apontou que a quase totalidade dos brasileiros está disposta a continuar nas ruas." (p. 70)

SD24-"Nas reuniões do fim da semana passada, Dilma e seus conselheiros decidiram apoiar a CPI da Copa proposta pelo deputado ex-jogador Romário (do

PSB do Rio de Janeiro), trabalhar pela derrubada da PEC 37 (que limita o poder de investigação do Ministério Público) e oferecer, se preciso, a cabeça do presidente do Senado, Renan Calheiros, muito lembrado nos cartazes dos **manifestantes**." (p. 70-71)

SD25-"As pesquisas do marqueteiro João Santana podem ter falhado ao não detectar a possibilidade de uma onda de **protestos** no país, mas já traziam alertas ao governo sobre insatisfações de certos setores da população, principalmente nos grandes centros urbanos." (p. 71)

SD26-"Na sexta-feira, o Movimento Passe Livre (MPL), que iniciou os **protestos** em São Paulo, anunciou sua retirada de cena. Oficialmente, declarou que tomou a decisão por já ter atingido seu objetivo. A verdade, porém, é que, seguindo a lei histórica segundo a qual as revoluções raramente são concluídas pelos que as iniciam, o MPL tornou-se irrelevante ao cabo de alguns poucos dias. O caminho que as **manifestações** tomarão, é claro, está no campo da especulação.(p.71)

SD27-"A história mostra que os grandes **espasmos populares** espontâneos nem sempre prenunciam mudanças políticas de mesma coloração e envergadura. O famoso Maio de 68 na França culminou com a eleição de um presidente conservador, George Pompidou. No mesmo fim de década, o movimento pacifista americano 'flower power' conquistou corações e mentes de milhões, mas quem se elegeu presidente foi mesmo o direitista Richard Nixon. O certo, porém, é que as ruas das grandes cidades brasileiras parecem agora vacinadas contra o proselitismo, as ideologias velhas e o populismo. Essa é a verdadeira revolução." (p.71)

SD28-"A ação dos alopados de Gilberto Carvalho é só a ponta do iceberg. Ela faz parte de uma ofensiva de um grupo de petistas que quer - no embalo dos **protestos** nas ruas - minar o governo Dilma e fomentar a candidatura presidencial de Lula em 2014. Para essa turma, Lula atendia melhor ao partido do que Dilma, que, na prática, nem seria petista de verdade". (p. 74)

SD29- "Lula sempre nega em público ter pretensões de disputar a próxima sucessão presidencial, apesar de ouvir apelos para voltar ao jogo. Uma semana antes do início dos **protestos**, o petista recebeu um grupo de sindicalistas para uma reunião. Um dos convidados reclamou de Dilma e sugeriu que Lula tentasse voltar à Presidência, ao que ele respondeu com um palavrão. Na quarta-feira passada, Lula -

depois de ouvir mais queixas de sindicalistas - orientou-os a aderir às **manifestações**." (p. 76)

SD30-"O ex-presidente espalhou a versão de que Haddad foi o principal culpado pelo acirramento da situação em São Paulo ao menosprezar os **manifestantes**." (p. 76)

SD31-"Os **protestos** deflagrados inicialmente para exigir a redução no preço das passagens de ônibus logo evoluíram para outras causas. Uma delas, vital para o combate à impunidade e à corrupção no país, é a rejeição à chamada PEC 37, proposta de emenda constitucional em tramitação no Congresso Nacional que pode impedir o Ministério Público (MP) de fazer investigações criminais". (p. 79)

SD32-"A proposta tinha tudo para ser aprovada na próxima quarta-feira pela Câmara dos Deputados. Depois dos **protestos**, porém, o comando da Casa apressou-se em retirar o tema da pauta da semana, preocupado com a possibilidade de a votação inflamar ainda mais as ruas."(p. 79)

SD33-" 'Queremos hospitais padrão Fifa.' Ou, então, 'Dilma, me chama de copa e investe em mim? Assinado: Educação'. Na criatividade retórica que brota das grandes **manifestações** torcedores que lotaram o Castelão de Fortaleza na vitória do Brasil contra o México, na quarta-feira, transformaram em cartazes uma inescapável percepção, a de que a Copa de 2014 consumirá dinheiro público de mais para resultados de menos." (p. 80)

SD34-"Os **protestos** das últimas semanas evidenciaram a insatisfação da população com um governo que cobra muito - de cada 100 reais produzidos no país, o poder público se apodera de 36 reais na forma de impostos e não entrega a contrapartida nos serviços essenciais. Cobram de nós preços escandinavos e nos prestam serviços subsaarianos."(p. 82)

SD35-"Entre os **vândalos** que macularam os protestos há desde **militantes de esquerda** até **pitboys sem causa**, mas são os **anarquistas** que incitam o quebra-quebra." (p. 88)

SD36-"A ordem para debandar foi dada logo que um dos **anarquistas** , do alto de uma van em chamadas da Rede Record, arremessou uma câmera de TV no chão, para delírio de cerca de 100 **manifestantes** exaltados que permaneceram na frente da prefeitura de São Paulo após a passagem da **passeata** que seguira pacificamente em direção à Avenida Paulista, na última terça-feira." (p. 88)

SD37-" Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conseguimos implantar o caos', comemorou uma das **anarquistas**. Em seguida, **o bando** desapareceu, deixando para trás **uma horda** de imitadores que, nas duas horas seguintes, destruiu cinco agências bancárias, saqueou 27 lojas e pichou muros antes de ser dispersada pela tropa de choque". (p. 89)

SD38-"Padrão idêntico ocorreu em outras cidades, nas margens dos **protestos populares** da quinta-feira passada. A depredação da fachada do Palácio do Itamaraty, em Brasília, foi iniciada por um grupo de trinta **anarquistas**." (p. 89)

SD39-"Assim como eram **anarquistas** os primeiros a se aventurar na invasão da Assembleia Legislativa do Rio, na segunda-feira, que resultou em móveis e vitrais franceses originais destruídos, com um prejuízo estimado em 2 milhões de reais." (p.89)

SD40-"A tática de acender a fagulha do vandalismo e depois se retirar ou se misturar à multidão pacífica é conhecida como black bloc (bloco negro, em inglês), e foi aperfeiçoada nos anos 90 por anarquistas europeus. O que vale para os integrantes do black bloc é empurrar as **massas** para o comportamento irracional, mas eles próprios fazem isso de maneira calculada, descrita em manuais e combinada de antemão em reuniões restritas ou pela internet. O **anarquista** Roberto Spínola, funcionário da prefeitura de Santos, define assim os objetivos dos black blocs: 'Lutamos contra o governo, os partidos e a polícia' ".(p. 89)

SD41-"Os métodos e a capacidade dos **anarquistas** pegaram a inteligência policial de surpresa". (p.89)

SD42-"No dia seguinte, a polícia apresentou um vídeo que mostra os **anarquistas** iniciando confrontos com a Brigada Militar. Em São Paulo, prenderam-se apenas alguns **oportunistas** com passagem pela polícia que participaram dos saques e um ou outro **vândalo de classe média**, como o estudante de arquitetura e **pitboy** que se destacou no apedrejamento da prefeitura". (p. 89)

SD43-"Já a polícia do Rio só identificou dois dos cerca de 100 **indivíduos** que tumultuaram o centro da cidade na quinta-feira. Os **arruaceiros** representam uma parcela ínfima dos **manifestantes** que tomaram as ruas na semana passada - 1,3% em Brasília, 0,3% em São Paulo e 0,08% no Rio de Janeiro. Os **anarquistas**, por sua vez, são uma minoria dentro da minoria, mas são os mais organizados. Para que fosse coibida a baderna nos protestos, eles deveriam ser os primeiros a ser identificados e punidos." (p. 89)

O termo *protestos* e suas designações nas sequências discursivas acima, em si, não informam negativamente aos leitores sobre a posição da revista, mas os enunciados nos quais eles estão inseridos estão prenhes de sentido.

Na SD1, o enunciado "todo mundo sentiu que a coisa era bem maior" nos revela duas coisas: o significado atribuído à expressão *coisa*, no qual tudo pode se encaixar, e a expressão *todo mundo*, que alça o leitor para o mesmo ponto de vista do locutor.

Na SD7, a oração subordinada "Como generais que comandam uma guerra atual pelos ensinamentos adquiridos no combate anterior", retoma o imaginário de guerra e manifesta o pressuposto de que os especialistas em análise política não sabem o que estão dizendo (trazendo o pressuposto de que se alguém sabe são os jornalistas/redatores da RV), por isso recorrem a "lugares-comuns" para explicar o que está acontecendo.

Nas SD9, SD10 e SD13 o discurso da revista se molda ao que os leitores que as compram ou assinam querem ouvir, pois uma vez identificados com a posição ideológica da revista, dão margem ao locutor para realizar um mecanismo do discurso chamado de antecipação (PÊCHEUX, 2010), que ocorre através da imagem que o locutor tem de si e do leitor e, por isso se antecipa ao que o outro quer ouvir: "Dilma está perplexa", leia-se sem ação; que os políticos de esquerda ficam fora do sério diante de movimentos de massa incompreensíveis; que os líderes de esquerda não gostam de insurreições populares que não tenham sido organizadas por eles, mas que "essa gente tem estômago de ferro e nenhum compromisso com os fatos" e cita a obra *Zero e o Infinito*, de Arthur Koestler, jornalista húngaro e ex-marxista, que se tornou o maior anti-comunista da década do pós-guerra, no século XX e que em 1983, aos 78 anos, se suicida, juntamente com a esposa, para persuadir o leitor de que *essa gente* marxista, que compõe o grupo dos partidos de esquerda do país, ficaria melhor e pouparia a todos, inclusive eles próprios, de tanto sofrimento se desistissem de ser comunistas.

Na SD14, a revista afirma que foram para as ruas "**multidões de libertários independentes não ideológicos** cansados de corrupção e de descaso". Nesse sentido, primeiro é necessário pensar qual o conceito que a palavra *ideologia* tem para a RV. No nosso entendimento o discurso da revista compreende a vida política do país como sendo bipolar, isto é, ela divide a sociedade em dois polos ideológicos

opostos e em conflito, assumindo um deles como o seu. Ao dizer que os manifestantes se organizaram em grupos "sem ideologia", na nossa leitura, isso significa que a revista não consegue atribuir a eles nenhuma das características de cada um desses polos (ou posições políticas) não conseguindo enquadrá-los e rotulá-los a partir dos seus próprios referenciais ou dos referenciais a que ela se opõe. Obviamente, se há manifestação ela não é vazia de significação e tem uma motivação ideológica, por hipótese, seja ela qual for. Os emblemas e palavras de ordem não são desprovidos de posicionamento político, mas apenas não se enquadram nas posições uniformes, rígidas e estáveis que estão de acordo ou em desacordo com as visões da revista.

Na SD16 a revista demarca a posição-sujeito que irá, a partir de agora, adotar durante todas as reportagens sobre os protestos: as manifestações não ocorreram apenas por conta do aumento das tarifas de ônibus, mas principalmente porque o povo está insatisfeito com o governo Dilma, (*que nem mesmo petista de prática é - SD28*) e que o final disso tudo pode ser o mesmo que ocorreu em países nos quais as manifestações culminaram com presidentes de direita assumindo o poder, antecipando o desejo de que Dilma Rousseff não obtivesse sucesso nas próximas eleições presidenciais.

A ratificação deste posicionamento é revelada novamente nas SD18, SD19 e SD20, e mais na SD34, quando a revista afirma: "Os protestos das últimas semanas evidenciaram a insatisfação da população com um governo que cobra muito (...) e não entrega a contrapartida nos serviços essenciais."

Nesta mesma perspectiva, na SD20, o discurso da revista desmoraliza o presidente do PT, tratando-o por Rui Falcollor, e afirma categoricamente que "O PT perdeu as ruas", também trazendo o pressuposto de que já foram 'donos' das ruas, dos protestos ocorridos até então, das diversas manifestações ocorridas na história do Brasil.

Na SD23 a revista traz uma pesquisa da sua própria editora sobre o que pensam as ruas, feita pela internet a 9.088 pessoas (provavelmente todos assinantes dela, pois o perfil é de pessoas com 50 anos ou mais, com curso superior completo até doutorado e que, em sua grande parte, pertencem a classe B), na qual não aparece como principal bandeira dos manifestantes o aumento das passagens dos ônibus; o partido mais condenado é o PT e o Congresso Nacional e o governo federal aparecem como as instituições mais enfraquecidas, nesta ordem.

Esta pesquisa vai de encontro ao que afirma Ruy Braga (2014, p. 79), na nota de rodapé número 14:

uma pesquisa nacional realizada pelo Ibope durante as passeatas do mês de junho de 2013 mostrou que os problemas mais citados pelos manifestantes eram a saúde (78%), a segurança pública (55%) e a educação (52%). Ademais, 77% dos entrevistados mencionaram a melhoria do transporte público como a principal razão dos protestos.

Nas SD35 e SD36, o posicionamento da materialidade se volta para dividir as manifestações como sendo compostas por dois grupos: os não-mascarados, do bem, que estão reivindicando direitos e os mascarados anarquistas (intitulados depois de *blac blocs*) que só querem quebrar tudo. Esta posição-sujeito da RV será adotada a partir desta edição e seguirá por todas as subseqüentes.

Dando prosseguimento a nossa análise, na seleção feita nesta materialidade para denominar os *manifestantes*, é notório o tom discriminador, preconceituoso, com informações pouco profundas sobre os jovens manifestantes que atacam lojas, bancos, concessionárias de carros, enfim, qualquer símbolo que represente o capital. A revista os designa como intrusos, vândalos, anarquistas, militantes de esquerda, pitboys sem causa, bando, horda, arruaceiros. Também as imagens criadas pelo discurso da revista são bastante parciais:

SD4- "Lula mandou os **sindicalistas se fingirem de povo.**", SD5- "**Cascudos nos intrusos e bandeiras queimadas e rasgadas.**"; SD7- "**Perdido, o governo tenta achar formas de ganhar tempo e vislumbrar um plano para serenar a fúria do povo nas ruas** brasileiras."

Na SD15, a revista convoca os leitores a esquecerem os maus manifestantes (ou seja, os mascarados) e se ater a verdadeira revolução que está ocorrendo nas ruas conduzida por pessoas que se acham mal governadas pelos políticos.

Na SD16, a revista afirma que a multidão está bradando contra Dilma:

"(...) **ela, o seu governo** (...) e mais uma lista sem fim de insatisfações - todas naquele momento atribuídas aos políticos no poder."

Nas SD16, SD18, SD20 e SD22 Dilma e o PT são colocados como reféns das passeatas:

SD16-" No dia 20 de junho de 2013, a presidente Dilma Rousseff ficou por quase duas horas acuada no Palácio do Planalto, impedida de deixar o local pela porta da frente por uma **multidão** que, do lado de fora (...)"

SD18-"Dilma, perplexa, assistia a tudo na televisão de seu gabinete no Palácio (...)"

SD20-" O PT assistiu, pasmo e impotente (...)"

SD22-" Acuados no palácio, Dilma e seus principais assessores dividiram-se na quinta-feira quanto à forma de reagir à **multidão** (...)."

Na SD27, o discurso da revista assume um tom de ameaça, pois em outras palavras esta revista quer dizer: prestem atenção, porque a revolução de maio de 68 na França elegeu um presidente de direita e, quase na mesma época, o movimento Flower Power nos EUA elegeu um presidente direitista, então, vocês podem correr o risco de, com estes protestos, colocar um presidente de direita, de novo, no poder.

Nas SD 35 e SD36 o discurso da revista volta a atacar os manifestantes e na SD37 traz o discurso que ela diz ser de uma das participantes, colocando-a como irresponsável:

SD37 - " 'Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conseguimos implantar o caos' ", construindo um efeito de sentido de que as ações contra os símbolos do capital tivessem motivações pessoais.

Além disso, na SD40, temos a definição mais simplista e equivocada que alguém pode dar ao que seja a tática black bloc:

SD40-"A tática de acender a fagulha do vandalismo e depois se retirar ou se misturar à multidão pacífica é conhecida como black bloc (bloco negro, em inglês) (...)".

Como podemos ver a RV desconsidera a tática Black Bloc e sua história. Segundo Ortellado (2014, p. 281), esta tática, originalmente alemã, consistia "na constituição de linhas de frente para enfrentar a repressão policial e na organização de cordões de isolamento para impedir a infiltração de agitadores nas passeatas." A

tática que eles seguiam era a de bloquear ruas e praticar resistência passiva, à luz de Gandhi e Martin Luther King Jr. Segundo o mesmo autor, isto era assim nos anos 1980, mas no final dos anos 1990, por conta de haver discondâncias quantos aos resultados pretendidos e a resistência não violenta, pois não havia cobertura da imprensa sobre a violência policial e, por isto mesmo, não se tinha como gerar efeitos políticos favoráveis às reivindicações dos manifestantes, a tática Black Bloc ressignificou-se e passou a ser:

(...) uma modalidade de desobediência que era a destruição seletiva de propriedade privada. O objetivo era duplo: por um lado, resgatar a atenção dos meios de comunicação de massa; por outro, transmitir por meio dessa ação de destruição de propriedade uma mensagem de oposição à liberalização econômica e aos acordos de livre-comércio." (ORTELLADO, 2014, p. 284).

Nesta mesma obra, o autor acertadamente esclarece:

Ao contrário do que normalmente se pensa, essa ação não apenas não é violenta como é predominantemente simbólica. Ela deve ser entendida mais na interface da política com a arte do que da política com o crime. Isso, porque a destruição de propriedade a que se dedica não busca causar dano econômico significativo, mas apenas demonstrar simbolicamente a insatisfação com o sistema econômico. Há, obviamente, uma ilegalidade no procedimento de destruir a vitrine de uma grande empresa, mas é justamente a conjugação de uma arriscada desobediência civil e a ineficácia em causar prejuízo econômico à empresa ou ao governo que confere a essa ação seu sentido expressivo ou estético, num entendimento ampliado." (Op. Cit., 2014, p. 284)

Na SD43, além de termos usados pela polícia para se referir comumente à pessoa que cometeu algum delito (indivíduos), temos também a apresentação de dados sem explicitação das fontes e, por isto mesmo pouco confiáveis (vide trecho sublinhado na SD abaixo):

SD43- "Já a polícia do Rio só identificou dois dos cerca de 100 **indivíduos** que tumultuaram o centro da cidade na quinta-feira [...]. Os **arruaceiros** representam uma parcela ínfima dos **manifestantes** que tomaram as ruas na semana passada - 1,3% em Brasília, 0,3% em São Paulo e 0,08% no Rio de Janeiro.

4.4 Revista Veja edição 2328

4.4.1 Imagem da capa²¹

Figura 12 - Imagem de capa da Revista Veja, 03 de julho de 2013, ano 46, nº 27, pp. 54-58.



O sentido que se constrói observando a imagem desta capa é de que o governo (representado nela pela figura do Congresso) está à beira do abismo e quem o está empurrando é o povo (brasileiro, empunhando a bandeira do Brasil!!!!) através dos protestos. A imagem dos ratos vestidos de terno e fugindo levando sacos de dinheiro é pejorativa e agressiva, porque imputa a ideia de que os petistas são ratos e ratos que fogem, fazendo alusão ao ditado popular de que quando o barco afunda, os ratos são os primeiros a pular fora. Além disso, eles fogem juntamente com a bola (representando a Copa do Mundo de futebol e a bandeira vermelha representando o PT) demonstrando que abrigar a Copa do Mundo foi um erro do Governo Dilma, com um gasto muito grande de dinheiro público, o que não agradou aos brasileiros e pode fazer o governo afundar.

²¹ Na capa está escrito, acompanhando a foto principal: ENTÃO É NO GRITO? Os governos e o Congresso correram para atender os manifestantes. Isso mostra que a pressão popular funciona. Mas as ruas não podem substituir as instituições.

4.4.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 13- Imagem de abertura da reportagem "Não é que funciona mesmo?". Revista Veja, 03 de julho de 2013, edição ano 46, nº 27, pp. 54-58.



A imagem de abertura desta reportagem é dividida em duas cenas distintas: na parte superior da imagem está a Praça dos Três Poderes repleta de pessoas empunhando cartazes e faixas e na parte inferior a sessão de votação na plenária do Câmara dos Deputados. Nesta plenária está sendo votada a derrubada da PEC 37, reivindicação dos manifestantes durante os protestos de junho de 2013. Com relação à imagem superior não é possível afirmarmos, embora a revista o faça, que esta concentração de pessoas na Praça dos Três Poderes é um protesto contra a PEC 37, pois não é possível ler nenhum cartaz, nem faixa que remeta a isto.

4.4.3 As Sequências Discursivas

Da mesma forma que fizemos anteriormente, registramos todas as ocorrências dos termos protestos e manifestantes e analisamos as que consideramos mais significativas para o nosso intento.

SD1-" Desta vez, eles ouviram. Durante três semanas, **brasileiros** de todos os cantos do país saíram de casa para juntar-se nas ruas a **outros brasileiros**." (p. 56)

SD2-"A proposta de emenda constitucional que ameaçava acabar com o poder de investigação do Ministério Público foi um hit nos cartazes dos **manifestantes**." (PEC 37) (p. 56)

SD3-"Da onda de **protestos** como nunca se viu no Brasil, saíram chamuscados políticos de todos os partidos." (p. 57)

SD4- "Para tentar sair das cordas, ela abriu o Palácio do Planalto para **manifestantes**, governadores, prefeitos e sindicalistas. Mais falou do que ouviu e, quando resolveu agir, meteu os pés pelas mãos." (Referindo à presidenta Dilma Rousseff) (p. 58)

SD5-" O governo tem poucas esperanças de que a pressão das ruas arrefeça.'As **manifestações** vão nos acompanhar até 31 de dezembro de 2014. Vamos ter de trocar os quatro pneus com o carro em movimento', ironiza o mesmo ministro." (p. 58)

SD6-"Pesquisas do Ibope e do Datafolha mostram que metade dos **manifestantes** ganhava ao menos 3 500 reais por mês. Quatro em cada cinco passaram pela universidade. O acesso à educação é um dos pilares de sustentação dos **integrantes da classe média** - desde que se convencionou chamar assim os que, na época da Revolução Francesa, **não eram nem nobres nem pobres**. Desde então, é **essa camada da população** o principal motor das revoluções." (p. 58)

SD7-" Explica o professor de filosofia da Unicamp Roberto Romano: 'É a classe que paga impostos e sente que não tem retorno por isso. Que espera conforto e recebe serviços péssimos. E, principalmente, que tem acesso à educação e consegue articular essa insatisfação em um **movimento concreto**'. (Referindo à classe média brasileira) (p. 58)

SD8-"No Brasil, essa **parcela da população que trabalha duro para educar os filhos e paga impostos que consomem mais de 150 dias de trabalho ao ano** mostrou aos governantes sua insatisfação para com o país que está recebendo de volta - um país que perpetua a impunidade de corruptos, tolera desabamentos e enchentes com data marcada e banaliza, pela frequência com que deixa ocorrer, crimes bárbaros e tragédias como o incêndio da boate Kiss. Fartos de tudo isso, **os brasileiros** foram à luta. Até agora, estão ganhando de goleada." (p. 58)

Nesta materialidade, o único momento em que é a própria revista quem denomina os protestos é na SD3, pois as outras ocorrências aparecem sempre na

fala de alguém que foi ouvido pela revista: um ministro do governo Dilma (que a revista preservou sua identidade) e Roberto Romano, professor de Filosofia da Unicamp.

Quando a imprensa publica a fala de alguém em seu veículo de comunicação é porque corrobora com o que está sendo dito e, segundo Eco (2015), estas falas entre aspas podem muitas vezes ser inseridas na tentativa de levar o leitor a concordar com o ponto de vista do autor. No caso da SD7, quem fala é o professor Roberto Romano, conhecido como sendo um peessedebista ferrenho, partido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que faz parte da oposição ao Partido dos Trabalhadores. Por que as passeatas promovidas pela classe média são chamadas por ele de *movimento concreto*? Este discurso apoia a divisão que foi feita logo depois do período das manifestações de 2013, na qual foram para as ruas a classe média (apelidados de “coxinhas”, “tucaninhas”) que defendiam o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, reeleita em 2014) e os manifestantes de esquerda (apelidados de “petralhas”, “mortadelas”) que eram contra o impeachment da presidenta.

Observemos ainda como na aplicação do termo *manifestantes* e suas várias designações ao longo do texto desaparecem os rótulos anteriores *rapaziada, militantes de partidos de extrema esquerda, militantes radicais de partidos de centro-esquerda* (PT e PMDB), *punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, grupo nanico, rebeldes sem causa, insufladores, milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada, minorias de vândalos profissionais, ativistas*, que foram usados na edição 2326 e que agora dão lugar a *brasileiros, integrantes da classe média, parcela da população que trabalha duro para educar os filhos e paga impostos que consomem mais de 150 dias de trabalho ao ano*, nesta edição.

Nesse sentido, a RV inicia todo um trabalho de inculcação entre protestos pacíficos e protestos violentos, demarcando o lugar social dos manifestantes para cada tipo de protesto e, plantando as raízes que irão florescer nos desdobramentos dos protestos nos anos seguintes: a divisão entre protestos da classe média (com os painelaços) e protestos dos vermelhos, com as pessoas indo às ruas e se posicionando contra ou a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff que, de fato, ocorreu em 2016, durante a escrita desta tese.

As materialidades das revistas que serão analisadas a seguir, são aquelas nas quais ocorrem as últimas reportagens em relação aos protestos naquele período, com uma maior definição das posições-sujeito adotadas. Compõem este momento as revistas Veja edições 2335, 2343 e 2353.

4.5 Revista Veja edição 2335

4.5.1 Imagem de capa

Figura 14- Imagem de capa da Revista Veja, de 21 de agosto de 2013, edição 2335, ano 46, nº 34



Vista rapidamente, poderíamos pensar que esta capa traz a foto de um marginal, mascarado, que cometeu/comete algum ato perigoso/nocivo e é motivo de ser capa da revista. Num olhar mais detido, temos o título da capa com o termo **bando**, que se repete inúmeras vezes ao longo do texto, reforçando o imaginário de bandidos, marginais, compondo o enunciado - “O bando dos caras tapadas”. Percebe-se, aí, uma retomada da memória do ano de 1992, do “movimento dos caras pintadas” que não foram designados como “bando”. Àquela época, os “caras pintadas” tinham como principal propósito o *impeachment* do então presidente Fernando Collor, apoiado pelos grandes empresários. Hoje, os “caras tapadas” são designados como “bando”, num claro processo de deslocamento de sentidos e reformulação parafrástica, na tentativa de estabilizar o sentido de que os

manifestantes atuais “não teriam um propósito”; seria apenas um “bando de baderneiros”, de vândalos. Depois, num olhar ainda mais detido para as condições de produção do funcionamento discursivo dessa materialidade linguístico-histórica, na trama opaca da memória entrelaçada pela ideologia e o esquecimento, podemos observar aquilo que é silenciado na escolha simbólica das imagens na disputas/constituição dos sentidos: a intericonicidade estabelecida entre os *caras tapadas* com os *caras pintadas* traz como pano de fundo a deposição da presidenta da república, tal qual ocorreu em 1992.

A lide da manchete fala que os Black Blocs saem às ruas para “quebrar *tudo*”, silenciando o recado das ruas que anunciavam o mal estar social e o abismo existente entre as demandas populares por transporte, saúde, educação, habitação e as ações do Estado que patrocinava com recursos públicos os eventos privados da FIFA. De antemão, já é possível apontar o posicionamento assumido pela revista, como determinado na formação ideológica do capital e constituída de seus sentidos numa formação discursiva de direita adotada ao longo do texto.

4.5.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 15 - Imagem de abertura da reportagem "O bloco do quebra-quebra", da Revista Veja, de 21 de agosto de 2013, edição 2335, ano 46, nº 34



Esta imagem de abertura da reportagem apresenta um grupo de jovens, todos mascarados, de braços dados, encabeçando a caminhada do protesto. O título que acompanha a imagem: “O bloco do quebra-quebra”, silencia a atitude de defesa, por parte dos Black Blocs, dos integrantes da passeata, ante a ameaça da repressão policial, produzindo um efeito leitor de que eles estão “dispostos a quebrar, destruir o patrimônio público”, que estão no protesto para isto, silenciando a escolha, realizada pelos Black Blocs, por prédios que simbolizam o poder hegemônico do capital e do Estado burguês, como por exemplo os bancos, palácios de governos, prédios dos legislativos, de concessionárias de veículos, ou seja, símbolos da ordem do capital.

Na mesma imagem, abaixo do título, à direita, há um enunciado informando ao leitor que os Black Blocs trazem “slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov nas mãos...”. Onde? Num olhar mais atento entende-se que estas são afirmações recheadas de juízos de valor negativos a respeito deste grupo. Não se vê, nesta foto, nenhum integrante com coquetel molotov. Também há uma informação sobre a constituição deste grupo: jovens da periferia, punks e até universitários. Observem o uso do advérbio de inclusão “até” quando os autores se referem às universitárias. Por que “até”? Pessoas instruídas, estudantes, futuros profissionais deste país não deveriam participar de movimentos reivindicatórios? Os sentidos acionados neste discurso alinham-se à ideia elitista conservadora e preconceituosa de que participar de movimentos como este fica para “os desordeiros”, os que moram em periferias, os sem teto, sem emprego, mas jamais para “universitárias de classe média”.

Lembrando que um discurso não é apenas transmissão de informação, mas efeito de sentidos Orlandi (1983, p. 116) afirma:

Eu diria, nessa direção, ainda, que, para o locutor, o seu interlocutor ou concorda ou não concorda com ele (ou é seu cúmplice ou adversário); daí a posição do locutor, segundo os tipos de discurso, ser a de influenciar, transformar, inculcar, etc.

Nesta mesma foto, há ainda um texto no final da página, recuado à direita, no qual os autores informam quais os trajes dos Black Blocs fora do Brasil e aqui (sandálias havaianas e camisetas de times), estabelecendo uma *leve* relação de semelhança deste grupo com os integrantes das torcidas organizadas que promovem depredações, violências, tumultos e mortes em dias de jogos.

Ou seja, pode/deve haver, segundo este periódico, uma maneira de estabelecer semelhanças entre as torcidas organizadas e os Black Blocs, pois

ambos os grupos promovem badernas, arruaças, quebra-quebra, sem nenhum sentido, apenas com a intenção de perturbar a “ordem”, de estabelecer o caos. Esta imagem negativa, promovida pela revista está presente ao longo de toda a reportagem e se apresenta também através do jogo de palavras de que os autores lançam mão, como veremos a seguir na análise das sequências discursivas.

4.5.3 As Sequências Discursivas

SD1-"No começo, quase ninguém notou a chegada **deles**. Em 20 de abril de 2001, o mesmo dia em que grupos anarquistas no Canadá protestavam contra a criação da Alca, em Quebec, na Avenida Paulista, em São Paulo, um **bando de arruaceiros com o rosto coberto** destruía a marretadas agências bancárias e uma loja do McDonald's."(p. 74)

SD2-"Era a primeira arruaça **black bloc** no Brasil. Embora, àquela altura, pouca gente soubesse o que era isso, **o bando de inspiração anarquista**, defensor da 'destruição consciente da propriedade privada' e autodeclarado inimigo do capitalismo, começava a se organizar no país." (74)

SD3-"Hoje, os **militantes**, por assim dizer, não chegam a duas centenas por aqui. É um **grupo pequeno**, mas que, engrossado por **vândalos de ocasião**, em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em uma assustadora rotina." (p.74)

SD4-"Na semana passada, os **black blocs** estiveram por trás de todas as **manifestações violentas** que explodiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, com exceção da tentativa de invasão do Hospital Sírio-Libanês, esta uma obra de sindicalistas."(p. 74)

SD5- "Na quinta, no Rio de Janeiro, cerca de **200 mascarados** depredaram agências bancárias, pontos de ônibus e arremessaram um banheiro químico no meio da rua."(p. 74)

SD6-"A Avenida Rio Branco, uma das principais vias da cidade, ficou parada por quase sete horas. No dia anterior, em São Paulo, **black blocs** haviam queimado uma catraca, que levaram durante toda a **manifestação** como troféu."(p. 74)

SD7-"Por princípio herdado dos seus precursores europeus, muitos dos **black blocs** desprezam qualquer movimento político organizado, à direita ou à esquerda, o que inclui até os atualmente em voga, Fora do Eixo e Mídia Ninja."(p.74)

SD8-"Mas, ao menos no Brasil, o fato de saberem do que não gostam não quer dizer que saibam o que querem. Exemplo disso ocorreu durante a invasão da Câmara Municipal de São Paulo, quando um **black bloc** abordou aos berros o presidente da Casa, o petista José Américo:'O senhor é a favor da tarifa zero? Quem matou o Amarildo? Abriria mão do seu salário? É contra a Constituição?" (p.74)

SD9-"Se os **vândalos paulistanos** não conseguiram ainda eleger o seu alvo, os do Rio já o fizeram. Há mais de um mês, **black blocs** lideram um acampamento na porta do governador Sérgio Cabral."(p.74)

SD10-" Por trás dos lenços - pretos, na versão original; de qualquer cor que estiver à mão, na versão brasileira, - estão principalmente **moradores da periferia**. Mas **punks e egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST**, engrossam as fileiras do **bando**." (p. 75)

SD11-"Em São Paulo, completam a babel social **estudantes de universidades como USP, PUC e Faap**. Na semana passada, uma aluna de ciências sociais da USP engrossava **o bloco do quebra-quebra** calçando tênis da grife Farm, em média 250 reais o par. 'É ótimo para **manifestações**', justificava". (p. 76)

SD12-"Na capital paulista, essa **turma heterogênea** se reúne em casa na Zona Oeste, em festas regadas a cerveja e ao som de cumbia - ritmo nascido na periferia de Buenos Aires." (p. 76)

SD13-"No Brasil, os primeiros integrantes dos **black blocs** viviam nos moldes das antigas comunidades hippies, em bairros com Perus, na Zona Norte de São Paulo."(p. 76)

SD14-"Naquele tempo, os **black blocs** diziam ter um objetivo diferente do atual: o de servir de 'escudo humano' para os **manifestantes** que desafiavam a polícia e apanhavam dela." (p. 76)

SD15-"No fim da década de 90, com o Muro de Berlim despedaçado, o marxismo em baixa e o anarquismo em alta, os **black blocs** aterrissaram nos Estados Unidos e no Canadá com bandeiras já enegrecidas e gritos bem mais radicais: pela destruição da propriedade, do governo e das empresas privadas."(p. 76-77)

SD16-" McDonald's e Starbucks viraram imediatamente os alvos preferenciais da **turma** - e até hoje não escapam ilesas de nenhum **protesto** em que haja um **mascarado**."(p. 77)

SD17-"Em 2011, os black blocs participaram do Occupy Wall Street, em Nova York. A violência do **grupo** assustou os **manifestantes comuns** e serviu para abreviar o

movimento - o mesmo processo que pode ter acontecido com as **manifestações** que começaram em junho no Brasil. (p.77)

SD18-"Por aqui, a tática usada pelo **grupo** nos últimos atos obedece ao padrão de ação dos precursores europeus e americanos. Em **turmas de cerca de 100 pessoas**, os **black blocs** assumem a linha de frente dos **protestos**, a pretexto de compor uma barreira entre os **manifestantes** e os policiais. (p. 77-78)

SD19-"Nesse momento, alguns **membros** lançam morteiros, coquetéis molotov e pedras com estilingues. O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: **uma turma** parte para cima e **a outra** foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos, preferencialmente bancos, concessionárias de carros, lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem 'símbolos do capitalismo'." (p.78)

SD20-"Na cartilha apreendida pelo delegado Marco Duarte de Souza, da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, um grupo de **black blocs** descreve seus alvos:'bancos, grandes empresas e a imprensa mentirosa'. Devem ser evitadas, segundo o texto, depredações de carros particulares e pequenos comércios'. Os **black blocs** acham isso muito bonito e nobre - orgulham-se de dizer que não praticam o que chamam de 'vandalismo arbitrário'." (p.78)

SD21-"Para eles e seus admiradores confessos - entre os quais professores universitários pagos com dinheiro público -, destruir uma agência bancária a marretadas ou golpes de extintor de incêndio não é vandalismo, mas uma 'ação simbólica, que, inserida na 'estética da violência', simularia a 'ruína do capitalismo'. Embora haja uma definição mais precisa para isso - e ela pode ser resumida na palavra crime -, quase nenhum **black bloc** está preso hoje no país." (p. 78-79)

SD22-"Em dois meses de **manifestações**, mais de 200 agências bancárias foram depredadas, o que causou um prejuízo superior a 100 milhões de reais." (p. 79)

SD23-"Com toda essa destruição, por que não há **vândalos** presos? Para que uma pessoa tenha a prisão cautelar ou preventiva decretada nos flagrantes de vandalismo, é necessário comprovar que, solta, representaria risco à ordem pública. Essa decisão tem de partir de um juiz, que, para tomá-la, precisaria estar amparado numa investigação policial - que até hoje não foi feita, ao menos de forma sistemática." (p.79)

SD24-"Outra opção seria enquadrar **os arruaceiros** pelo crime de formação de quadrilha, além de dano ao patrimônio. Ocorre que, também nesse caso, é

necessário haver uma investigação prévia que comprove que as pessoas se juntaram de modo estável e contínuo para cometer delitos." (p.79)

SD25-"O anarquismo, do qual derivam os **black blocs**, prega a organização da vida em sociedade fora da moldura do estado - segundo creem, a fonte de todos os males. Os **black blocs**, no entanto, assimilam apenas o subproduto desse ideário: a improvisação, a baderna e a tolerância para com certos crimes. Tudo aquilo de que o Brasil está louco para se livrar. A contar pela intensidade da ação policial e da disposição do **grupo**, inversamente proporcionais, isso não ocorrerá tão cedo."(p.79)

SD26-"**Integrantes dos black blocs** já anunciaram que o pior ainda está por vir - e deram até a data - 7 de setembro, quando estão previstas, em dezenas de cidades brasileiras, **manifestações** de nome preciso e autoexplicativo: **Badernaço**." (p.79)

Neste momento, a materialidade da RV analisada (edição 2335), acentua a separação entre protestos pacíficos e violentos, como vemos pelas atribuições dadas ao termo *protesto* e suas variações: *baderna e violência, manifestações violentas, Badernaço*. Toda a construção do discurso da revista está voltada para criminalizar os Black Blocs, que aparecem grafados, desde a primeira menção feita a eles, com iniciais minúsculas (o que se tornará um fator de diferença com relação à revista CC que fará isto, em todas as ocorrências, com iniciais maiúsculas), dando a ideia de que são substantivos comuns, que não designam algo específico ou único, para produzir um efeito de sentido de que *black bloc* pode se referir a qualquer grupo que age como este, inclusive torcidas organizadas, marginais, traficantes.

A FI desta materialidade sustenta a ideia de que quem se insurge contra o Estado não são consideradas pessoas comuns, ou seja, de classe média, mas arruaceiros, vândalos, moradores de periferias (leia-se pobres) e membros de movimentos sociais (decadentes, segundo a revista) como o MST. Há, neste discurso, uma nítida camuflagem de conflitos, deixando passar a ideia de ausência de contradições de classe (FLORÊNCIO et al., 2009), quando ela está bastante presente.

Nesta materialidade, o discurso da RV esteve inteiramente voltado para ratificar sua posição-sujeito das edições anteriores, definida pela criminalização da tática Black Bloc e de seus integrantes, fazendo uso de imagens fortes desde a capa

(com uma garota com o rosto todo coberto por uma blusa vermelha e já tratando-os por *bando*) assim como nas sequências discursivas selecionadas:

SD1 -"(...) **bando de arruaceiros com o rosto coberto** destruía a marretadas agências bancárias e uma loja do McDonald's."

SD5- (...) **200 mascarados** depredaram agências bancárias, pontos de ônibus e arremessaram um banheiro químico no meio da rua."

SD9-"Se os **vândalos paulistanos** não conseguiram ainda eleger o seu alvo, os do Rio já o fizeram. Há mais de um mês, **black blocs** lideram um acampamento na porta do governador Sérgio Cabral." (p.74)

SD10-" Por trás dos lenços - pretos, na versão original; de qualquer cor que estiver à mão, na versão brasileira, - estão principalmente **moradores da periferia**. Mas **punks e egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST**, engrossam as fileiras do **bando**."

SD19-"Nesse momento, alguns **membros** lançam morteiros, coquetéis molotov e pedras com estilingues. O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: **uma turma** parte para cima e **a outra** foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos, preferencialmente bancos, concessionárias de carros, lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem 'símbolos do capitalismo'."

Nas SD11 e SD12, o discurso mostra-se discriminador e preconceituoso, com um tom de deboche e ironia:

SD11-"Em São Paulo, completam a babel social **estudantes de universidades como USP, PUC e Faap**. Na semana passada, uma aluna de ciências sociais da USP engrossava **o bloco do quebra-quebra** calçando tênis da grife Farm, em média 250 reais o par. 'É ótimo para **manifestações**', justificava". (p. 76)

Observem a imagem criada nestes discursos sobre os estudantes universitários, que vestem/calçam produtos de marca de grife e que aderiram à tática Black Bloc. O efeito de sentido resgata o discurso da RV, edição 2326, quando a representação criada é a de que eles eram playboys da classe média que não tinham motivos pra se revoltar, pois "**tinham mesada no final do mês, dinheiro para gastar com a mulherada e carro para andar.**" É perceptível, nesse

enunciado a presença da formação discursiva do consumo. “**Tinham**”: mesada no final do mês, dinheiro para gastar e carro para andar. Esse enunciado possibilita o entendimento de que o ideal almejado por qualquer um resume-se no **ter, no individualismo – se você tem, não deve preocupar-se com quem não tem.**

SD12-"Na capital paulista, essa **turma heterogênea** se reúne em casa na Zona Oeste, em festas regadas a cerveja e ao som de cumbia - ritmo nascido na periferia de Buenos Aires." (p. 76)

Aqui, a revista admite que o grupo é composto por diferentes pessoas (*turma heterogênea*) e fala dos hábitos que eles têm fora dos protestos. Entretanto, traz uma informação equivocada sobre a cumbia, cujo nome se origina da palavra cumbé que, segundo o Houaiss (2009, p. 584) é uma "dança de origem africana."

A SD18, reitera o discurso de criminalização dos manifestantes: "Por aqui, a tática usada pelo **grupo** nos últimos atos obedece ao padrão de ação dos precursores europeus e americanos. Em **turmas de cerca de 100 pessoas**, os **black blocs** assumem a linha de frente dos protestos, a pretexto de compor uma barreira entre os **manifestantes** e os policiais." (p. 77-78)

A materialidade traz esta foto, sem nenhuma referência sobre ela, e, como o discurso mais próximo é o da SD18, o efeito de sentido construído é que se trata dos Black Blocs em mais uma ação de enfrentamento com a polícia. No entanto, a foto não traz ninguém mascarado e na faixa exposta está escrito:

CHAMA E FOGO DA REPRESSÃO
Contra a obsessão com o estado de segurança e vigilância
Nossa solidariedade contra a repressão
 (Nossa tradução)

Figura 16- Imagem da reportagem "O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA", Revista Veja, edição 2335, ano 46, n 34, de 21 de agosto de 2013, p. 78-79.



Observem que na SD18, (colocado bem ao lado da foto), está escrito: "Em turmas de cerca de 100 pessoas, os **black blocs** assumem a linha de frente dos protestos, a pretexto de compor uma barreira entre os **manifestantes** e os policiais", quando a imagem na verdade tratava de um protesto ocorrido em 2008, sobre o julgamento de três jovens acusados de fazerem parte de uma organização criminosa, que estava em curso no Tribunal de Berlim. Esta materialidade, em nenhum momento faz referência sobre isso. Além disso, o uso do termo *a pretexto* constrói um efeito de sentido de que isto é a desculpa para encobrir a verdadeira razão das ações dos Black Blocs: disseminar a baderna através da violência.

Na SD21, a revista acusa os professores das universidades públicas de admirarem estes jovens, como se o conhecimento, os estudos e as pesquisas sobre o Anarquismo passassem pela esfera pessoal da admiração.

SD21-"Para eles e seus admiradores confessos - *entre os quais professores universitários pagos com dinheiro público* -, destruir uma agência bancária a marretadas ou golpes de extintor de incêndio não é vandalismo, mas uma 'ação simbólica', que, inserida na 'estética da violência', simularia a 'ruína do capitalismo'. Embora haja uma definição mais precisa para isso - e ela pode ser resumida na palavra crime (...)".

Observemos as aspas nas expressões 'ação simbólica' e 'estética da violência' que marcam a ironia da revista com relação às designações usadas pelos *Black Blocs* e mostram sua discordância, criminalizando, mais uma vez o grupo – “Embora haja uma definição mais precisa para isso - e ela pode ser resumida na palavra **crime**”. (Grifo nosso)

4.6 Revista Veja edição 2343

4.6.1 Imagem de capa

Figura 17- Imagem de capa da Revista Veja, de 16 de outubro de 2013, edição 2343, ano 46, nº 42



Nesta edição da RV os protestos não foram a manchete principal. Ele está na capa, mas no alto (com o título "Vandalismo") mostrando sua importância, mas não a ponto de ser a matéria mais relevante. A imagem que se refere à reportagem dos protestos traz a foto de um policial americano (da MPDC - Polícia Metropolitana do Distrito da Columbia) e um outro sem nenhuma identificação, mas que, pelo modelo da farda e pela chamada da manchete ("Como as polícias das grandes democracias reprimem baderneiros, mas garantem as manifestações"), pode ser brasileiro, porque provavelmente a revista irá fazer uma comparação entre a nossa polícia e a de outros países,.

4.6.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 18 - Imagem de abertura da reportagem "A vitória da baderna", da Revista Veja, de 16 de outubro de 2013, edição 2343, ano 46, nº 42



Com o título "A VITÓRIA DA BADERNA" em destaque, a reportagem traz uma ação dos manifestantes com suposta depredação de um veículo da polícia paulistana, porque na imagem não aparece ninguém atacando o carro, só no entorno dele e apenas um rapaz em cima do veículo, que está virado de cabeça para baixo, empunhando uma bandeira preta, em frente à Secretaria Estadual de Educação de São Paulo²². A cor vermelha do veículo policial se destaca e a foto tirada (com flash) contra a luz do poste, escurece a cena.

O efeito de sentido que a imagem causa no leitor é imediato: são baderneiros, desordeiros, dispostos a enfrentar a polícia e quebrar tudo, inclusive o veículo usado para a segurança da população.

4.6.3 As Sequências Discursivas

SD1-"Diante de uma polícia acuada, os **arruaceiros** se fortalecem e surgem mais violentos e destemidos do que no início dos **protestos**." (p. 59)

²² Esta informação não consta na revista, mas circula em blogs e sites na internet.

SD2-"Horas depois da ação coordenada de **black blocs** que deixou destruídas lojas de São Paulo e do Rio de Janeiro e espalhou o pânico nas duas cidades, o comandante-geral da PM paulista, coronel Benedito Meira, pediu licença para mostrar um vídeo ao governador Geraldo Alckmin."(p. 59)

SD3-"Além de oficiais da PM, estava presente à reunião toda a cúpula da Secretaria de Segurança do Estado. No filme, gravado na segunda-feira em frente à Secretaria Estadual de Educação, no centro da capital, o que se via era uma fileira de **mascarados vestidos de preto** avançando na direção de uma acuada tropa de policiais militares. Provocando os homens com 'não estudou, tem que estudar, para não virar polícia militar ', **os mascarados** começam lançando pedras na direção da tropa. 'Calma, calma', orienta o oficial responsável pelo agrupamento. Em seguida, vêm as bombas. São três estouros. Os policiais permanecem no lugar, tentando se defender atrás dos escudos." (p. 59)

SD4-"Ao ver o filme, um dos oficiais afirmou:'Eu não entro em favela com um 38 para combater traficante armado de fuzil. Também não posso reagir com um cassetete contra quem vem para cima com coquetéis molotov'. No mesmo dia, Alckmin decidiu revogar a proibição do uso de balas de borracha, suspenso desde o dia 17 de junho. Quatro dias antes, uma atuação descontrolada da Tropa de Choque da PM atingiu com balas de borracha dezenas de **manifestantes** e jornalistas que cobriam os **protestos** na região central de São Paulo. Desde então, as balas foram banidas do estado - junto com a autoridade da polícia, que passou a atuar intimidada, incerta de seus limites e receosa do julgamento da opinião pública."(59-61)

SD5-"No Rio de Janeiro, uma situação parecida ocorreu. Depois dos primeiros **protestos** de junho, dos quais dezenas de pessoas saíram feridas, os policiais não só pararam de impedir as depredações como se deixaram encurralar por **arruaceiros** que invadiram a Assembleia Legislativa." (p. 61)

SD6-"Além da hesitação das polícias, nas duas cidades, afrouxaram-se os protocolos para lidar com as **manifestações** . Em vez de cumprirem a regra de informar previamente às autoridades horário e itinerários dos **protestos** , os **manifestantes** passaram a improvisar livremente seus **atos** ." (p.61)

SD7-"Tudo isso fortaleceu os **black blocs** . Na semana passada, eles mostraram que estão mais organizados e mais bem armados." (p. 61)

SD8-"Não há dúvida de que a escalada da violência dos **black blocs** se deu no vácuo da atuação da polícia." (p. 61)

SD9-"Investigações da inteligência policial paulista mostram uma coordenação inédita entre os **grupos** de várias cidades, como se viu na segunda passada. Eles se provocam uns aos outros, numa competição para ver quem vai ser o mais violento. 'Quando é que São Paulo vai dar um 'salve'?', cutucaram cariocas, usando a gíria comum entre criminosos de facções como o Primeiro Comando da Capital (PCC) para designar uma ordem de ação criminosa." (p. 61)

SD10-"Na reunião de segunda-feira com a cúpula da segurança, o governador Alckmin recebeu das mãos do delegado-geral da Polícia Civil, Luiz Maurício Blazeck, um relatório preparado pela equipe de inteligência que revelava, entre outras coisas, que para organizar **protestos** nas redes sociais os **black blocs** criam vários perfis falsos, de maneira a dificultar o rastreamento da polícia. A peça, com mais de 200 páginas, reúne informações trocadas pelos **jovens** que a polícia acredita serem **os cabeças** da violência." (p.61)

SD11-"Embora tardia, a contraofensiva do estado à ação dos **black blocs** parece que começa finalmente a ser traçada." (p. 61)

SD12-"Desde o início dos **protestos**, já foram abertos cerca de 100 inquéritos relacionados a vandalismo e agressões." (p.61)

SD13-"Agora, todas as informações sobre as lideranças dos **black blocs** serão organizadas em um único inquérito." (p.61)

SD14-" 'Hoje, na maioria dos casos, o policial leva o **indivíduo** para a delegacia e ele não passa nem uma noite lá', diz o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella. 'Será que isso é suficiente para inibir e punir esses comportamentos que, mais do que causar dano, ofendem a paz pública, geram intranquilidade e afetam diretamente o direito de **manifestação**?', pergunta ele. Para quem não anda por aí de **cara tapada e molotov na mão**, a resposta certamente é não." (p.61)

Observem que, mesmo desde a capa anunciando vandalismo, o discurso desta materialidade, a partir da análise dessas sequências discursivas, salvaguarda os termos usados para denominar os protestos. Não há crítica aos protestos, mas o comportamento dos manifestantes violentos.

Nas SD2, SD3 e SD4 fica clara a posição-sujeito da RV, pois ela reforça a necessidade do poder militar, da repressão, para combater o que chama de criminosos e não cidadãos indo às ruas protestar; estabelece uma discursividade que justifica a presença de policiais militares infiltrados nas manifestações, pois argumenta que é preciso vigiar, controlar (as ações, comportamentos, atitudes), tudo isto tendo como base que o regime militar está para manter o controle social e estabelecendo uma interdiscursividade com memórias que retomam o discurso da ditadura.

O que o discurso da RV silencia porque não quer levar em consideração é que os manifestantes, incluindo os Black Blocs, foram para as ruas por se identificarem com a causa dos protestos. Segundo Zoppi-Fontana (2003, p.264):

(...) a(s) identidade(s) é(são) efeito da fixação provisória dos processos de interpelação/identificação ideológica que constituem o sujeito do discurso a partir da inscrição do indivíduo em posições de sujeito delimitadas pela relação contraditória e móvel das formações discursivas no interdiscurso. Assim, afirmamos, por um lado, a provisoriedade das identidades, dado que elas resultam de uma estabilização/fixação temporária dos processos de identificação como efeito das relações de dominância/subordinação estabelecidas entre as formações discursivas no interdiscurso em um estado dado das condições de produção. Por outro lado, afirmamos a heterogeneidade constitutiva das identidades, que são necessariamente afetadas pela contradição que define as relações entre as formações discursivas no interdiscurso. Desta maneira, a identidade, enquanto feixe instável de processos de identificação, será tanto mais contraditória na sua constituição e nos seus efeitos de subjetivação, quanto maior seja o deslocamento das relações de dominância no interdiscurso como consequência de mudanças nas condições de produção.

Nos protestos, os manifestantes se insurgem contra quem manda (o Estado) seja aderindo à tática Black Bloc ou empunhando cartazes, porque este é o espaço no qual habitam várias FD, desde a de quem manda (como a polícia) como a de quem é mandado e, como diz Orlandi (2004, p. 11),

a cidade é uma realidade que se impõem com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade.

Ainda na esteira de determinar quem tem o comando da cidade (e das pessoas), a RV nas SD discursivas acima, apresenta um discurso que tenta deslocar a imagem da PM passando-a de agressora a agredida, vítima dos jovens "arruaceiros" e sem um plano estratégico traçado para combatê-los. Na opinião da revista, isto deixou os Black Blocs fortalecidos e a PM precisa reagir, reprimir para "inibir e punir esses comportamentos".

4.7 Revista Veja edição 2353

4.7.1 Imagem de capa

Figura 19- Imagem de capa da Revista Veja, de 25 de dezembro de 2013, edição 2353, ano 46, nº 52



Esta é a última matéria da RV sobre os protestos de junho neste ano de 2013. Esta edição é a retrospectiva dos fatos mais marcantes do ano e a revista escolheu os protestos como a imagem de capa. A foto foi tirada em Brasília, no momento em que os manifestantes ultrapassam o bloqueio da polícia e sobem a rampa do

Congresso Nacional, chegando ao teto do Senado Federal²³. A manchete faz alusão à questão ética do **certo** e do **errado** em relação ao ano que acabou.

Pela cena enquadrada na foto, um dos sentidos possível é de que Brasília foi tomada pelos manifestantes, que suplantaram os governantes e, de mãos dadas, comemoram a vitória.

4.7.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 20- Imagem de abertura da reportagem "Os mascarados e os caras-limpas", da Revista Veja, de 25 de dezembro de 2013, edição 2353, ano 46, nº 52



Esta é a mesma imagem usada na abertura da reportagem da edição 2327 que mostra o momento em que a polícia reprime os manifestantes que tentam entrar no prédio do Palácio Itamaraty. Os créditos desta foto são de André Dusek, fotógrafo do jornal O Estado de São Paulo, o *Estadão*. Esta não é a primeira imagem usada pela RV cedida pelo Estadão durante as reportagens sobre as jornadas de junho.

Entre as várias fotos que veicularam nas revistas das edições anteriores sobre os protestos esta foi a imagem escolhida pela RV para marcar a retrospectiva dos fatos mais importantes do ano de 2013. E não foi à toa. Primeiro porque mostra os manifestantes tentando entrar no Palácio do Itamaraty e sendo reprimidos pela

²³ Informação obtida no site <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-06-17/marcha-do-vinagre-no-df-reune-cerca-de-300-na-esplanada-dos-ministerios.html>, acesso em 19/07/2016.

polícia. Depois, porque a imagem passa a sensação de que o governo é alvo dos protestos e é frágil, podendo ser invadido a qualquer momento, não fosse a polícia para protegê-lo.

Ainda nesse sentido, é possível estabelecer uma relação do título com a imagem, **Os mascarados e os cara-limpas**, pois são os mascarados que estão invadindo, sendo reprimidos e se banhando no espelho d' água do Palácio.

Essa materialidade demonstra, mais uma vez, a posição-sujeito da revista empenhada em estabelecer diferenças entre os manifestantes e derrubar o governo petista em vigor.

4.7.3 As Sequências Discursivas

SD1-"Os dois grupos surgiram quase ao mesmo tempo, protestaram juntos, causaram e sumiram - cada qual por um motivo. **Os manifestantes de junho** e os **black blocs** foram as grandes surpresas das ruas em 2013. Os primeiros chegaram quase timidamente, com uma bandeira única e paulista, mas logo se multiplicaram, bem como as bandeiras, até tomarem o país numa única e impressionante **marcha sem dono**." (p.105)

SD2-"A ausência de lideranças políticas ditando slogans à **multidão** (quem tentou se deu mal, não é mesmo, Rui Falcão?) permitiu a união de insatisfações variadas e apartidárias e ajudou a engordar os **protestos**, mas também colaborou para o seu definhar silencioso, já que, quando os gritos começaram a baixar de volume, não havia ninguém para levantar a **galera**." (p.105)

SD4-"Sobraram só os **black blocs**, que, com uma cara tapada e sua violência aleatória, espantaram o que restava da **turma do bem**. Foi preciso muito pneu queimado, fachadas destroçadas (incluindo a do belo edifício do Itamaraty, em Brasília) e até a clavícula fraturada de um coronel de São Paulo para que a aclamada 'estética da violência' passasse a ser chamada por seu nome real: arruaça promovida por **criminosos**. Hoje, há cerca de 200 **black blocs** indiciados em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A maioria responderá por dano ao patrimônio público e associação criminosa. Mas engana-se quem pensa que os **mascarados** recolheram seus porretes. As redes sociais estão repletas de ameaças deles. O novo alvo dos **vândalos**: a Copa do Mundo." (p. 105)

Nessas SDs, a posição-sujeito da revista é consolidada (houve dois tipos de protestos, um do *bem* e outro do *mal* ou um *certo* e um *errado*, dialogando com o discurso da capa) e os militantes de esquerda não fizeram parte destes atos do bem (*quem tentou se deu mal, não é mesmo, Rui Falcão?*).

Novamente aqui a comprovação do que foi visto: manifestantes e Black Blocs são sujeitos diferentes, com interesses e objetivos distintos. Os manifestantes são da turma do bem e os Black Blocs são criminosos (SD4) e no final, a incitação para novos protestos: "O novo alvo dos **vândalos**: a Copa do Mundo". (SD4).

Zoppi-Fontana (2001, p. 250) entende "processos de designação, como relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito." Assim, analisando as designações atribuídas a protestos e manifestantes, pela revista *Veja*, constata-se a produção de efeitos de sentido de criminalização e marginalização presentes no discurso deste veículo de comunicação. Desse modo, desqualifica-se o movimento, produzindo o efeito de evidência de sua não legitimidade. Nesse sentido, evidencia-se a posição sujeito do grupo dominante conservador. É desse lugar discursivo que a referida revista enuncia.

4.8 Revistas CartaCapital números 753,754,756 e 760 no período de junho a dezembro de 2013

Vejamos agora nas imagens e sequências discursivas das revistas CartaCapital as designações para **protestos** e **manifestantes** no conjunto da totalidade das revistas entre junho e dezembro de 2013:

Para protestos:

ruidosos protestos; peregrinações; movimento; manifestações mais numerosas e violentas; protestos; manifestação; vandalismo; passeatas; revolta popular; protesto pacífico e cordato; intensos embates; mobilização; eventos; manifestações de rua; atuações; atos.

Para manifestantes:

manifestantes; jovens; estudantes; rebelados; jovens rebelados; moçada; grupo; jovens com cara pintada e nariz de palhaço; geração de jovens tão politizada, corajosa e brilhante; multidões; jovens anarquistas sem partido; jovens de preto; jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização

Observemos que, de maneira geral, as designações dadas ao termo protestos, no conjunto das materialidades das revistas, objetivam uma realidade positiva, porque o sentido construído pelas designações nos situa em relação aos fatos, suas causas (históricas) e as consequências, com juízo de valor positivo, ou seja, as designações referentes a protestos não nos remetem a um imaginário negativo sobre o que estava acontecendo.

Com relação ao termo manifestantes, a revista CC assume declaradamente um posicionamento parcial: se coloca a favor dos jovens que vão para as ruas protestar. É o caso, por exemplo, destas designações: jovens, estudantes, moçada, geração de jovens tão politizada, corajosa e brilhante.

Vejamos agora a materialidade discursiva da primeira reportagem da revista CC sobre os protestos, do dia 19 de junho de 2013, nº 753, que é composta de quatro páginas, com linguagem clara e informativa sobre o Movimento Passe Livre (MPL) e inicia com a apresentação de dois jovens, de classes econômicas distintas, que enfrentam problemas de transporte para se locomover até o local onde estudam.

Também ao iniciarmos a análise dessa primeira materialidade, foi possível observar que a mesma traz uma série de termos que constituem o seu discurso e que convergem para uma perspectiva mais altruísta do que estava acontecendo, como podemos observar na relação apresentada abaixo:

estudante - jovem universitário - classe média - inconformismo - iniquidades sociais - precário - caro - militantes cativos - tarifa zero - universitários - estudantes secundaristas - trabalhadores - atrair - adesão - disseminação - ganhou - esperanças - renovadas - nova conquista - manifestantes detidos - jovens encurralados e espancados - arbitrariedade - cerceamento - aderiam - direito - debate - força

Da mesma forma que observamos anteriormente, trataremos deste aspecto ao longo das análises e iremos iniciá-las pelas imagens, seguidas das sequências discursivas das revistas.

4.8.1 Revista CartaCapital N.º 753

4.8.1.1 Imagem de capa

Figura 21- Imagem de capa da Revista CartaCapital, 19 de junho de 2013, ano XVIII, N.º 753



Numa atitude inversa a da Revista Veja, a capa da revista acima, apesar de trazer uma reportagem sobre os mesmos protestos, não fez deles sua matéria principal. A chamada para a reportagem vai aparecer de maneira secundária (no alto da revista), onde ficam as matérias importantes, mas não tanto quanto a matéria principal, ou seja, a de capa.

Além disso, desde a chamada no alto da capa sobre a matéria dos protestos, a revista faz referência à truculência da polícia durante o movimento e traz a foto de um jovem mascarado. Isto pode ser tomado como uma pista do posicionamento político que a mesma irá adotar em seu discurso sobre a reportagem dos protestos contra os aumentos das tarifas de ônibus.

4.8.1.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 22 - Imagem de abertura da reportagem "Rebeldes com causa". Revista CartaCapital, 19 de junho de 2013, ano XVIII, nº 753, pp. 32-33.

Seu País

Rebeldes com causa

TRANSPORTE PÚBLICO Os protestos contra os aumentos de tarifas ganham contornos de revolta popular e se alastram pelo Brasil

POR RODRIGO MARTINS*

CAIO MARTINS, de 19 anos, é estudante de História na USP e morador da Lapa, tradicional bairro de classe média, distante menos de 10 quilômetros do Centro de São Paulo. O jovem universitário é a cara do Movimento Passe Livre, que reuniu milhares de manifestantes nas principais avenidas da cidade para protestar contra o aumento das tarifas no ônibus, no metrô e nos trens (de 3 para 3,20 reais). Caio Miranda, de 18 anos, é aluno de uma escola pública na periferia da capital e mora no Jardim Ângela, bairro que chegou a ser eleito pela ONU como o mais violento do mundo em meados dos anos 1990 e distante mais de 30 quilômetros do Centro. Sua família não possui automóvel e depende do transporte público para qualquer deslocamento que não possa ser vencido pelos pés. Ele também é a cara do MPL.

Embora tenham origem social e repertório cultural bastante distintos, os jovens compartilham do mesmo inconformismo com as injustiças sociais na cidade mais rica da América do Sul e com o precário – e caro – transporte coletivo paulistano. Com recursos próprios e em vitórias partidárias, o grupo vive um

número indeterminado de militantes ativos em torno de uma bandeira: a tarifa zero. Universitários, estudantes secundaristas e trabalhadores de bairros periféricos compõem a maioria do grupo, com organização horizontal, sem líderes ou porta-vozes constituídos. Alguns integrantes admitem que as reuniões do MPL costumam juntar poucas dezenas na maior parte do ano. Mas são capazes

de atrair mais de 10 mil manifestantes em seus ruidosos protestos.

Unem-se a eles militantes de partidos de esquerda, como PSOL, PSTU e PCO, além de feministas, gays, cícloativistas, anarquistas, punks e até jovens que raramente se mobilizam. É preciso ter fôlego para acompanhar as peregrinações, iniciadas no fim da tarde e estendidas noite adentro, a ocupar as principais artérias viárias da cidade, como as avenidas Paulista, 9 de Julho e Consolação, ou mesmo as faixas expostas da Marginal Pinheiros.

O movimento não está circunscrito a São Paulo, embora a capital paulista seja o epicentro das manifestações mais numerosas e violentas. Apenas na terça-feira 11, segundo os cálculos do governo, 87 ônibus foram danificados, alguns deles parcialmente incendiados, e várias estações de metrô ficaram depredadas. Agências bancárias e vitrines de lojas não passaram incólumes pela batalha travada entre a Polícia Militar e parte dos manifestantes. Mas os recorrentes confrontos não tiram o ímpeto dos jovens. Ao contrário, parecem aumentar a adesão aos protestos e disseminá-los por outras capitais.

O movimento já ganhou o Brasil. Além de São Paulo e Rio de Janeiro, milhares de manifestantes tomaram as ruas de Porto Alegre, Natal e Macaé na quinta 13. As esperanças são renovadas a cada nova conquista. Em maio, estudantes tomaram as ruas de Natal para protestar contra o aumento da tarifa de ônibus de 2,20 para 2,40 reais. Um mês depois, uma portaria reduziu o aumento para 2,30. Em Goiânia, a tarifa passou de 2,70 para 3 reais. Após uma onda de protestos, a Justiça anulou o reajuste. Na segunda-feira 10, milhares de jovens protestaram no Rio de Janeiro contra o aumento da tarifa de ônibus, de 2,75 para 2,95 reais, anunciada no início de junho. Houve embates com a polícia e 33 manifestantes foram detidos.

Na capital paulista, há relatos de

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 38
Walter Maierovitch defende o poder de investigação do MP



Os atos do Passe Livre chegam a reunir mais de 10 mil jovens



A PM também é alvo de revolta...



mas coletivos de denúncia de abusos e protestos arbitrários

O título de abertura desta reportagem, "Rebeldes com causa", já nos dá uma pista do viés com que os protestos serão abordados nesta materialidade e nos remete a uma posição contrária à da revista veja que designa os manifestantes como "Rebeldes sem causa". Ou seja, ao designar os manifestantes como "Rebeldes com causa", a revista Carta Capital caracteriza os protestos como legítimos – eles têm uma razão de ser.

No centro da matéria estão as fotos de dois rapazes (Caio Martins e Caio Miranda), ambos retratados na matéria como sendo dois jovens, com idades próximas, mas de mundos diferentes, relatando que um deles (pertence a uma família de classe média e estuda na USP, mas o preço das passagens pesa no bolso) pode fazer uso do transporte público em São Paulo para ir estudar. O outro não (a mãe é diarista e a família mora na periferia da cidade, sem condições de

pagar o preço da passagem para que ele frequente a escola pública, distante 30 /40 minutos da sua casa. Ele vai diariamente a pé).

Atentemos para o título: "Rebeldes com causa", que já estabelece uma interdiscursividade, com efeito de sentido antagônico, com o discurso da RV, edição 2326, na SD8-" A tentação maior é rotulá-los de **rebeldes sem causa**, bem ao estilo do personagem da música dos anos 80 do grupo Ultraje a Rigor, aquele garoto que os pais 'tratam muito bem' e que recebe deles 'apoio moral' e 'dinheiro para gastar com a mulherada' ", dando pistas de que a posição-sujeito adotada será diferente da adotada pela RV na edição citada.

A página seguinte traz uma foto dos jovens carregando horizontalmente uma enorme bandeira do Movimento Passe Livre (MPL), acompanhada de um comentário (no alto, à direita) de que os atos do MPL chegam a reunir mais de dez mil jovens.

Ainda nesta página, há duas fotos menores, uma com a polícia sendo vítima da violência e outra mostrando os abusos e as prisões arbitrárias (segundo a revista) realizados por essa mesma polícia.

Num primeiro olhar do sujeito leitor para estas imagens, seguido da leitura dos comentários que as acompanham (no canto direito das mesmas)²⁴, o efeito de sentido produzido é de que a revista entende as razões que motivaram os protestos, legitima o MPL e relativiza as agressões feitas à Polícia Militar, porque esta mesma polícia também agride, de forma truculenta, os manifestantes.

4.8.1.3 As Sequências Discursivas

Analisemos, então, as designações para o termo protestos nas Sequências Discursivas da revista Carta Capital, publicada em 19 de junho de 2013, ano XVIII, nº 753, com a reportagem "Rebeldes com causa", pp. 32-35.

²⁴ Na imagem principal está escrito: "Os atos do Passe Livre chegam a reunir mais de 10 mil jovens"; na imagem menor, da esquerda, está escrito: "A PM também é alvo da revolta..." e na foto menor da direita: "...mas coleciona denúncias de abuso e prisões arbitrárias."

SD1-" Caio Martins, de 19 anos, é estudante de História na USP e morador da Lapa, tradicional bairro de classe média, distante menos de 10 quilômetros do Centro de São Paulo. O jovem universitário é a cara do Movimento Passe Livre, que reuniu milhares de **manifestantes** nas principais avenidas da cidade para protestar contra o aumento das tarifas no ônibus, no metrô e nos trens (de 3 para 3,20 reais). Caio Miranda, de 18 anos, é aluno de uma escola pública na periferia da capital e mora no Jardim Ângela, bairro que chegou a ser eleito pela ONU como o mais violento do mundo, em meados dos anos 1990 e distante mais de 30 quilômetros do centro. Sua família não possui automóvel e depende do transporte público para qualquer deslocamento que não possa ser vencido pelos pés. Ele também é a cara do MPL." (p. 32)

SD2-"Com recursos próprios e sem vinculações partidárias, o **grupo** reúne um número indeterminado de **militantes cativos** em torno de uma bandeira: a tarifa zero. **Universitários, estudantes secundaristas e trabalhadores de bairros periféricos** compõem a maioria do **grupo**, com organização horizontal, sem líderes ou porta-vozes constituídos." (p. 32)

SD3-" Alguns integrantes admitem que as reuniões do MPL costumam juntar poucas dezenas na maior parte do ano. Mas são capazes de atrair mais de 10 mil **manifestantes** em seus **ruidosos protestos**." (p. 32)

SD4-"Unem-se a eles **militantes de partidos de esquerda, como PSOL, PSTU e PCO, além de feministas, gays, cicloativistas, anarquistas, punks e até jovens** que raramente se mobilizam." (p.32)

SD5- "É preciso ter fôlego para acompanhar as **peregrinações**, iniciadas no fim da tarde e estendidas noite adentro, a ocupar as principais artérias viárias da cidade, como as avenidas Paulista, 9 de Julho e Consolação, ou mesmo as faixas expressas da Marginal Pinheiros." (p. 32)

SD6- "O **movimento** não está circunscrito a São Paulo, embora a capital paulista seja o epicentro das **manifestações mais numerosas e violentas**." (p. 32)

SD7-"Agências bancárias e vitrines de lojas não passaram incólumes pela batalha travada entre a Polícia Militar e **parte dos manifestantes**." (p. 32)

SD8-"Mas os recorrentes confrontos não tiram o ímpeto dos **jovens**. Ao contrário, parecem aumentar a adesão aos **protestos** e disseminá-los por outros capitais." (p. 32)

SD9-"O **movimento** já ganhou o Brasil. Além de São Paulo e Rio de Janeiro, milhares de **manifestantes** tomaram as ruas de Porto Alegre, Natal e Maceió na quinta 13." (p. 32)

SD10-" Em maio, **estudantes** tomaram as ruas de Natal para protestar contra o aumento da tarifa ônibus de 2,20 para 2,40 reais." (p. 32)

SD11-"Após uma onda de **protestos**, a justiça anulou o reajuste." (p.32)

SD12-"Na segunda-feira 10, **milhares de jovens** protestaram no Rio de Janeiro contra o aumento da tarifa de ônibus, de 2,75 para 2,95 reais, anunciada no início de junho." (p. 32)

SD13-"Houve embates com a polícia e 31 **manifestantes** foram detidos." (p. 32)

SD14-" Na capital paulista, há relatos de policiais agredidos e quase linchados, assim como se multiplicam pela internet vídeos de **jovens encurralados e espancados por PMs**. Um deles é o jornalista Pedro Nogueira, repórter do Portal Aprendiz. Ele foi agredido a golpes de cassetete, mesmo depois de imobilizado. Não fazia parte do **protesto**, mas acabou indiciado por dano qualificado e formação de quadrilha, crime inafiançável, e está preso no 2º DP do Bom Retiro, na região central. Até a tarde de quinta 13, ele e outros nove **jovens** permaneciam presos pelas mesmas acusações." (p. 34)

SD15-" No mesmo dia, o repórter de *CartaCapital* Piero Locatelli, destacado para fazer a cobertura dos **protestos**, foi detido pela polícia ao lado de dezenas de **manifestantes**, e encaminhado a uma delegacia nos jardins, zona oeste da capital." (p. 34)

SD16-"A despeito dos abusos policiais, tanto o prefeito Fernando Haddad (PT) quanto o governador Geraldo Alckmin (PSDB) defenderam a repressão. 'O problema é que a Polícia Militar tem de seguir protocolos e um deles é manter vias expressas desimpedidas', afirmou Haddad, pouco antes de embarcar para uma viagem oficial a Paris, na segunda-feira 10. Dias depois, o secretário municipal de Relações Governamentais, João Antônio, tratou de colocar panos quentes: 'Não partiu do prefeito nenhum pedido para a PM reprimir a **manifestação**' " (p.34)

SD17-" Alckmin, por sua vez, não apenas defendeu a atuação dos PMs como prometeu mais rigor na repressão. ' Isso **não é manifestação, é vandalismo**' " (p. 34)

SD18-"O **movimento** admite não ter controle sobre as ações de todos os que engrossam as suas **passeatas**." (p. 34)

SD19-"E diz que as recentes **manifestações** ganharam contornos de **revolta popular** após a violenta repressão da polícia." (p. 34)

SD20-" 'As autoridades e a mídia esperam que a gente faça um **protesto pacífico e cordato**, mas como controlar o pessoal quando a polícia tenta impedir a progressão da marcha e dispara bombas de efeito moral contra todo mundo?', pergunta o jornalista Daniel Guimarães, de 29 anos." (p. 34)

SD21-" 'Quanto mais a polícia reprímia o **movimento**, mais **jovens** aderiam ao **protesto**', conta Guimarães, hoje morador de São Paulo e integrante do MPL paulista." (p. 34)

SD22-"Os **militantes** amparam-se em pesquisas para justificar a causa. De acordo com o Ipea, a cada 12 reais gastos em incentivos fiscais ao transporte particular o governo investe apenas 1 real em transporte público." (p. 34-35)

SD23-" Por meio de um acordo intermediado pelo Ministério Público, o movimento concordou em cancelar os **protestos** pela capital paulista caso a prefeitura e o governo do estado concordassem em suspender o reajuste por 45 dias, período para reavaliar o aumento." (p. 35)

SD24-" Enquanto o impasse não se resolve, **manifestantes** reafirmam a promessa: 'Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar'." (p. 35)

SD25-" A julgar pela força dos últimos **protestos**, a população paulistana deve se preparar para outra temporada de **intensos embates**." (p. 35).

As designações para o termo protestos apresentados pela revista CC não devem ser analisadas isoladamente, mas no conjunto dos sentidos que lhe são atribuídos, no discurso como um todo. Tendo em vista isto, analisemos o corpus apresentado acima:

A materialidade inicia com a caracterização dos integrantes do MPL, que estão entre os manifestantes dos protestos. Nesta caracterização é possível perceber o tom comedido da revista ao falar sobre o que está ocorrendo nas ruas. Ao dizer que os dois jovens descritos são *a cara do MPL* (SD1) o discurso produz um efeito de sentido de que o movimento é composto por pessoas de diferentes classes sociais, com condições de vida diferentes, mas que tinham o mesmo objetivo, o que é confirmado na SD2 (**militantes cativos** em torno de uma bandeira: a tarifa zero. **Universitários, estudantes secundaristas e trabalhadores de bairros periféricos** compõem a maioria do **grupo**).

A denominação protestos (SD3,SD8, SD11,SD14,SD15,SD20,SD21,SD23 e SD25) é usada diversas vezes ao longo de toda a reportagem, designando o ato e o que ele representa de si próprio, ou seja, o ato de protestar, discordar, se insurgir contra o aumento das passagens de ônibus, contrariando o sentido que outras mídias (televisivas, impressas) deram ao que estava ocorrendo nas ruas.

Que sentidos teria, neste caso, o termo ruidosos na SD3? “Alguns integrantes admitem que as reuniões do MPL costumam juntar poucas dezenas na maior parte do ano. Mas são capazes de atrair mais de 10 mil manifestantes em seus **ruidosos protestos**.” (p. 32)

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), as entradas possíveis são: 1. que faz, causa ou produz rumor; barulhento 2. em que há ruído; acompanhado de ruído, de clamor; agitado, movimentado 3. que provoca sensação, reação do público; espetaculoso 4. excessivamente luxuoso; faustoso, pomposo.

Numa primeira apreciação, poderíamos pensar que ruidosos estaria sendo empregado num sentido negativo, mas detendo-nos nos sentidos possíveis, entendemos que essa designação, necessariamente, não se configura uma crítica negativa; mas a capacidade de atrair adeptos, de fazer ecoar suas reivindicações.

A julgar pelas denominações seguintes, isso fica ainda mais evidente: percebamos a direção dada a protestos pela denominação *peregrinações* na SD5 – “É preciso ter fôlego para acompanhar as **peregrinações**, iniciadas no fim da tarde e estendidas noite adentro”. O efeito de sentido aí é de caminhada longa e cansativa, feita com um objetivo, (não sem causa); mas por uma razão, algo feito por pessoas que têm um objetivo em comum.

Também a designação movimento que aparece nas SD6, SD9, SD18 e SD21 não é usada para criminalizar os protestos e tentar colocar os seus integrantes na marginalidade. “O **movimento** não está circunscrito a São Paulo”. “O **movimento** admite não ter controle sobre as ações de todos os que engrossam as suas **passeatas**.” (p. 34) “Quanto mais a polícia reprimia o **movimento**, mais **jovens** aderiam ao **protesto**”

No sentido contrário as SD13, SD14, SD15, SD16, SD17, SD19, SD20 e SD21 mencionam as ações da polícia durante os protestos com um posicionamento crítico e vistas pela ótica dos manifestantes. Diferente da revista Veja, a Carta

Capital, dá voz aos manifestantes – “As autoridades e a mídia esperam que a gente faça um **protesto pacífico e cordato**, mas como controlar o pessoal quando a polícia tenta impedir a progressão da marcha e dispara bombas de efeito moral contra todo mundo?” (SD20). “Houve embates com a polícia e 31 **manifestantes** foram detidos.”

Percebe-se uma posição sujeita, oposta à da revista Veja na edição seguinte (2327, de 26/06/13) que, além de ter demarcado uma divisão entre protestos pacíficos e violentos, justifica, nas edições seguintes, as ações da polícia.

Nesse sentido, o apoio à polícia como defensora da ordem e da segurança não é um fato novo, pois desde a ditadura militar, a polícia age com quase total isenção de responsabilidades pelas agressões e mortes que pratica/praticou. Mesmo tendo efetuado vários crimes, não temos notícias de policiais condenados (recentemente, inclusive, assistimos o Tribunal de Justiça anular o julgamento que condenou os 74 policiais militares na chacina do Carandiru) e isto se deve também à forte composição política do Congresso Nacional. De acordo com pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) e divulgada no jornal O Estadão (06 de outubro de 2014), o congresso eleito é o mais conservador desde 1964:

BRASÍLIA - Apesar das manifestações de junho de 2013 - carregadas com o simbolismo de um movimento popular por renovação política e avanço nos direitos sociais - o resultado das eleições do último domingo, 5, revelou uma guinada em outra direção. Parlamentares conservadores se consolidaram como maioria na eleição da Câmara, de acordo com levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). O aumento de militares, religiosos, ruralistas e outros segmentos mais identificados com o conservadorismo refletem, segundo o diretor do Diap, Antônio Augusto Queiroz, esse novo status. "O novo Congresso é, seguramente, o mais conservador do período pós-1964", afirma. "As pessoas não sabem o que fazem as instituições e se você não tem esse domínio, é trágico", avalia.

Também por isso, as ações da polícia durante as manifestações foram relativizadas por alguns políticos e pela própria mídia. Além disso, houve, segundo o mesmo jornal, um aumento expressivo entre os ex-policiais e militares eleitos:

Militares. O Diap também estima um aumento consistente de policiais e militares eleitos. Queiroz prevê que o aumento de parlamentares com este perfil deve chegar a 30%. "Esse grupo, necessariamente, vai fazer parte da 'bancada da bala', porque defende a defesa individual", diz, referindo-se ao lobby da indústria armamentista.

A ampliação desse grupo é uma onda que veio na contramão das manifestações populares de 2013.

Nas SD23, SD24 e SD25 a materialidade discute o problema dos transportes no Brasil que, de acordo com Tonet (2014, p. 21) é, de fato, negligenciado pelos governantes:

O orçamento nacional (tomando como exemplo o de 2012 e assinalando apenas alguns elementos) mostra claramente onde estão as prioridades para a destinação dos recursos públicos: 43,98% para pagamento da dívida pública; 22,47% para previdência social; 10,21% para transferência para Estados e Municípios; 4,17% para saúde; 3,34% para educação; 2,42% para trabalho; 3,15% para assistência social; 0,39% para segurança pública; 0,70% para transporte; 0,01% para habitação; 0,06% para urbanismo; 0,02% para esporte e lazer; 0,04% para energia; 0,05% para cultura. (Grifo nosso).

As designações para *manifestantes* dadas pela revista CC selecionadas nestas sequências discursivas têm sentidos muito próximos, poderíamos dizer até mesmo harmônicos entre si: *manifestantes, estudantes e jovens*. A revista não criminaliza as ações durante os protestos, assim como não denomina os manifestantes negativamente, mas, pelo contrário, reconhece-os nos seus direitos como cidadãos.

A perspectiva da CC, se coaduna com a de Zaidan (2014, p. 56), quando perguntado sobre a importância dos movimentos no Brasil:

Eles enriquecem, mexem colorem, estimulam a sociedade brasileira, que é muito midiática e espetacular. Existe um efeito de demonstração nessas passeatas, que chamam muito a atenção da opinião pública, já domesticada pelos 'realityshows', os 'talkshows' da vida. Como dizia a compositora Violeta Parra, nos anos 80: 'viva los estudantes'. Eles tomaram a iniciativa de sacudir o congresso, o poder executivo, o futebol, a mídia internacional, chamando a atenção para temas importantíssimos: a reforma política, a melhoria

dos serviços públicos, o bom uso do dinheiro público, a alienação do patrimônio e da soberania nacional. Isto não é pouco (...).

Dessa forma, o posicionamento da revista nos revela uma identificação com uma FI mais de centro-esquerda, que defende uma possibilidade de ruptura com a ordem estabelecida, ponderando entre as ações da polícia durante os protestos, as circunstâncias do transporte público no Brasil, a contrapartida do governo e o histórico da luta pelo transporte público, gratuito e de qualidade que muitos cidadãos já encamparam.

4.8.2 Revista CartaCapital nº 754

As reportagens desta revista sobre os protestos intitula-se A MASSA INCONTROLÁVEL e A POLÍTICA OXIGENADA e constam ao todo de dez páginas. Ambas não dividem o conteúdo em tópicos, discorrem sobre os ocorridos de maneira contínua, embora a primeira apresente um box sobre uma entrevista com o presidente do PT, Rui Falcão.

4.8.2.1 Imagem de capa

Figura 23- Imagem de capa da Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, N.º 754



Esta imagem aparenta ser uma foto tratada com recursos eletrônicos para edição de imagens. Nela, vemos um rapaz, em meio ao que parece serem outras pessoas, segurando um cartaz no qual está escrito PAREM DE SUBESTIMAR O POVO com as cores azul e vermelho que são as únicas que constam e o cartaz ocupando uma boa parte do tamanho da capa. Em letras garrafais (caixa alta), a manchete *NINGUÉM CONTROLA A RUA* As tentativas até agora fracassadas de manipular os protestos e os dizeres do cartaz já adiantam o posicionamento que a esta revista irá adotar sobre os protestos.

4.8.2.2 Imagem de abertura da 1ª reportagem

Figura 24- Imagem de abertura da reportagem "A massa incontrolável", Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, nº 754



Milanez (2006, p. 170) escreve:

Segundo Courtine, ao nos depararmos com uma imagem, cabe-nos destacar os elementos semiológicos que constituem a memória longínqua de uma imagem dada, seja recuperando imagens semelhantes em uma atualidade mais recente, seja interrogando as

condições nas quais tais cenas se reproduzem e são colocadas em circulação.

Nessa direção, a primeira imagem é da Avenida Rio Branco, na Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal, fotografada de um prédio com vidraças (o que provoca um efeito de espelhamento da imagem) dando a sensação de ampliação do público presente. Abaixo dela, em letras maiores que as demais se destaca a expressão MASSA INCONTROLÁVEL. Percebemos um movimento parafrástico entre: “parem de subestimar o povo”, “massa incontrolável” e “Ninguém controla a rua”. Há aí um deslizamento metonímico de conteúdo/continente, uma vez que, ao dizer “ninguém controla a rua”, o enunciante não está se referindo ao espaço urbano inerte (continente), mas ao conteúdo que o preenche – o povo, a massa que faz ruído, que se movimenta. Também é relevante considerar os sentidos de interdição/negação presentes em “parem”, “ninguém” e o prefixo “in” em “incontrolável”, o que nos permite interpretar que é impossível controlar o movimento das massas, seja pela polícia ou pelos governantes.

Essas escolhas feitas (legendas, título e imagens) não são aleatórias. Elas expressam o posicionamento da revista CC, sobre os protestos, embora saibamos que a revista CC como todo veículo de imprensa necessita conseguir espaço e anunciantes. Também não podemos esquecer que, mesmo sendo considerada pelo senso comum uma revista de esquerda, tem como colaborador e fazendo parte do seu conselho editorial o senhor Antônio Delfim Netto, ex-ministro durante três governos militares (Costa e Silva, Médici e Figueirêdo), colunista da Folha de São Paulo e ex-deputado federal pelo antigo PDS (Partido Democrático Social), herdeiro do partido da ARENA.

Também é preciso lembrar que a CC veicula conteúdos da conservadora revista britânica *The Economist*, criada desde 1950, a qual apoiou a candidatura de Aécio Neves em 2014, que se caracteriza como uma revista pró-mercado e que tem tradição em manifestar apoio a candidatos políticos americanos.

Talvez, pelas suas características, seja possível afirmar que a revista CC é marcada pela heterogeneidade discursiva, no sentido que lhe atribui Jacqueline Authier-Revuz (1998;2004).

4.8.2.3 Imagem de abertura da 2ª reportagem

Figura 25- Imagem de capa da reportagem "A política oxigenada", Revista CartaCapital, 26 de junho de 2013, ano XVIII, nº 754



Esta segunda reportagem traz como imagem a foto (tirada com uma lente grande angular, que enquadra a cena como um todo e torna o seu plano oval) de um protesto, com manifestantes segurando cartazes, a bandeira do Brasil, pessoas tocando instrumentos musicais (pandeiro, tambores e tamborins), numa aglomeração que pode ou não ter sido dos protestos de junho de 2013, pois não há nenhuma referência à fonte/local e data da foto. Este recurso de não caracterizar as imagens selecionadas para compor as reportagens também é usado pela RV e se configura como um recurso que limita a construção do(s) sentido(s) do discurso pelas imagens veiculadas.

4.4.2.4 As Sequências Discursivas

SD1-"Os atos se multiplicam em escala imprevisível, assim como as tentativas de manipulação dos **rebelados**. A insatisfação difusa dos **jovens** desafia os governos e os partidos." (p. 24)

SD2-"Esquerdistas utópicos e ingênuos. Radicais agressivos e violentos. Desde o início de junho, não faltaram rótulos para tentar desqualificar os **manifestantes** convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL) para tomar as ruas do Brasil."(p. 25)

SD3-" Boa parte dos que outrora vociferavam contra os **protestos** agora celebra as **manifestações**." (p. 25)

SD4-"Alguns dos críticos, por tardia conscientização ou oportunismo político, passaram a acenar à distância com simpatia ou a engrossar o caldo. O êxito dos **jovens rebelados** é inegável. Dezenas de municípios revogaram o reajuste ou diminuíram o valor das passagens de ônibus."(p. 25)

SD5-"A capitulação das metrópoles parece, porém, incapaz de satisfazer o apetite da **moçada**. 'A tarifa baixou, mas decidimos manter o **ato** programado para quinta-feira 20. Tínhamos de celebrar as recentes conquistas, apoiar o **movimento** de outras cidades e prestar solidariedade aos presos, detidos ou processados', explicou Caio Martins, de 19 anos, estudante de História na USP e integrante do MPL paulista."(p. 25)

SD6-"Poucos se arriscam a um prognóstico seguro sobre o fim da **mobilização** nas ruas. Enquanto a vitória era celebrada pelos paulistanos, **ruidosas manifestações** se multiplicaram por mais de 80 cidades, entre elas 20 capitais." (p. 25)

SD7-"Os integrantes do MPL apresentam-se como apartidários, mas não anti-partidários. São militantes de esquerda, dizem, irritados com os 'parasitas' interessados em manipular os **jovens mobilizados** para abraçar as mais variadas bandeiras, da redução de impostos ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. O MPL mantém, porém, o discurso da unidade em torno da questão do transporte público. Cada **grupo** carrega suas reivindicações. Mas o que nos une é a bandeira da redução das tarifas', avalia o estudante Matheus Preis, uma das principais lideranças, embora não se reconheça como tal, dado o caráter horizontal do movimento criado em 2005 durante o Fórum Social Mundial. 'Na segunda-feira 17, havia muitos **manifestantes com perfil direitista e nacionalista**. Mas no dia seguinte isso perdeu a força, notou?, pergunta, não tão seguro." (p. 25)

SD8-"A invasão de **jovens com cara pintada e nariz de palhaço**, bandeiras pró-privatizações ou contra a PEC 37 nas mãos, gerou conflitos dentro e fora das ruas. **Punks e anarquistas** hostilizaram **manifestantes** com bandeiras do Brasil. 'Tá fazendo o que aqui, nacionalista imbecil?" (p. 25)

SD9-"Na contramão, boa parcela daqueles que pregavam o 'fechamento do Congresso' e a rejeição aos 'políticos corruptos' tentou retirar à força as bandeiras de partidos presentes no **ato**, até mesmo daqueles sem relação com o governo federal e essenciais para o sucesso inicial das **manifestações**, como PSTU, PSOL e PCO." (p. 26)

SD10-"A multiplicação de demandas diferentes, várias delas contraditórias, e a adesão de **manifestantes** de primeira hora provocaram um caos ideológico e tendem a implodir a **mobilização popular**." (p. 26)

SD11-"**Militantes petistas** também enfrentam antipatias.'O pessoal pode até pedir para baixar a bandeira, mas arrancar à força é uma atitude fascista', queixou-se Eduardo Silva, de 30 anos, da Juventude do PT, após ser hostilizado no Largo da Batata, em São Paulo, na segunda 17." (p. 26)

SD12- "No dia seguinte, a cena repetiu-se na Praça da Sé contra outros **militantes de esquerda**. As portas de vidro da sede nacional da legenda, no centro de São Paulo, não passaram incólumes. Na quinta 20, integrantes da agremiação convocados para uma espécie de '**onda vermelha**' foram vaiados na Avenida Paulista. Em parte, a reação negativa deve-se à postura vacilante do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e às intervenções inapropriadas do ministro da justiça, José Eduardo Cardozo." (p. 26)

SD13-"Antes de embarcar para Paris, na segunda 10, em viagem oficial na companhia do governador tucano Geraldo Alckmin, Haddad justificou a repressão policial contra o 'vandalismo' dos **manifestantes** pela necessidade de 'manter as vias expressas desimpedidas'." (p. 26)

SD14-"Cardozo, por sua vez, pediu na quarta-feira 12 para a Polícia Federal acompanhar os **protestos** e deu a entender que tropas federais estavam disponíveis para auxiliar na repressão. Fez o jogo da oposição: colocou o governo federal no bolo dos **protestos**" (p. 26)

SD15-"Além disso, a direção nacional do PT tardou a convocar seus militantes para aderir aos **protestos**." (p. 27)

SD16-"Só na noite da quarta, após Haddad suspender o reajuste das tarifas, o presidente da legenda, Rui Falcão, convocou os militantes a se unirem aos **atos**." 'O PT não tem medo de **povo** nas ruas', justificou em entrevista à CartaCapital. (p. 27)

SD17-"Parece pouco provável que as tentativas de apropriação das **manifestações** surtam efeito neste momento." (p. 27)

SD18-"No início, o MPL tinha dificuldades para reunir mais de 5 mil **manifestantes** na capital paulista. Na segunda 17, havia mais de 65 mil, segundo a conservadora estimativa do Datafolha. Ao atrair jovens de classe média escandalizados com a repressão policial, também os jornais e emissoras de tevê passaram a demonstrar simpatia pelos **rebelados**". (p.27)

SD19-"Se antes os **manifestantes** eram retratados indistintamente como 'vândalos' e os editoriais clamavam pela repressão da PM, a mídia passou a tratar os casos de depredação de forma mais isenta: fatos isolados, causados por pequenos grupos. Nem por isso caiu nas graças dos **manifestantes**. Ao contrário, repórteres foram hostilizados, carros da Record e do SBT incendiados e um grupo se dirigiu à porta da TV Globo para exigir a regulamentação da mídia. O canal da família Marinho é, por sinal, um dos principais alvos dos **manifestantes**."(p.27-28)

SD20-"Sem qualquer recalque, o comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, Benedito Roberto Meira, sugeriu aos representantes do MPL a inclusão na pauta do pedido de prisão dos condenados no processo do 'mensalão'. Acabou convocado pela Assembleia Legislativa para prestar esclarecimentos sobre a tentativa de politização dos **atos**." (p. 28)

SD21-"Administrações de todos os partidos tentam conter os danos causados à própria imagem. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará, os governos estaduais estão na defensiva após os **espetáculos de truculência e despreparo** de suas polícias." (p. 28)

SD22-"A violenta ofensiva da Polícia Militar de Alckmin, na quinta 13, foi o estopim para os **protestos** ganharem a dimensão atual." (p. 28)

SD23-"A comoção popular diante da repressão multiplicou por dez o número de **manifestantes**. E o governador viu-se obrigado a abolir as balas de borracha e retirar a Tropa de Choque das ruas."(p. 28)

SD24-"No Rio, Sérgio Cabral viu-se constrangido diante do despreparo de policiais a disparar com fuzis para o alto na tentativa de repelir **manifestantes** que depredavam o prédio da Assembleia Legislativa fluminense na segunda 17." (p. 28)

SD25-"Os excessos da PM também ficaram evidentes no entorno do Mineirão, em Belo Horizonte, e do Castelão, em Fortaleza. Antônio Anastasia e Cid Gomes se justificaram: zonas de segurança por causa da Copa das Confederações, os estádios não poderiam receber **manifestações** no entorno." (p.28)

SD26-"O perfil apartidário de boa parte dos **jovens** e o caráter difuso das reivindicações intrigam governantes analistas." (p.28)

SD27-"Silenciosos no início dos **protestos**, expoentes da política mudaram de atitude. Expuseram-se conforme seus planos e necessidades. Foi assim com Dilma Rousseff, Lula, Fernando Henrique Cardoso e Aécio Neves." (p. 29)

SD28-"Na segunda 17, com 230 mil **manifestantes** nas ruas, Dilma elogiou em nota os **protestos** pacíficos. (p. 29)

SD29-"Com 'mobilização' no sangue sindicalista, Lula afirmou, no mesmo dia, que ninguém pode ser contra **manifestações**." (P. 29)

SD30-"Na terça 18, em evento comemorativo dos 25 anos de fundação do PSDB, FHC mirou no PT. Para ele, é importante os **jovens** expressarem suas vontades, mesmo sem saber ao certo aonde querem chegar. 'É claro que, a partir daí, os que são responsáveis, que estão no governo, têm de perceber: as coisas não estão tão bem quanto eles pensam' ".(p. 29)

SD31-"A tal insatisfação 'difusa', apontada em boa parte das análises de intelectuais e políticos sobre os **protestos**, pode ser traduzida como a rejeição a 'tudo isso que está aí'. Por isso, embora não tenham sido alvo do núcleo das **manifestações**, o governo federal e o PT se sentiram acuados e tentaram reagir. (p. 29-30)

SD32-"É possível que a onda de **protestos** force o governo a mudar."(p.30)

SD33-"O PT foi para a eleição de 2010 no melhor dos mundos. Lula tinha 85% de aprovação. A economia cresceu 7,5%. Muitos partidos e os movimentos sociais estavam fechados com Dilma. Não havia **protestos**."(p.30)

SD34-" O governo e o PT têm experiência no diálogo com **movimentos** sociais tradicionais, mas não sabem se relacionar com aqueles não institucionalizados. E melhorar os serviços públicos, para Dilma a razão principal dos **protestos**, não se consegue do dia para a noite." (p.30)

SD35-"Um dos ministros mais próximos de Dilma, Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, deixou escapar publicamente, na terça 18, ao comentar os **protestos**: 'É uma insatisfação contra o status quo. Isso pode até mesmo nos ajudar a apressar as mudanças que queremos para o País.' **Não adianta tentar controlar a rua. É preciso ouvi-la**." (p.30)

SD36-"Os **acontecimentos** das últimas semanas são a verdadeira face da política daqui para a frente. " (p.32)

SD37-" No Brasil, ao escolher lutar contra o preço vergonhoso de um transporte público miserável e montado principalmente para alimentar máfias de empresários, **os manifestantes** mostraram quão pouco as cidades brasileiras melhoraram nas últimas décadas, quão pouco os serviços públicos foram realmente reconstruídos. Ao fazê-lo, desvelaram a verdadeira face do 'milagre brasileiro'. Como bons psicanalistas, focaram em um sintoma para mostrar como este, na verdade, expunha os impasses da totalidade" (p. 32)

SD38-" Os **manifestantes** foram de uma racionalidade admirável. Deram tempo para um novo ciclo de luta contra a desigualdade começar a partir do governo Dilma Rousseff. Mas, depois de três anos de letargia e desoneração inúteis de impostos, eles não viram avanços na área de transporte, na educação e na saúde. O ciclo de ascensão social do lulismo, ficou claro, esgotara-se.(p. 32)

SD39-"Uma coisa é certa. Há décadas este país não tem uma **geração de jovens tão politizada, corajosa e brilhante** quanto esta que levou a cabo as manifestações. Muitos deles passaram semanas nas ruas no momento dos movimentos de ocupação, constantemente ridicularizados pela mídia."(p. 33)

SD40-"Mais do que tentar ensinar aos **manifestantes** o que e como fazer, censurando-os por não lutarem como até agora se lutou, cabe admirar a sensibilidade desses **jovens** em compreender o modo dos **embates** do futuro. Diante deles só cabe dizer:'Confiamos em vocês. Vocês demonstraram força e inteligência. Sigam em frente. A verdadeira democracia é barulho e luta.'"(p. 33)

Embora saibamos que os discursos são opacos, não-transparentes, que a linguagem serve para comunicar e não-comunicar (Pêcheux, 1990), observamos que alguns discursos são mais velados e outros menos com relação aos seus efeitos de sentido.

Os termos usados para se referir aos manifestantes e seus correlatos demonstram aqui também, assim como na RV, uma diferença entre **manifestantes com perfil direitista e nacionalista**, que usavam **cara pintada e nariz de palhaço, bandeiras pró-privatizações ou contra a PEC 37 nas mãos** e manifestantes que eram **jovens rebelados**. O discurso da CC, assim como o da RV, também estabelece diferenças entre os militantes de esquerda e os demais manifestantes (SD12), no entanto todos sabemos que o MPL é composto também por manifestantes alinhados à esquerda, com identificação com outros movimentos

sociais como o MST e que, portanto esta diferença com os militantes de esquerda é, no mínimo, contraditória.

Dando continuidade à análise, trazemos Orlandi (1983, p. 109) que diz:

Do ponto de vista da Análise de Discurso, a mera repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando digo a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez, pois são dois *acontecimentos* diferentes. (Grifo da autora).

Nesse sentido, talvez seja possível analisar as duas citações sobre o mesmo fato, pela mesma revista, de maneira distinta, pois ao noticiar sobre a posição do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, na revista nº 753, a primeira materialidade da CC analisada, foi dito na SD17- *"A despeito dos abusos policiais, tanto o prefeito Fernando Haddad (PT) quanto o governador Geraldo Alckmin (PSDB) defenderam a repressão.* 'O problema é que a Polícia Militar tem de seguir protocolos e um deles é manter vias expressas desimpedidas', afirmou Haddad, pouco antes de embarcar para uma viagem oficial a Paris, na segunda-feira 10." Não sendo dado nenhum juízo de valor ao ocorrido, nem feito críticas à postura do prefeito.

Sobre o mesmo fato, nesta materialidade que estamos analisando, a revista diz, na SD12- Em parte, a reação negativa deve-se à **postura vacilante** do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e às intervenções inapropriadas do ministro da justiça, José Eduardo Cardozo", demonstrando que a revista faz críticas negativas aos políticos do PT, emitindo juízos de valor sobre o modo de agir de seus políticos com relação a estes fatos, colocando o partido numa situação delicada sobre os ocorridos diante dos seus leitores.

Na SD20 a revista revela que o comandante-geral da PM, Benedito Roberto Meira, sugeriu aos manifestantes temas políticos para as reivindicações, como a prisão dos condenados no mensalão. Sendo que este mesmo comandante-geral foi aquele que procurou o governador Geraldo Alckmin para mostrar um vídeo em que os manifestantes atacavam a polícia (revista Veja, edição 2343) e no mesmo dia Alckmim autorizou novamente o uso de balas de borracha contra os manifestantes.

O discurso desta materialidade apresenta-se como imputando ao governo Dilma e ao PT a responsabilidade pelas insatisfações trazidas pelos protestos, pois a posição sujeito desta primeira parte da reportagem confronta o PT e as posturas dos seus correligionários, colocando na mesma posição políticos que são

adversários como Dilma, Lula, Aécio e FHC (SD27). Afirma que, como o PT está há dez anos no poder para boa parte dos jovens ele é a representação de "tudo isso que está aí" (SD31), assumindo mais um discurso moderado do que de esquerda.

A partir da segunda reportagem A POLÍTICA OXIGENADA (p. 32-33), assinada por Vladimir Safatle (filósofo, professor da USP, filiado ao PSOL e colunista da Folha de São Paulo), o discurso da revista faz uma crítica mais frontal ao governo Dilma: SD38 -"(...) Deram tempo para um novo ciclo de luta contra a desigualdade começar a partir do governo Dilma Rousseff, mas, depois de três anos de letargia e desoneração inúteis de impostos, eles não viram avanços na área de transporte, na educação e na saúde".

Assim como a gestão do ex-presidente Lula na mesma SD38- "(...)O ciclo de ascensão social do lulismo, ficou claro, esgotara-se."

Nesse mesmo sentido, é necessário observar o que afirma a SD37: "No Brasil, ao escolher lutar contra o preço vergonhoso de um transporte público miserável e montado principalmente para alimentar máfias de empresários, **os manifestantes** mostraram quão pouco as cidades brasileiras melhoraram nas últimas décadas, quão pouco os serviços públicos foram realmente reconstruídos.(...)" E os últimos quatorze anos de governo foram sob as gestões petistas...

Além disso, as materialidades também expressam simpatia pelos protestos e destacam contribuições positivas para o Brasil: SD38-"Os manifestantes foram de uma racionalidade admirável"; SD39-"Há décadas este país não tem uma **geração de jovens tão politizada, corajosa e brilhante** quanto esta que levou a cabo as **manifestações**. Muitos deles passaram semanas nas ruas no momento dos movimentos de ocupação, constantemente ridicularizados pela mídia." e SD40-"Mais do que tentar ensinar aos **manifestantes** o que e como fazer, censurando-os por não lutarem como até agora se lutou, cabe admirar a sensibilidade desses **jovens** em compreender o modo dos embates do futuro. Diante deles só cabe dizer:'Confiamos em vocês. Vocês demonstraram força e inteligência. Sigam em frente. A verdadeira democracia é barulho e luta."

Ao longo do discurso desta reportagem, a revista posiciona-se mais uma vez a favor dos protestos e pela mudança: SD32-"É possível que a onda de protestos force o governo a mudar."

Como a FI e FD se articulam e revelam a posição assumida pelos sujeitos em uma dada conjuntura sócio-histórica, podemos dizer que a posição sujeito desta materialidade pondera entre atacar/não atacar o governo petista em vigor naquele momento (na 1ª reportagem) deslizando para atacá-lo frontalmente (2ª reportagem) pelos descasos com a saúde, educação e o transporte público e colocando as manifestações como uma resposta dos jovens aos governos do PT (Dilma/Lula).

4.8.3 Revista CartaCapital N.º 756

4.8.3.1 Imagem de capa

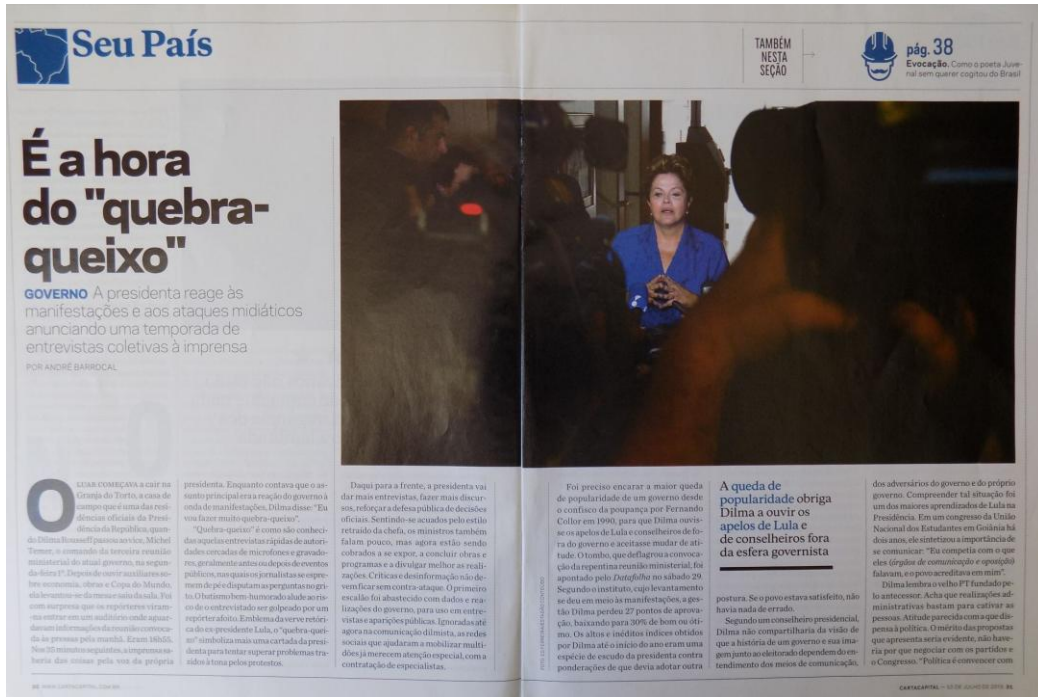
Figura 26- Imagem de capa da Revista CartaCapital, de 10 de julho de 2013, ano XVIII, nº 756



Neste número da CartaCapital os protestos não são matéria principal, como podemos ver desde a capa. As acusações de espionagem contra os EUA, a situação política do Egito e o editorial de Mino Carta (diretor de redação e presidente do conselho editorial da revista) alertando Dilma sobre os perigos que rondam sua reeleição, estão como as notícias principais.

4.8.3.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 27- Imagem de abertura da reportagem "É a hora do " 'quebra-queixo' ", da Revista CartaCapital, de 10 de julho de 2013, ano XVIII, nº 756



A imagem mostra a presidenta Dilma Rousseff, cercado por jornalistas, e falando para eles. O destaque é para o rosto da presidenta, que parece bem cansado, inclusive com marcas de olheiras, e para as mãos que se juntam na frente do corpo, num gesto típico de quem está argumentando ou explicando algo.

Após a onda de protestos que tomou conta do país e do governo estar sendo culpabilizado por algumas mídias pelas insatisfações dos manifestantes, a imagem da presidenta falando aos repórteres, acompanhada do título da matéria constrói o sentido de que o governo está reagindo, tentando se comunicar melhor e atender às reivindicações dos protestos.

Logo abaixo da foto, os dizeres: "A queda de popularidade obriga Dilma a ouvir os apelos de Lula e de conselheiros fora da esfera governista", tenta indicar que a presidenta está mais aberta ao diálogo.

4.8.3.3 As Sequências Discursivas

SD1-"Enquanto contava que o assunto principal era a reação do governo à onda de **manifestações**, Dilma disse: 'Eu vou fazer muito quebra-queixo'²⁵." (p. 30)

SD2-"Emblema da verve retórica do ex-presidente Lula, o 'quebra-queixo' simboliza mais uma cartada da presidenta para tentar superar problemas trazidos à tona pelos **protestos**."(p.30)

SD3-"Ignoradas até agora na comunicação dilmista, as redes sociais que ajudaram a mobilizar **multidões** já merecem atenção especial, com a contratação de especialistas." (p. 30)

SD4-"Segundo o instituto²⁶, cujo levantamento se deu em meio às **manifestações**, a gestão Dilma perdeu 27 pontos de aprovação, baixando para 30% de bom ou ótimo." (p. 31)

SD5-"A mudança de comportamento de Dilma era há tempos desejada pelo PT, que teme ser o mais afetado pelos **protestos**, já que está no poder há dez anos." (p. 32)

SD6-"A intenção de Dilma de reinventar-se na comunicação é uma das consequências mais importantes impostas ao governo pelos **protestos**. Mesmo sem ter sido o alvo principal de **mobilizações que atiram para todos os lados**, a presidenta tem sido quem mais se esforça para tirar lições e proveito da crise. (p. 32)

SD7-"A chacoalhada que as **manifestações** promoveram no País teve outro desdobramento político importante: a reaproximação de Lula com o governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB)." (p. 34)

SD8-"Até o estouro das **manifestações**, a candidatura imaginada por Campos agonizava graças a uma operação comandada por Lula segundo uma lógica militar. A chapa foi minada na retaguarda, ou seja, dentro das fileiras do PSB. Por pressão petista e federal, governadores e prefeitos do partido manifestaram-se em público contra as pretensões de Campos. (p. 34)

SD9-"Quando surgiu a possibilidade de uma candidatura do governador pernambucano, houve quem enxergasse um risco sério para a presidenta. As **manifestações** e suas consequências fizeram esse receio disparar entre os petistas nos últimos dias. E, por isso mesmo, transformaram o futuro de Eduardo Campos numa incógnita. Segundo um aliado, o governador não concorrerá se o próprio Lula

²⁵ Na própria materialidade, no parágrafo seguinte, há uma explicação para este termo: " 'Quebra-queixo' é como são conhecidas aquelas entrevistas rápidas de autoridades cercadas de microfones e gravadores, geralmente antes ou depois de eventos públicos, nas quais os jornalistas se espremem de pé e disputam as perguntas no grito. O batismo bem-humorado alude ao risco de o entrevistado ser golpeado por um repórter afoito."

²⁶ Trata-se do Instituto *Datafolha*.

voltar à cena, hipótese que o ex-presidente mais uma vez afastou durante a semana, a partir de uma entrevista na África.

Diferentemente da revista de número anterior, esta materialidade traz um discurso em prol do governo Dilma Rousseff, retirando dela a responsabilidade pelas insatisfações apresentadas pelos manifestantes durante os protestos (SD6) e fazendo até uma certa crítica às manifestações que, segundo a revista, não deixaram claras quais as suas reivindicações (SD6 - "(...) mobilizações que atiram para todos os lados").

É interessante notar que, tanto nesta como em outros números, todas as vezes que se refere ao cargo de Dilma Rousseff, a revista usa o substantivo no feminino, *presidenta*, ao contrário da RV que faz questão de tratá-la por *presidente*. Esta diferença de tratamento pode construir o sentido de respeito pelo fato do cargo de Presidente da República estar sendo exercido por uma mulher.

Também há explicações sobre os temores do PT em sair prejudicado por conta das manifestações, inclusive justificando o afastamento entre Lula e o governador de Pernambuco na época, Eduardo Campos, e a reaproximação deles durante os protestos.

A única menção aos manifestantes nesta materialidade é feita com a denominação *multidões* e faz referência ao uso maior das redes sociais que fará a presidenta Dilma após os protestos.

4.8.4 Revista CartaCapital N.º 760

4.8.4.1 Imagem de capa

Figura 28- Imagem de capa da Revista CartaCapital, de 07 de agosto de 2013, ano XVIII, nº 760



A imagem da capa desta revista traz o rosto de um encapuzado coberto de preto com apenas os olhos de fora. O escuro toma conta da capa, assim como a máscara do rapaz. Acompanha a foto em letras garrafais o título BLACK BLOCS, com o subtítulo *A depredação das ruas*. A julgar pela imagem da capa e pelo título, é possível acreditar que a revista irá se posicionar contrária às ações dos Black Blocs.

4.8.4.2 Imagem de abertura da reportagem

Figura 29- Imagem de abertura da reportagem "O Black Bloc está na rua ", da Revista CartaCapital, de 07 de agosto de 2013, ano XVIII, nº 760



O sentido que se constrói pela imagem da capa é redirecionado ao observar a imagem da abertura da reportagem, pois os jovens não estão quebrando nada. Numa foto iluminada, eles aparecem juntos, erguendo o braço direito, com o punho fechado, olhando para a mesma direção. No canto direito inferior a legenda que acompanha a foto informa sobre a organização e a relação do grupo.²⁷

O título da reportagem O BLACK BLOC ESTÁ NA RUA e o lead "Nem grupo nem movimento, essa tática de guerrilha urbana anticapitalista pegou carona nos protestos atuais. Como esse fenômeno pode impactar o Brasil" confirmam o posicionamento da revista em não atacar frontalmente os Black Blocs, criminalizando-os.

4.8.4.3 As Sequências Discursivas

SD1-"Sem movimento social ou partido à frente, o **protesto** reuniu cerca de 200 jovens, deixou lojas pichadas e 20 detidos na terça 30 de julho." (p. 22)

SD2-"Desde o princípio das **manifestações de rua** no dia 06 de junho de 2013 em São Paulo contra o aumento nas passagens de ônibus, muito ficou por ser entendido. Seria a carestia a motivação dos **protestos** que cruzaram a barreira de 1 milhão de pessoas em todo o Brasil ou o esgotamento do sistema político?" (p. 22)

SD3-"E os **manifestantes**, eram jovens anarquistas sem partido ou seriam necessários novos conceitos para dar conta de tantas vozes? De todas as perguntas, a que mais intrigou o País segue sem resposta clara: em meio ao mar de cabeças e punhos em riste, quem eram e o que queriam aqueles **jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?**" (p. 22)

SD4-"Black Bloc foi o termo surgido de forma confusa na imprensa nacional. Seriam os **jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização**, cujo lema passa por destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia. Nas capas de jornais e na boca dos âncoras televisivos, eram 'a minoria baderneira' em meio a 'protestos que começaram pacíficos e ordeiros'. Uma abordagem simplista diante de

²⁷ O texto da legenda diz:"SEM CARA. O bloco não é centralizado nem permanente. São desconhecidos com anseios similares unidos para uma única ação. E, por isso, incontroláveis."

um fenômeno complexo. Além da ameaça à propriedade e às regras do cotidiano (como atrapalhar o trânsito e a visita oficial do papa), as atuações explicitaram a emergência de uma faceta dos movimentos sociais, de cunho anarquista e autonomista, que vão do Movimento Passe Livre (MPL) e outros coletivos até a face extrema dos **encapuzados**." (p. 22)

SD5-" 'Não me sinto representado por partidos. Não sou a favor de democracia representativa e, sim, de uma democracia direta.' Estudar política e quebrar bancos caminham juntos. 'Não se trata de depredar pelo simples prazer de quebrar ou pichar coisas, mas de atacar o símbolo representado ali. Quando atacamos uma agência bancária, não somos ingênuos de acreditar que estamos ajudando a falir um banco, mas tornando evidente a insanidade do capitalismo. Política também se faz com as próprias mãos.' Como Roberto, milhares de jovens simpatizam com a causa e o modo de defendê-la. Juntas, as páginas do Black Bloc no Facebook receberam 30 mil 'likes'. Novas surgem a cada dia. Páginas fechadas têm centenas de membros. E eles já se encontram fora da internet. Após o **protesto** em São Paulo no dia 11, participantes fizeram uma reunião espontânea e sem líderes."(p. 24)

SD6-" 'O Black Bloc no Brasil veio para ficar'., afirma Pablo Ortellado, professor da USP. O pesquisador participou de **protestos** antiglobalização no começo dos anos 2000, quando o termo apareceu pela primeira vez no País. Hoje, estuda a emergência de tais grupos. Para entendê-los, diz, é preciso voltar no tempo."(p. 24)

SD7-"A denominação surgiu na Alemanha nos anos 80, com uma pauta (ecologia radical) e uma função específica: isolar **manifestantes** e polícia, evitando cassetetes e agitadores infiltrados."(p. 24)

SD8-" 'No Brasil, eles cumpriram as duas tarefas', diz Ortellado. Num primeiro ato, protegeram os **manifestantes** da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano, de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático."(p.24-25)

SD9-"No fim de junho, o País viu o MPL conseguir, na base dos **protestos nas ruas**, baixar a tarifa de ônibus Brasil afora. Sem sua organização, os **protestos** continuaram com bandeiras confusas e reivindicações mais amplas - exatamente a conjuntura na qual os Black Blocs florescem. Se no começo eles tomavam carona em **protestos organizados por entidades com pautas claras**, pouco a pouco passaram a agir sozinhos. O **protesto** de terça 30, por exemplo, teve convocação

apócrifa. Tais **manifestações** tendem a ocorrer cada vez mais desse jeito: instantâneas, acéfalas, impossíveis de controlar."(p. 25)

SD10-"Como não são uma organização, mas uma tática condicionada a contextos políticos, **os Black Blocs** devem surgir com mais frequência. A Copa do Mundo e as Olimpíadas, com seus espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas, são alvos esperados." (p. 25)

SD11-"O surgimento de um bloco não é centralizado nem permanente. É o encontro de indivíduos com propósitos similares, mas nunca coibidos pela coletividade.'Uma formação temporária, sem identidade, na qual os indivíduos podem nem saber quem é a pessoa ao lado. Por isso é difícil controlá-los', diz Saul Newman, professor de teoria política da Goldsmiths University, de Londres. Newman cunhou o termo pós-anarquismo para abarcar formas de resposta direta, às vezes radicais, a um Estado que interfere cada vez mais na vida de seus cidadãos. A sociedade estaria subestimando esse potencial político. 'Ainda que **os Black Blocs** representem uma minoria no movimento anarquista, são um importante símbolo da emergência de novas formas de políticas antiautoritárias. Seus rostos cobertos se tornaram a imagem do ativismo radical contemporâneo.' " (p. 25)

SD12-"Entre os **manifestantes** não ligados ao Black Bloc, duas posturas ganham espaço. Por um lado, certo romantismo idealista alimentado pelas redes sociais. Pois eles agiriam como 'linha de frente no enfrentamento com a polícia', diz um blog anarquista. De outro há uma ojeriza irreduzível. (p. 25)

SD13-"Em uma democracia jovem, desacostumada com **manifestações difusas**, qualquer **protesto fora do script** é temido." (p.25)

SD14-"Durante os **atos** de junho, não faltaram críticas: eles só seriam válidos se pacíficos, por meio da palavra.'Mas como protestar pela palavra se é ela o suporte por meio do qual o Estado de Direito exerce violência?', indaga o professor de teoria política Nildo Avelino, do Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas da UFPB.'É preciso criar novas formas de comunicar: o Black Bloc pode ser uma delas'. "(p. 26)

SD15-"O que explica a aceitação dos **Black Blocs** entre jovens na rede: o fenômeno daria voz a anseios difusos de quebrar a ordem, longe das vias institucionais. Mesma opinião tem o ativista americano John Zerzan, um dos primeiros a defender a tática nos EUA." (p. 26)

SD16-" 'A proeminência das táticas dos Black Blocs em insurreições recentes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, tem alimentado o estereótipo dos anarquistas

como destrutivos', alerta Newman. 'A mídia e as elites os demonizam e usam seus confrontos espetaculares para deslegitimar **protestos mais amplos**'. Um problema mais sério que as depredações." (p. 26)

SD17-"A discussão não passou ao largo de quem foi às ruas em junho no Brasil, quando bases policiais e bancos foram destruídos em **protestos** organizados pelo MPL. O coletivo prestou ajuda jurídica a todos os presos nos protestos, independente do crime a eles imputado." (p. 26)

SD18-"Todas as prisões eram políticas e arbitrárias, diziam. 'A gente tentava evitar que houvesse treta entre os **manifestantes**. Tão ruim quanto o que aconteceu na Paulista, quando os militantes de partidos foram atacados, era quando havia desentendimentos entre **manifestantes** que optam por uma tática ou outra, entre os chamados de pacíficos e os chamados de baderneiros', diz Caio Martins, do MPL." (p.26)

SD19-"Mas, confusa diante dos novos **atos**, a 'esquerda tradicional' evita falar no assunto. Ninguém os defende, com receio de perder apoio de setores mais conservadores, e poucos os criticam, temendo prejudicar a união da chamada voz das ruas." (p. 26)

SD20-"Em 2012, o ativista Chris Hedges os descreveu como o câncer que debelou o **movimento**, até então bem-sucedido em debater a tirania do capitalismo financeiro. O artigo virou um manifesto anti-Black Bloc. Derrick Jensen, a voz mais crítica contra a tática, concorda. 'Sua antipatia contra qualquer forma de organização que iniba sua liberdade de ação faz com que eles tentem destruir até organizações lutando pela revolução social', diz. Jensen é taxativo: para quem busca alcançar conquistas sociais concretas, a tática é um desserviço. 'Atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval não vão arranhar o capitalismo', defende. 'É preciso estratégia, objetivos. E certa ética'. (p. 26)

A revista dá voz a simpatizantes da tática Black Bloc e todas as vezes, como já dissemos, em que usa este termo o grafa com letras maiúscula iniciais (Black Bloc) diferentemente da RV que o usa com as iniciais em minúsculo. Traz também uma definição de Black Bloc diferente da RV: "jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização, cujo lema passa por destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia" (SD4). Assim, como no discurso da RV, há também aqui uma afirmação de que haverá protestos durante a Copa do Mundo,

pois ela tem "espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas" (SD10).

Neste discurso, a posição-sujeito da CC com relação aos protestos traz uma crítica à questão dos protestos pacíficos, na voz do professor de teoria política Nildo Avelino, do Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas da UFPB (SD14), embora a revista não deixe isto claro como sendo seu posicionamento.

Ainda nesta direção, talvez para manter o mito da neutralidade, a revista apresenta discursos favoráveis e discursos contrários à tática, no entanto, há uma profusão de vozes de autoridade favoráveis à tática (prof. Pablo Ortellado, da USP; Saul Newman, professor de teoria política da Goldsmiths University, de Londres; Nildo Avelino, professor de teoria política da UFPB; o ativista e filósofo americano John Zerzan; afora várias falas dos simpatizantes que foram trazidas para o discurso, embora a última palavra tenha sido dada a duas autoridades que são contrários à tática Black Bloc.

A posição sujeito desta materialidade não ataca os manifestantes que aderem à tática Black Bloc e inicialmente não faz diferença entre os manifestantes do MPL e os Black Blocs (SD4), mas posteriormente estabelece uma separação entre os integrantes do MPL e os Black Blocs (SD9).

4.9 Comparação das análises dos discursos das materialidades das revistas Veja e CartaCapital

A imagem da primeira capa da revista Veja analisada (edição 2326) traz diferenças significativas em relação à primeira capa da revista CC (nº 753), primeiramente porque a RV coloca em destaque os protestos e a CC não. Depois, porque a imagem trazida pela RV na capa, além de ser maior, é mais instigante, apelativa, mais forte para o leitor, inclusive no uso do termo *revolta* e na imagem do fogo queimando. Na revista CC, há um destaque pequeno no alto da revista que traz apenas a foto de um rapaz mascarado, usando boné e camisa sem manga e desde a capa a revista anuncia que a polícia age com truculência mediante os protestos.

Fig.04



Fig.21



Também nas imagens de abertura das reportagens se estabeleceram várias diferenças: à alusão ao regime militar ocorre apenas na RV, assim como a ideia de contravenção (pois mostra manifestantes que subiram num poste ornamental diante do Teatro Municipal) e com a sensação de revolta geral, de uma imagem que incita a violência, que traz letras em caixa alta, corpo grande, no topo da página, que dá a impressão de que a imagem está gritando (de estarmos ouvindo os gritos do protesto!!!) ocupando páginas duplas inteiras, trazendo a ideia de totalidade (os protestos ocuparam todo o espaço) e a sensação é de que quem lê é jogado dentro da cena, causando maior impacto no leitor, pois as imagens das duas páginas não são enquadradas por um fundo mais claro, elas são sangradas.²⁸

Fig.05



Enquanto isso, na CC a cor de fundo, em boa parte das reportagens, é o branco (inclusive na parte escrita) que traz a sensação de serenidade, com a imagem dos garotos(as) segurando a bandeira do MPL, transmitindo a ideia de que estão todos juntos pela mesma causa, de que esta é uma manifestação pacífica,

²⁸ Técnica publicitária que significa imprimir a imagem até a marca de corte do papel, ocupando todo o espaço da página com a imagem.

embora haja casos de violências pontuais, como mostram as fotos menores sobre atos de violência dos dois lados, tanto dos manifestantes, como da polícia.

Fig.22



Estas duas edições da Revista RV e CC fazem parte de um momento em que a grande mídia tinha decidido que o seu posicionamento acerca dos eventos seria indefinido. Dessa forma, podemos, então, comprovar que as denominações dadas tanto pela RV, como CC, ao termo *protesto* não sugere que os acontecimentos são nocivos, prejudiciais ou inconvenientes.

No entanto, podemos afirmar que, nesta materialidade, as denominações da RV dada aos manifestantes os fazem ocupar um lugar de sujeitos irresponsáveis, que não têm o que fazer e resolvem se ocupar indo às ruas. É resgate do imaginário do "filhinho de papai", dos playboys de classe média, misturados com os militantes de partidos de esquerda e os punks.

Estas designações organizam uma região de sentidos negativos em torno de manifestantes.

Já as denominações da CC para o termo *manifestantes*, coloca-os no âmbito de estudantes que procuram se posicionar mediante os preços altos das tarifas de ônibus, impactando as despesas das famílias e restringindo o direito de ir e vir dos cidadãos.

Nesse sentido, podemos dizer que a revista CC, neste número assume uma posição com relação aos juízos de valor sobre os protestos e é mais comedida em seu posicionamento diante do que estava ocorrendo.

Já a RV, apresenta certa agressividade (desde a capa) e valorações negativas, fazendo uso de expressões (insurgentes, insufladores...) em sentido figurado, sem contar que há uma certa "tensão" (crescente e fabricada) na narração/argumentação desenvolvida no discurso da revista.

A capa da edição 2327 mostra uma jovem envolvida numa canga de praia, na qual está pintada a bandeira do Brasil, andando/passeando, no que parece ser o fim do protesto do dia 20 de junho, no Rio de Janeiro. Esta capa é apelativa, direta, mais convidativa no sentido de que o leitor participe também dos protestos, como quem enuncia: "o Brasil te chama. Ele precisa de você..." ou "Faça a sua parte...". Esta série de reportagens ao longo desta edição assume a posição sujeito de enaltecer os protestos, imputar ao governo a responsabilidade das insatisfações dos manifestantes e criminalizar os atos dos Black Blocs durante as passeatas.

Fig.06



Na imagem de abertura da edição 2327, que se divide em duas, traz uma imagem de jovens em confronto com a polícia no Palácio Itamaraty e uma foto panorâmica dos protestos na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, onde houve a presença de milhões de manifestantes. As imagens estabelecem uma intericonicidade, construindo o sentido de que houve luta, confrontos com a polícia e bastante adesão popular.

Fig.07



Fig.08



Na segunda materialidade da RV (edição 2328), desde a capa (uma montagem com a imagem do conjunto da Esplanada dos Ministérios ao fundo e a praça dos Três Poderes no primeiro plano, sendo empurrados para um precipício pelos manifestantes - e os ratos, carregando dinheiro, fugindo antes, junto com a

bola - que representa a Copa do Mundo - e a bandeira vermelha - do PT, com o título *ENTÃO É NO GRITO?*, há a construção de um efeito de sentido de que o governo federal atendeu à algumas reivindicações dos manifestantes porque foi pressionado por eles.

Fig.12



Já a imagem de abertura da reportagem desta mesma edição foi dividida em dois planos: manifestantes na praça dos três Poderes e a votação no Congresso sobre a PEC 37, produzindo o sentido de que tudo isso, ou seja, os protestos, começaram a valer à pena, pois a PEC 37 foi derrubada, assim como o aumento das passagens de ônibus.

Fig.13



As imagens que abrem as reportagens da RV continuam com o recurso da sangria, ou seja, dando a ideia de totalidade, pois são levadas até a margem de corte do papel.

A segunda edição da Revista Veja (2327) é aquela em que há o deslizamento da posição sujeito inicial (edição 2326) para uma nova posição adotada por parte das revistas. Dessa forma, podemos, então, comprovar que as denominações dadas pela RV, inicialmente, ao termo *protesto* são menos agressivas, mas na edição 2327 deslizam o sentido para *tumultos*, *revoltas*, *arruaças*, tidos como violentos, sofrem

um novo deslizamento na edição 2328 e passam a ser o *clamor das ruas, movimento concreto* (ou seja, protestos pacíficos, com integrantes da classe média)

Assim como, as denominações para manifestantes também deslizaram: na edição 2326 os manifestantes eram rebeldes sem causa, "filhinhos de papai", mas na edição 2327 são tratados como *turbamulta, libertários independentes, vândalos e anarquistas* para os Black Blocs e na edição 2328 são *integrantes da classe média, que não eram nem nobres nem pobres e essa parcela da população que trabalha duro para educar os filhos e paga impostos que consomem mais de 150 dias de trabalho ao ano; os brasileiros.*

A edição 2335 tem um discurso mais contundente, demonizador dos Black Blocs, desde a capa e traz informações simplistas e, por vezes, equivocadas sobre eles.

Fig.17



Já na edição 2343, há um discurso que defende a repressão, defende o uso da força militar para ferir os manifestantes, inclusive com o uso de balas de borracha e enaltece a PM como uma autoridade capaz de inibir e reprimir quem se insurgir contra o Estado.

Nas materialidades da Revista Veja a posição sujeito se define por responsabilizar a presidenta Dilma Rousseff e o PT pelas insatisfações dos manifestantes; dividir os protestos em dois tipos, os do bem e o do mal; criminalizar os Black Blocs e defender a força policial como necessária para a proteção do Estado de Direito.

Já a capa da revista CC número 754, a segunda analisada, trouxe uma imagem alterada (provavelmente com recursos tecnológicos) de um rapaz segurando um cartaz onde lia-se: "Parem de subestimar o povo", nas cores azul e vermelha, com o título e subtítulo: *NINGUÉM CONTROLA A RUA As tentativas até agora fracassadas de manipular os protestos*, numa referência explícita ao discurso da edição 2327 da RV.

Fig. 23



Com relação às reportagens, enquanto na CC não há opção por imagens sangradas e a cor branca de fundo é sempre preponderante em quase todas as materialidades, a RV dá preferência à imagens totalizadas, com tons mais escuros e cores mais fortes, como o vermelho (da esquerda) e o preto (dos Black Blocs). Por exemplo, observemos as imagens de abertura destas reportagens:

Fig. 16



Fig. 25



As denominações da CC para o termo protesto são simples: *manifestações*, *mobilização*, *ruidosas manifestações*, *ato*, *mobilização popular* na revista nº 753. Mas na revista nº 754, a posição-sujeito desta materialidade desliza, separando

manifestantes que aderem à tática Black Bloc dos manifestantes que integram o MPL e fazendo críticas aos partidos, reconhecendo que houve uma pauta difusa nas reivindicações, mas que eram contrárias a "tudo isso que está aí" e o PT, como estava há dez anos no poder, poderia ser responsabilizado pelos jovens, além de se fazer no mesmo número da revista uma grave crítica ao governo Dilma e ao PT de que as cidades brasileiras não melhoraram nas últimas décadas, o governo Dilma estava há três anos em estado de letargia e desonerações inúteis de impostos e que a "ascensão social do lulismo, ficou claro, esgotara-se".

Nas materialidades da CC nº 756 a revista não trouxe os protestos como matéria de capa, mas tratou deles na seção intitulada *Seu País*, com um discurso de apoio ao governo Dilma e o desejo do retorno do ex-presidente Lula à presidência.

Na materialidade de nº 760, os black blocs são a matéria de capa, que traz um rosto de um mascarado, com o título "BLACK BLOCS Depredação nas ruas", construindo um efeito de sentido de que o discurso da revista vai ser contrário às ações dos Black Blocs, mas em seu conteúdo o discurso sobre este tema é mais ponderado. Talvez esta seja uma estratégia de cooptação de leitores, pois alguns poderiam se sentir incomodados com uma chamada que não atacasse os Black Blocs e assim não houvesse vendagem nas bancas.

Fig.28



Segundo Zoppi-Fontana (2002, p.13), “os processos de identificação do indivíduo com posições de sujeito [...] são de natureza ideológica e se dão pela inscrição do indivíduo na língua afetada pela história”. Também consideramos pertinente, trazer aqui, Volochinov (1981, p. 36) que afirma:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social.

Vale ressaltar, que o autor não se refere à palavra como uma forma abstrata, como objeto de dicionários, mas como signo dotado de valor ideológico. Por essa razão, podemos afirmar que a escolha das palavras para designar protestos e manifestantes, pelas revistas analisadas foi intencional e tem um destino certo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O QUE ME ESPANTOU

Não foi a multidão indo para casa
 (nós no meio dela, disfarçando),
 cabeça baixa, as pernas pesadas,
 seguindo a ordem que o inimigo lhe dava.
 Eram operários, homens e mulheres.
 Eram homens de todas as idades,
 subindo silenciosos a Grande Avenida.
 Nenhum brado, nenhum braço erguido.
 Nem foi a organização perfeita do inimigo,
 a pontaria espantosa de seus aviões,
 o rigor implacável do seu ódio.
 Nem a ingenuidade dos que atenderam
 ao turvo e meloso apelo
 da monstruosidade humana
 repetido pelo rádio.
 Pois acreditaram na idiosincrasia,
 e de mão beijada se entregaram
 ao reino das trevas e do ranger de dentes,
 onde até hoje, tirante os que foram mortos,
 aprendem todos os escalões do escárnio.
 O que me espantou foi o assombro
 que de repente, desorbitado,
 o chão fugindo, o ar faltando,
 eu vi se erguer no olhar, no peito,
 nas mãos que não se achavam,
 daquele companheiro
 marinheiro de tanto mar,
 quando ele compreendeu,
 depois de tanto acreditar amando,
 que as barricadas, os grupos de combate,
 os cordões de milhares, a vanguarda de fogo,
 não iam chegar, não iam se erguer, não,
 e que os planos e projetos de resistência
 (escorriam de brasa as suas lágrimas)
 eram planos e projetos de palavras.
 (Thiago de Mello)

O mito da imparcialidade, da isenção informativa acompanha a imprensa como sendo inerente à sua prática. No entanto, discutimos aqui sobre os mecanismos do funcionamento discursivo que revelam a não imparcialidade dos discursos das reportagens produzidas pelas revistas Veja e CartaCapital sobre os protestos de junho de 2013.

Nesse sentido, é possível confirmar que tanto os discursos das revistas Veja, como de CartaCapital se mostraram parciais, pois assumiram posições contra ou a favor dos protestos, assim como contra ou a favor do governo da presidenta Dilma Rousseff e de seu partido, o PT, demonstrando quais os mecanismos discursivos que revelam esta não neutralidade.

Tendo em vista isto podemos afirmar que as revistas *Veja* e *CartaCapital* construíram discursos heterogêneos sobre as manifestações de junho de 2013, mas, de acordo com seus interesses, a revista *Veja* direcionou o discurso para o viés da criminalização dos protestos e manifestantes que se insurgiram contra o Estado, enquanto a revista *CartaCapital* os viram como instrumentos legítimos da democracia.

Também foi possível observar que o discurso da revista *Veja* distorceu ou simplificou alguns fatos que fizeram parte dos movimentos dos protestos como quem são os Black Blocs, quais os seus objetivos e quais são as razões para este tipo de intervenção ocorrer no Brasil. Silenciou outros como as infiltrações de policiais militares nos movimentos para incitar a violência, manipulou os fatos quando diz que o MPL saiu dos movimentos porque tornou-se irrelevante em poucos dias; apropriou-se de discurso de posições que não são as suas para persuadir o leitor; fez uso de uma imagem como a de capa da edição 2328 que já anunciava uma intenção de derrubada do governo com os manifestantes empunhando a bandeira do Brasil (portanto a classe média) empurrando o Congresso Nacional e o Planalto num penhasco, insatisfeitos com a Copa do Mundo e o PT.

Também ao se posicionar a favor da repressão policial (edição 2343) reforçou o imaginário popular de que só as forças militares podem por ordem neste país, resgatando o imaginário do golpe militar de 1964 quando apresentou-se "como pretexto o propósito de salvar a pátria da corrupção, da desordem, do desmando e do comunismo" (INDURSKY, 2013, p. 320).

O discurso da revista *Veja* quanto ao uso da bandeira do Brasil nos protestos (representando a classe média) em contraposição às bandeiras vermelhas também fabricou a ideia de divisão política e social do país em que aparecem de um lado os militantes de direita (apelidados de *coxinhas*) e os militantes de esquerda (apelidados de *petralhas*). O que resultou nos anos seguintes num forte confronto entre estes dois grupos, depois da reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014 até culminar no golpe que depõe a presidenta em 2016.

As designações dadas a protestos e manifestantes por parte da RV variaram, de acordo com os seus interesses, mas de maneira geral, elas apontaram para a valorização negativa dos termos, quando se tratava de protestos e manifestantes que se insurgiam contra o capitalismo nas ruas das grandes cidades. Trazemos as

palavras de Zoppi-Fontana (2003), estudando as designações sobre os camelôs na cidade de Campinas/SP, para estabelecer uma co-relação com as designações dadas aos termos *protestos* e *manifestantes* nas edições da RV que foram aqui analisadas, dizendo-nos que houve

A valorização negativa da referência através de processos metonímicos que designam o sujeito a partir dos espaços ocupados, e estes, por sua vez, a partir de metáforas bélicas (“praça de guerra”, “campo de batalha”) ou através de alusões diretas (“ponto de banditismo”) ou indiretas (“novo Paraguai”) à marginalidade e, inclusive, à criminalidade. Assim, pelo funcionamento dos processos de designação, a presença dos camelôs é significada no campo da marginalidade, produzindo evidências de sentido que permitem esquivar a elaboração de uma definição não marginalizada do seu estar na cidade e, conseqüentemente, evitar a discussão sobre a legitimidade dos critérios vigentes de organização jurídico-administrativa do espaço público urbano. (p. 252)

Nesse sentido, a RV não fez diferente, pois ela criminalizou os manifestantes que se insurgiram contra o capitalismo, protegeu a classe média, usou os protestos e os espaços da rua para legitimar a autoridade da polícia e colocar os interlocutores a favor da saída da presidenta Dilma Rousseff.

Quanto ao discurso da revista CartaCapital, este apresentou-se heterogêneo com relação ao discurso da RV, pois revelou uma posição sujeito a favor dos protestos e dos manifestantes. Mas, mesmo deixando claro o seu posicionamento, a revista CC foi mais comedida com as palavras.

Também há matérias nas quais o discurso sobre o governo Dilma é culpabilizado e outras que apoiam o seu governo e até justificam que como o PT só estava há dez anos no poder, os jovens manifestantes não teriam memória para justificar as alianças do partido feitas desde a primeira gestão do governo Lula em 2003.

Dessa forma, foi possível demonstrar porque não há neutralidade nos discursos, pois sabemos que não há discurso neutro (este é um pressuposto da AD), das reportagens sobre os protestos de junho de 2013 em nenhuma das revistas, sendo que a revista CartaCapital apresenta um grau distinto da revista Veja com relação a esta não neutralidade, pois, como já dissemos, apresentou mais cuidado com as palavras, não criminalizou os manifestantes, não distorceu os fatos, não inventou-os, não os escamoteou, não legitimou a força policial como instrumento de

repressão aos movimentos, nem usou o discurso da esquerda para minar a própria esquerda.

Esta tese contribui para o entendimento do que está ocorrendo no Brasil a partir dos protestos de junho de 2013 e do uso da mídia sobre isto. A construção de um golpe no governo do PT, destituindo a presidenta Dilma Rousseff, com a retomada da direita no poder por parte da RV é nítida e, como nos mostram as análises, vem sendo contruída, pelo menos, desde 2013.

O título do nosso trabalho “Direita, esquerda, volver...” faz uma alusão a volta dos tempos da ditadura militar, no qual a liberdade de expressão foi suprimida, o direito de manifestação abafado e a Polícia Militar atuou, mais uma vez, como aparelho repressor em nome do Estado. Tudo isto pôde ser visto com as medidas tomadas pela polícia contra os manifestantes: prisões arbitrárias, violência, uso de gases, balas de borracha, cassetetes...Enfim, vivemos a retomada dos tempos da ditadura militar no qual estavam protegidos os que seguiam a *ordem*, sem questionar, sem ousar se rebelar.

A escolha da teoria da Análise do Discurso no nosso trabalho se deu porque acreditamos ser esta a única teoria que melhor trataria sobre as relações entre o discurso, o político e a história. Faço uso das palavras de Pêcheux (2009, p. 281) para dizer sobre os momentos vividos no período de junho de 2013 que, na verdade, se estendem por uma vida inteira para quem defende a luta:

- não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso 'ousar se revoltar'.
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso 'ousar pensar por si mesmo'.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, A. (Org.). **Não é por centavos**: um retrato das manifestações no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Liga, 2014.

ANTUNES, R. As rebeliões de junho de 2013. In: SAMPAIO JR. P.D.A. (org.) **Jornadas de junho** - a revolta popular em debate. São Paulo: ICP, 2014.

ARAGÃO, A.; MEGALE, B. O bloco do quebra-quebra. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 21 de agosto de 2013, edição 2335, ano 46, número 34.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: As não-coincidências do dizer. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**: História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BAPTISTA, I. C. Q.; ABREU, K. C. K. **A história das revistas no Brasil**: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2010. Acesso em 05 de junho de 2016.

BARROCAL, A. É a hora do "quebra-queixo". In: **Revista CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, 10 de julho de 2013, ano XVIII, número 756.

BARROCAL, A.; MARTINS, R. A massa incontrolável. In: **Revista CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, 26 de junho de 2013, ano XVIII, número 754.

BECK, M.; ESTEVES, P. M. da S. O sujeito e seus modos - identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. In: **Revista Leitura**, n. 50. Maceió: Edufal, jul./dez., 2012.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOONE, A.; JOLY, A. **Dicionário Terminológico da Linguagem Sistemática**. Paris: L'Harmattan, 2011.

BRAGA, R. As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível. In: SAMPAIO JR., P. de A. **Jornadas de Junho**: A revolta popular em debate. São Paulo: ICP, 2014.

CABRAL, O. et al. Os sete dias que abalaram o Brasil. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 26 de junho de 2013, edição 2327.

CABRAL, O. Não é que funciona mesmo? In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 03 de julho de 2013, edição 2328.

CAMPOS, L. J. Olhar e imagem: construções basculantes do sujeito na cultura. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

CAVALCANTE, M. do S. A. de O.; MACHADO, F. D. **A ideologia em Lukács: contribuições para os estudos do discurso**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015. (No prelo)

CESÁRIO, A. C. C.; ALMEIDA, A. M. C. Discurso e Ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural. **Human and social science**. Maringá, vol. 32, N.º 1, pp. 1-8, Jan-jun, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COURTINE, J-J. O mentir verdadeiro. In: SWIFT, J. **A Arte da mentira política**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

_____. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. do R. (Org.) **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. **Intericonicidade**. Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Milanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponibilidade em: <http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso em: 02/05/16.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ECO, H. **Número Zero**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. (Versão Kindle)

ESTADÃO ON LINE. **Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap**. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: Um breve preâmbulo. In: FERREIRA, M. C. L. & INDURSKY, F. **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos/SP: Claraluz, 2005.

FLORÊNCIO, A.M.G. et al. **Análise do Discurso**: fundamentos e prática. Maceió: Edufal, 2009.

FOULCAUT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A Língua Inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas/SP: Pontes, 2004.

GAIA, R. **A Política na Mídia e a Mídia Política**. Maceió: Edufal, 2011.

GUEDES, E.M. et al. (Orgs.) **Padrão UFAL de Normalização**. Maceió: EDUFAL, 2012. Disponível em www.ufal.edu.br/...ufal-de-normalizacao-2/...ufal...normalizacao/at.../file. Acesso em 18/06/2016.

GUIMARÃES, E. Os sentidos de cidadão no Império e na República no Brasil. In: GUIMARÃES, E. e ORLANDI, E. (Orgs.) **Língua e cidadania**: o português no Brasil. Campinas/SP: Pontes, 1996. pp. 39-46.

GREGOLIN, M. do R. *Tempos Brasileiros*: percursos da Análise do Discurso nos desvãos da história do Brasil. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J.B.C. dos. (Orgs.) **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2007.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: **Linguasagem**. São Carlos/São Paulo: Ufscar, 1971. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao-hph.php>. Acesso em 18/06/2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

INDURSKY, F. O cidadão na IIIª República Brasileira. In: GUIMARÃES, E. e ORLANDI, E. (Orgs.) **Língua e cidadania**: o português no Brasil. Campinas/SP: Pontes, 1996. pp. 47-55

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LIMA, D.; MEGALE, B. A vitória da baderna. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 16 de outubro de 2013, edição 2343, ano 46, número 42.

LIMA, E. L. **O Tratamento dado pelo Judiciário aos Excessos Perpetrados pelos Movimentos Sociais**. 2014. 28 páginas. Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, na Escola de Magistratura do Rio de Janeiro, disponível em <http://emerj.tjrj.jus.br>, acesso em 20/08/2016.

LOCATELLI, P.; VIEIRA, W. O Black Bloc está na rua. In: **Revista CartaCapital**. São Paulo: Editora Confiança, 07 de agosto de 2013, ano XVIII, número 760.

LUKÁCS, G. **Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP:Unicamp, 1998.

MARTINS, R. Rebeldes com causa. In: **Revista CartaCapital**, São Paulo: Editora Confiança, 19 de junho de 2013, ano XVIII, nº 753.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MEGALE, B. e RANGEL, C. A razão de tanta fúria. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 19 de junho de 2013, edição 2326.

MELO, K. M. S. de; CAVALCANTE, M. S. A. O. . O discurso sobre a educação pública em Alagoas: história, memória e processos de ressignificação. In: CAVALCANTE, M. S. A. O. (Org.). **História e política da educação: teoria e práticas**. 1ªed. Maceió: EDUFAL, 2015, v. 1, p. 63-84.

MELO, I. F. de. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de São Paulo**. Tese de doutorado: USP, 2013.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. **Estudos do Texto e do Discurso: Mapeando Conceitos e Métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

MIOTELO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) **BAKHTIN Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAIS, F. **Chatô: o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**. Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2ª edição. Campinas/SP: Pontes editores, 2011.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo:Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Editora Pontes, 2005.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORTELLADO, P. O Black Bloc e a violência. In: SOLANO, E.; MANSO, B. P. e NOVAES, W. **Mascarados**: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2009.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al (ORGs). **Papel da Memória**. Campinas/SP: Pontes, 1999.

_____. **Ousar pensar e ousar se revoltar: Ideologia, Marxismo e Luta de Classes**. Campinas, SP: Revista Decaláges, ANPOLL, vol. 1, ed. 4, 2013.

_____. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas/SP: UNICAMP, jul/dez. 1990.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (Orgs.) **Legados de Michel Pêcheux** inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011a.

_____. As Ciências Humanas e o "Momento Atual". In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso** - Michel Pêcheux. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011b.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD - 69). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____ ; GADET, F.; HAROCHE, Cl.; HENRY, P. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso** - Michel Pêcheux. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011b.

RAMONET, I. Meios de Comunicação: Um poder a serviço de interesses privados? In: MORAES, D., RAMONET, I. & SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da informação. Rio de Janeiro: Faperj/Boitempo Editorial, 2013.

ROBIN, R. **História e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SAMPAIO JÚNIOR, P. A. (Org.) **Jornadas de Junho**: A revolta popular em debate. São Paulo: ICP, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 26. ed. São Paulo: editora Cultrix, 2004.

SANTOS, S. S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, L. AM (Org). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SERRANO, P. Democracia e liberdade de imprensa. In: MORAES, D., RAMONET, I., e SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TONET, I. Sobre as atuais manifestações. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: Os significados do retorno das manifestações de massas no Brasil. Recife: Ed. do Organizador, 2014.

_____. Educação, Cidadania e Emancipação Humana. Maceió: Edufal, 2005.

VEJA. Os mascarados e os caras-limpas. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 25 de dezembro de 2013, edição 2353, ano 46, número 52.

ZAIDAN FILHO, M. Perguntas e respostas sobre o movimentos das ruas. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massas no Brasil. Recife: Ed. do Organizador, 2014.

ZANDWAIS, A. **O papel das leituras engajadas em Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Porto Alegre, RS: Conexão Letras. Vol. 4, n. 4, 2009, p. 31-40.

ZIZEK, S. (Org.) **Um Mapa da Ideologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon**. Porto Alegre, vol. 17, N.º 35, pp. 245-282, 2003.